

**A EXPLORAÇÃO E A INDECISÃO VOCACIONAIS EM ADOLESCENTES NO
CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO**

Mônica Sparta

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção de grau de Mestre em
Psicologia do Desenvolvimento sob orientação do Prof. Dr. William B. Gomes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento

Porto Alegre, março de 2003

Agradecimentos

Ao professor William Gomes, meu orientador, pelo muito que me ensinou e pela confiança depositada no sucesso das minhas aspirações acadêmicas.

Aos professores Armando Marocco, Cláudio Hutz e Jorge Sarriera, integrantes da banca examinadora, pela disponibilidade e pelas importantes contribuições para o aperfeiçoamento deste estudo.

À professora e amiga Maria Célia Lassance, por ter sido minha grande inspiração.

Aos colegas e amigos Marco Antônio Teixeira e Marúcia Bardagi, pela ajuda constante e valiosa.

Às escolas e aos estudantes que participaram deste estudo, por terem tornado-o viável.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio financeiro.

A este programa de pós-graduação, pela oportunidade de uma excelente formação acadêmica.

Aos meus pais, Neca e Sergio, pelo apoio incondicional.

Ao meu amor, Fred, pelo companheirismo, respeito e admiração.

Sumário

Lista de Tabelas	5
Resumo	6
Abstract	7
1. Introdução	8
1.1. Adolescência, Identidade e Exploração	9
1.2. Orientação Profissional, Desenvolvimento Vocacional e Exploração	12
1.3. Exploração Vocacional	16
1.4. Indecisão Vocacional	20
1.5. Relações entre Exploração e Indecisão Vocacionais	22
1.6. Orientação Profissional e Psicologia Vocacional no Brasil	23
1.7. Características de alunos do ensino médio brasileiro frente ao processo de escolha profissional	27
1.8. Sistema Educacional no Brasil e nos Estados Unidos da América	31
1.9. Objetivos e Hipóteses	34
2. Método	38
2.1. Participantes	38
2.2. Instrumentos	38
2.3. Procedimentos e Considerações Éticas	39
3. Resultados	48
3.1. Desenvolvimento e Validação do Levantamento de Exploração Vocacional	48
3.2. Respostas às Questões de Pesquisa	51
3.2.1. Análises Descritivas	51
3.2.2. Análises Inferenciais	53
4. Discussão	69
4.1. Desenvolvimento e Validação do Levantamento de Exploração Vocacional	69
4.2. Respostas às Questões de Pesquisa	72
4.2.1. Níveis de exploração e indecisão vocacionais	72
4.2.2. Diferenças entre grupos com relação aos níveis de exploração e indecisão vocacionais	73
4.2.3. Relações entre as dimensões da exploração e o nível de indecisão vocacionais	77

4.2.4. Modelos preditivos para o comportamento exploratório e a indecisão vocacionais	78
4.3. Considerações Finais	81
Referências	83
Anexos	
A – Questionário Sócio-demográfico	94
B – Levantamento de Exploração Vocacional	95
C – Escala de Indecisão Vocacional	101
D – Consentimento Informado	103
E – Levantamento de Exploração Profissional	104

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Nomenclatura e definições originais e adaptadas das dimensões do modelo teórico de exploração vocacional	40
Tabela 2 – Subescalas e itens do Levantamento de Exploração Vocacional (LEV)	43
Tabela 3 – Matriz fatorial dos itens do Levantamento de Exploração Vocacional (LEV)	49
Tabela 4 – Estrutura fatorial do Levantamento de Exploração Vocacional (LEV) e consistência interna das subescalas e fatores	50
Tabela 5 – Médias e desvios-padrão das subescalas do LEV	52
Tabela 6 – Distribuição de frequências das posturas frente ao processo de escolha profissional de acordo com o tipo de escola	54
Tabela 7 – Distribuição de frequências das posturas frente ao processo de escolha profissional de acordo com a idade	54
Tabela 8 – Diferenças significativas entre sexos com relação às dimensões da exploração vocacional	55
Tabela 9 – Diferenças significativas entre posturas frente ao processo de escolha profissional com relação às dimensões da exploração vocacional	57
Tabela 10 – Diferenças significativas entre posturas frente ao processo de escolha profissional com relação às dimensões da exploração vocacional: avaliação post hoc	57
Tabela 11 – Matriz correlacional das dimensões da exploração vocacional	60
Tabela 12 – Correlações entre as dimensões da exploração e o nível de indecisão vocacionais	62
Tabela 13 – Modelos explicativos das dimensões da exploração vocacional	65
Tabela 14 – Modelo explicativo do nível de indecisão vocacional	67

Resumo

Este estudo investigou a exploração e a indecisão vocacionais em 659 alunos, de ambos os sexos e com idade média de 16,8 anos ($DP=0,8$), da terceira série do ensino médio de escolas públicas e particulares da cidade de Porto Alegre. A exploração vocacional foi definida como um construto multidimensional e a indecisão vocacional como uma variável unidimensional contínua. Um Questionário Sócio-demográfico, a Escala de Indecisão Vocacional (EIV) e o Levantamento de Exploração Vocacional (LEV) foram os instrumentos utilizados. Uma questão foi criada para a avaliação da postura dos adolescentes frente ao processo de escolha profissional. O LEV foi desenvolvido para a mensuração da exploração vocacional. Os dados foram analisados estatisticamente de forma descritiva e inferencial; neste caso foram realizadas uma análise de variância multivariada, análises de correlação bivariada e análises de regressão múltipla. Os resultados indicaram que os alunos da terceira série do ensino médio possuem níveis médio-altos de exploração vocacional e níveis médio-baixos de indecisão vocacional; que as moças apresentam níveis maiores de exploração e indecisão vocacionais do que os rapazes; que os alunos das escolas particulares acreditam mais nas oportunidades profissionais do que os alunos das escolas públicas; que os jovens engajados no processo de escolha profissional apresentam níveis mais altos de exploração vocacional e níveis mais baixos de indecisão vocacional do que os jovens não engajados e ambíguos; que a maior parte das dimensões da exploração vocacional correlaciona-se positivamente entre si e negativamente com o nível de indecisão vocacional; que a indecisão vocacional e o sexo são importantes preditores para a exploração vocacional; e que a exploração vocacional e a postura frente ao processo de escolha profissional são importantes preditores para a indecisão vocacional. Tais resultados forneceram uma ampla descrição sobre o comportamento exploratório e o sentimento de indecisão vocacionais dos alunos da terceira série do ensino médio, que se encontram em um momento da vida escolar em que são socialmente chamados a definir uma escolha profissional.

Palavras-chave: exploração vocacional, indecisão vocacional, desenvolvimento vocacional, orientação profissional.

Abstract

This study investigated career exploration and indecision in 659 11th grade male and female students, with mean age of 16,8 years ($SD=0,8$), from private and public high schools in Porto Alegre. Career exploration was defined as a multivariate construct and career indecision as a continuous univariate variable. The instruments used were a Social Demographic Questioner, the Vocational Indecision Scale (EIV) and the Vocational Exploration Survey (LEV). A question was created to evaluate the posture of adolescents toward the professional choice process. LEV was developed to measure career exploration. The data was submitted to descriptive and inferential statistic analysis. Multivariate analyses of variance, tests of bivariate correlation and multiple regression were used. Results indicated that 11th grade students have middle-high levels of career exploration and middle-low levels of career indecision; girls have higher levels of career exploration and indecision than boys; private high school students believe more in professional opportunities than public high school students; those individuals engaged in professional choice process have higher levels of career exploration and lower levels of career indecision than those who were disengaged or ambiguous; most dimensions of career exploration have positive correlation with each other and negative correlation with career indecision; career indecision and sex are important predictors of career exploration; and career exploration and posture toward professional choice process are important predictors of career indecision. These results give a wide description about career exploratory behavior and career indecision status in 11th grade high school students, who are asked by Brazilian society to choose a profession in this grade.

Key-words: career exploration, career indecision, career developmenta, career counseling.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período do desenvolvimento humano no qual ocorrem diversas mudanças no indivíduo, não só mudanças biológicas, cognitivas e psicológicas, mas também mudanças com relação aos papéis sociais por ele assumidos. Nas sociedades capitalistas ocidentais, um novo papel social a ser assumido, a partir deste momento da vida, é o de trabalhador, o que coloca a adolescência como um momento de suma importância para os processos de desenvolvimento vocacional e de escolha profissional.

Para que o adolescente possa desenvolver-se e realizar a escolha madura de uma profissão, é importante que ele reflita sobre quem é e quem gostaria de ser e que busque informações sobre as diferentes profissões existentes, o mercado de trabalho, as possibilidades de formação profissional. Este processo de autoconhecimento e de conhecimento do mundo do trabalho chama-se exploração vocacional. Por outro lado, a realização de qualquer tipo de escolha sempre envolve ganhos e perdas, pois no momento em que se faz a opção por um caminho, deixa-se de lado outros caminhos possíveis. Esta característica da escolha faz com que o jovem, colocado na situação de ter que escolher uma profissão, passe por momentos de dúvida frente a este processo, o que é chamado de indecisão vocacional.

É importante salientar que as mudanças nos papéis sociais e os processos de desenvolvimento vocacional e de escolha profissional ocorrem dentro do contexto sociocultural no qual o indivíduo está inserido. Na sociedade brasileira, o jovem que chega ao final do ensino médio é comumente chamado pela comunidade escolar, pela família e pelos amigos a escolher uma profissão, o que torna relevante a investigação das influências do contexto educacional brasileiro sobre a escolha profissional e a assunção do papel de trabalhador deste jovem.

O principal objetivo deste estudo foi levantar informações sobre o comportamento exploratório e o sentimento de indecisão vocacionais em adolescentes inseridos no contexto educacional brasileiro. A exploração vocacional foi definida como um construto multidimensional, que possui como características principais a busca por autoconhecimento e por conhecimento do mundo do trabalho e tem como objetivo central fornecer subsídios ao indivíduo que o auxiliem na definição de autoconceitos ocupacionais e na escolha de uma profissão. A indecisão vocacional foi definida como um construto unidimensional contínuo e representa o grau de dúvida que o indivíduo sente frente às escolhas referentes ao seu futuro educacional ou profissional após o término do ensino médio.

De acordo como o Novo Aurélio Século XXI: Dicionário da Língua Portuguesa (Ferreira, 1999), vocação significa chamamento, predestinação, pendor, aptidão; ocupação significa ofício ou função remunerada, trabalho; e profissão significa atividade ou ocupação especializada, ofício, carreira. As duas últimas palavras têm sentidos aproximados na língua portuguesa, mas diferem bastante da palavra vocação. No entanto, as palavras vocacional, ocupacional e profissional foram utilizadas indiscriminadamente neste estudo como tendo o mesmo sentido. Foram tomadas como adjetivos referentes ao desenvolvimento e às escolhas ligados a questões educacionais e laborais.

As teorias sobre escolha profissional e desenvolvimento vocacional têm origem norte-americana e utilizam largamente a palavra *vocation*. Segundo Crites (1969/1974), a palavra inglesa *vocation* pode ser traduzida para o espanhol tanto como *vocación* quanto como *ocupación* ou *profesión*; Melo-Silva e Jacquemin (2001) propõem que o mesmo se aplica à tradução da palavra inglesa para o português. Carvalho (1995) também defende a não diferenciação entre estes termos, pois, segundo ela, a diferença de significado entre as palavras vocação e ocupação ou profissão passou a ser feita justamente com a tradução das obras norte-americanas para o português. Estas considerações justificam a equiparação entre as palavras citadas acima, já que, na construção teórica original, a palavra *vocation* abarca tanto a idéia de vocação quanto a idéia de ocupação ou profissão.

1.1. Adolescência, Identidade e Exploração

A Psicologia do Desenvolvimento é a área da Psicologia que tem como preocupação central o estudo das mudanças que ocorrem no ser humano ao longo do seu ciclo de vida (Bee, 1994/1997; Berger, 1994; Biaggio, 1996; Pfromm Netto, 1976). É comum que o ciclo vital humano seja dividido em diferentes fases ou estágios, cada qual possuidor de características próprias e específicas. Apesar da existência de uma grande diversidade de classificações do desenvolvimento humano, a adolescência sempre aparece como um de seus estágios.

A adolescência é caracterizada como o período da vida compreendido entre a infância e a idade adulta, é um período de transição no qual o ser humano sofre grandes mudanças biológicas, cognitivas, sociais e psicológicas (Bee, 1994/1997; Steinberg 1999). Não existe uma demarcação exata para os limites da adolescência; no entanto, de acordo com Steinberg (1999), é comumente aceita sua divisão em três fases distintas: a adolescência precoce, que compreende aproximadamente o período entre 11 e 14 anos; a adolescência média, situada aproximadamente entre os 15 e 18 anos; e a adolescência tardia ou juventude, que abarca o período aproximado entre os 18 e 21 anos. Esta divisão, conforme afirma o autor, é feita com

base na estrutura educacional norte-americana e compreende os períodos de transição institucional do ensino primário para o ensino secundário e do ensino secundário para o ensino superior.

Stanley Hall é considerado o primeiro teórico a realizar estudos científicos sobre a adolescência e a construir uma obra bem estruturada, sistemática e ampla sobre a Psicologia do Adolescente (Pfromm Netto, 1976; Steinberg, 1999). No ano de 1904, publicou o livro intitulado *Adolescence: its Psychology and its Relation to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education*, que enfatizou . Nesta obra, foi dada ênfase às mudanças fisiológicas da puberdade. Um importante legado deste autor é a idéia de adolescência como um período de crise, inevitavelmente tumultuado, conflituoso e tenso.

Esta idéia da adolescência como um período de crise foi abalada com os estudos realizados na década de 1930 por Margareth Mead e Ruth Benedict (Pfromm Netto, 1976; Steinberg, 1999). Estas antropólogas estudaram a adolescência em sociedades primitivas e deram ênfase à influência dos fatores sócio-culturais no seu desenvolvimento. Trouxeram a idéia de que a adolescência não é um fenômeno universal, mas uma experiência definida culturalmente que varia no espaço e no tempo.

De acordo com Steinberg (1999), a adolescência é constituída por aspectos universais e aspectos específicos. Suas características universais estão ligadas às mudanças biológicas, cognitivas e sociais próprias deste período. Os aspectos específicos da adolescência são as mudanças psicossociais, produtos da relação entre as mudanças universais e o contexto sócio-cultural onde ocorrem.

As mudanças biológicas estão ligadas à chegada da puberdade, que traz mudanças físicas e a maturação sexual. As mudanças cognitivas trazem consigo uma forma de pensamento mais sofisticada, que envolve abstração e hipotetização e influencia a forma como o indivíduo pensa sobre si mesmo, sobre seus relacionamentos e sobre o mundo a sua volta. As mudanças sociais são mudanças no *status* do indivíduo dentro da sociedade, que permitem a assunção de novos papéis e atividades, como o casamento e o trabalho.

As mudanças psicossociais envolvem o desenvolvimento de cinco aspectos distintos: a identidade (preocupação em saber quem se é como indivíduo, o que envolve atividades de experimentação e exploração), a autonomia (estabelecimento de um senso de independência), a intimidade (formação de relacionamentos próximos e cuidadosos) , a sexualidade (expressão de desejos sexuais e contato sexual) e a realização (transformação do indivíduo em um membro bem-sucedido e competente da sociedade, o que envolve a tomada de decisões sobre escolaridade e profissão). Estas mudanças psicossociais acontecem, nas sociedades ocidentais

contemporâneas, com a interação das mudanças biológicas, cognitivas e sociais com quatro principais contextos: a família, o grupo de pares, a escola e os locais de trabalho e lazer.

A identidade é um dos aspectos mais importantes do desenvolvimento psicossocial do adolescente. Erik Erikson, tem sido o autor mais influente no estudo da formação da identidade. De acordo com Bee (1994/1997), ao lado de Freud, ele é o teórico psicanalítico de maior influência sobre o estudo do desenvolvimento humano. A grande diferença entre estes dois autores é que Erikson não enfatiza o impulso sexual em sua teoria, mas o surgimento gradativo de um senso de identidade, com ênfase na influência sócio-cultural.

Segundo Erikson (1968/1976), o desenvolvimento humano ocorre através de um ciclo vital e é composto por diferentes estágios. Cada estágio está relacionado a uma crise normativa ou psicossocial a ser superada. A palavra crise é empregada por ele em sua teoria não no sentido de instabilidade, tensão e confusão, mas significando um ponto crucial e decisivo para o desenvolvimento normal do ser humano. O termo psicossocial revela sua idéia de interação entre os aspectos psicológicos e sociais no desenvolvimento da personalidade.

Para Erikson, o ciclo de vida é composto por oito fases distintas, cada qual relacionada a uma tarefa evolutiva central que deve ser realizada. A quinta fase possui como tarefa evolutiva o desenvolvimento da identidade e ocorre durante a adolescência. A identidade é, para Erikson, a aquisição de um sentimento subjetivo de unicidade, uniformidade e continuidade. Uma importante característica deste período do desenvolvimento é chamada de moratória psicossocial, o período de tolerância dado pela sociedade ao adolescente para que ele explore alternativas antes de assumir os papéis sociais adultos. Este período de moratória varia para cada sociedade e cada cultura. Ao final deste período, espera-se que o jovem adquira um forte senso de identidade. A incapacidade de resolução da crise psicossocial da adolescência leva à difusão da identidade.

Erikson coloca a escolha de uma profissão como a tarefa mais significativa a ser realizada durante a adolescência. Para ele, a incapacidade do jovem de alcançar uma identidade ocupacional, através desta escolha, é o maior obstáculo à aquisição da identidade individual.

James Marcia ampliou as idéias de Erikson e operacionalizou seu conceito de identidade. Marcia (1966) aponta a existência de diferentes aspectos da identidade individual e propõe como principais a escolha profissional e a escolha ideológica ligada à religião e à política. Ele descreve um modelo de *status* de identidade, que pode ser aplicado separadamente para cada um destes aspectos, baseado na combinação entre duas dimensões distintas: a crise ou exploração e o compromisso. A crise é caracterizada pelo comportamento

exploratório, pelo engajamento na busca de subsídios para a escolha entre alternativas. O compromisso é o grau de investimento feito sobre as escolhas definidas após o período de crise e exploração.

Em seu modelo, Marcia define quatro diferentes *status* de identidade. O primeiro deles é a aquisição da identidade, caracterizado pela passagem por um período de crise e exploração e pelo compromisso com as escolhas feitas. O segundo *status* é a difusão da identidade, caracterizado pela ausência de crise e exploração e pela ausência de compromisso; não há preocupação com escolhas e tomadas de decisão. O terceiro *status* é a moratória, caracterizado pela vivência atual da crise e pelo engajamento na atividade exploratória; o compromisso ainda não foi feito, mas há expectativas com relação a ele. O quarto *status* é a forclusão, caracterizado pela ausência de um período de crise e exploração e pela assunção de compromisso, geralmente com escolhas feitas por outros significativos.

Dentro dos arcabouços teóricos sobre a formação da identidade apresentados por Erikson e por Marcia, duas idéias merecem destaque. A idéia de exploração como um comportamento de busca e de experimentação antes da tomada de decisões é uma delas. A outra, é a ênfase dada à escolha profissional como um importante fator na formação da identidade individual.

Diversas pesquisas, nos últimos anos, têm relacionado o desenvolvimento da identidade, com base nas teorias de Erikson e Marcia, com o desenvolvimento da identidade vocacional, a escolha profissional, a tomada de decisão profissional, o comportamento exploratório e a indecisão vocacional (Blustein & Noumair, 1996; Blustein & Phillips, 1990; Blustein, Devenis & Kidney, 1989; Guerra & Braungast-Rieker, 1999; Kalakoski & Nurmi, 1998; Skorikov & Vondracek, 1998; Vondracek, 1992; Vondracek, Schmitt-Rodermund & Vondracek, 1999; Schulenberg, Skorikov, Gilleppe & Wahlheim, 1995). A exploração, ou comportamento exploratório, é um importante elo entre estas áreas do conhecimento.

1.2. Orientação Profissional, Desenvolvimento Vocacional e Exploração

Frank Parsons é considerado o pioneiro nas áreas da Psicologia Vocacional e da Orientação Profissional (Brown & Brooks, 1996; Carvalho, 1995; Pimenta, 1981; Rosas, 2000; Santos, 1977; Super & Bohn Junior, 1970/1976). Em 1907, criou o *Vocational Bureau of Boston*, um escritório de orientação profissional que tinha a preocupação de auxiliar os jovens norte-americanos a se conhecerem melhor e conhecerem o mundo das profissões. Em 1909, publicou o livro *Choosing a Vocation*, marco formal do início destas áreas do conhecimento. Neste livro, Parsons propôs a existência de três fases fundamentais para a

escolha de uma profissão: o conhecimento de si mesmo, das próprias atitudes, habilidades e interesses; o conhecimento das diferentes ocupações e de suas singularidades; e a busca de relações entre as características do indivíduo e as exigências das diferentes ocupações.

Parsons não criou uma teoria de escolha profissional, mas apenas uma primeira estrutura conceitual. Neste momento inicial, a orientação profissional baseava-se na sistematização de informações profissionais e no estímulo ao autoconhecimento. Foi apenas após a Primeira Guerra Mundial que a Psicologia Diferencial e a Psicometria passaram a exercer grande influência sobre o processo de orientação profissional. Com o aumento da utilização de testes psicológicos no período entre-guerras, o modelo de Parsons evoluiu até o surgimento da Teoria do Traço e Fator. Esta visão da escolha profissional teve seu auge entre as décadas de 1920 e 1930.

A década de 1940 vislumbrou o início de uma mudança de paradigma na orientação profissional. Esta teve início com o desenvolvimento da Terapia Centrada no Cliente de Carl Rogers, que pregava o método de aconselhamento psicológico não-diretivo. Na década de 1950, Ginzberg, Ginsburg, Axelrad e Herma apresentaram uma nova teoria para a escolha profissional que ajudou a enfraquecer o modelo proposto pela Teoria do Traço e Fator. A escolha profissional passou a ser vista como um processo desenvolvimental, que ocorre continuamente ao longo da vida. A partir deste período, várias teorias sobre a escolha profissional surgiram, entre elas teorias do desenvolvimento vocacional, tipológicas, psicodinâmicas, de tomada de decisão, com base na aprendizagem social.

Desde Parsons, diferentes enfoques e teorias sobre a escolha profissional tomaram corpo. Diversos autores (Brown & Brooks, 1996; Crites, 1969/1974; Osipow, 1990; Pelletier, Noiseux & Bujold, 1974/1985) tentaram sistematizar este campo do conhecimento mapeando o seu desenvolvimento com o passar do tempo e com os avanços empíricos e teóricos conquistados, bem como, classificando as diferentes teorias de escolha profissional.

De acordo com Crites (1969/1974), três principais tendências teóricas desenvolveram-se no campo da psicologia vocacional. A primeira delas, nasceu no início do século XX com Parsons e cresceu junto com o desenvolvimento da psicometria. Ela enfatiza as diferenças individuais e ocupacionais e a busca de adequação do indivíduo à ocupação; é conhecida como Teoria do Traço e Fator. A segunda, é a psicodinâmica, influenciada pelas teorias psicanalíticas e preocupada com a influência de impulsos e desejos na escolha de uma profissão e na adaptação ao trabalho. A terceira tendência é a desenvolvimental, que vê a escolha profissional como resultado de um processo que vem caminhando desde o início da vida e que continua evoluindo através do ciclo vital. Além das teorias do traço e fator,

psicanalíticas e desenvolvimentais, Crites também menciona a existência das teorias baseadas na tomada de decisão.

A classificação de Pelletier e colaboradores (1974/1985) inclui quatro grupos distintos de teorias, tendo como base a forma de explicação que propõem para a problemática vocacional. As teorias psicanalíticas, ao lado das teorias que enfatizam fatores sócio-econômicos e culturais, são definidas como teorias deterministas da escolha profissional. A Tipologia de Holland preocupa-se com a definição de tipos de personalidade com base nos interesses profissionais e sua relação com as diferentes áreas profissionais. As teorias de tomada de decisão profissional interessam-se apenas pelos processos decisórios implicados no momento de tomada de decisão e não pelo processo de escolha global. As teorias desenvolvimentais percebem a escolha profissional como um processo e trabalham com as idéias de ciclo vital, fases do desenvolvimento vocacional e tarefas evolutivas.

Mais recentemente, Osipow (1990) e Brown e Brooks (1996) apontaram as teorias sobre escolha profissional que consideram mais importantes na atualidade. Para Osipow estas são a Tipologia de Holland, a Teoria da Aprendizagem Social, as teorias desenvolvimentais, e a Teoria do Ajustamento ao Trabalho de Dawis e Lofquist. Brown e Brooks consideram seis referenciais teóricos: a Tipologia de Holland, a Teoria do Ajustamento ao Trabalho de Dawis e Lofquist, a Teoria da Aprendizagem Social de Krumboltz, a Teoria das Aspirações Ocupacionais de Gottfredson, a Teoria Desenvolvidora de Super e a Perspectiva Sociológica da Escolha Profissional.

Em todas estas classificações, as teorias desenvolvimentais da escolha profissional aparecem como sendo um dos referenciais teóricos mais importantes nesta área do conhecimento. O teórico de maior destaque da perspectiva desenvolvimental é Donald Super. No ano de 1951, Super e seus colaboradores iniciaram o Estudo de Padrão de Carreira, estudo longitudinal que teve como objetivo a elaboração de uma teoria da escolha profissional baseada na Psicologia do Desenvolvimento (Super & Bohn Junior, 1970/1976). Em 1957 foi produzida a primeira monografia com base em tal estudo (Super & cols., 1957). A Teoria de Desenvolvimento Vocacional de Super baseou-se na idéia de que o desenvolvimento vocacional é um aspecto do desenvolvimento individual e que ocorre ao longo da vida, da infância à maturidade, através de uma série de estágios seqüenciais e contínuos, cada qual com características próprias e com questões específicas a serem resolvidas (Super, 1957; Super & cols., 1957). Tal teoria foi construída com base nos estágios do desenvolvimento vital propostos por Charlotte Buehler na década de 1930, crescimento (até 14 anos), exploração (dos 15 aos 25 anos), estabelecimento (dos 25 aos 45 anos), manutenção (dos 45

aos 65 anos) e declínio (após 65 anos), cada qual relacionado a tarefas evolutivas específicas a serem resolvidas. A avaliação do desenvolvimento vocacional pode ser feita através da mensuração da maturidade vocacional. Esta consiste na posição que o indivíduo ocupa com relação aos estágios do desenvolvimento vocacional, bem como com relação às tarefas evolutivas e aos comportamentos necessário para realizá-las.

O estágio de exploração corresponde ao período da adolescência, período de adaptação cultural para a adultez, caracterizado pela atividade exploratória e pela definição de autoconceitos vocacionais. Ele também é caracterizado pela necessidade de resolução de diversas tarefas evolutivas ligadas à escolha profissional: a cristalização de preferências vocacionais, a especificação de uma escolha profissional e a implementação ou realização desta escolha. (Super, 1957; Super, 1963; Super & cols., 1957; Super, Savickas & Super, 1996). Estas três tarefas ocorrem respectivamente durante a adolescência inicial (14-18 anos), a adolescência tardia (18-21) e a adolescência tardia e o início da idade adulta (18-25 anos).

Em 1976, Super apresentou uma grande reformulação de sua teoria (Super, 1980; Super & cols., 1996). O construto chamado *life-career rainbow* foi proposto com o objetivo de descrever de forma mais adequada o desenvolvimento vocacional ao longo da vida, unindo duas dimensões distintas: os estágios de desenvolvimento vocacional, que constituem o ciclo vital, e os papéis sociais assumidos pelo indivíduo, que formam o contexto vital. Super substituiu a idéia de linearidade do processo de escolha profissional pela de circularidade e propôs que os estágios do desenvolvimento vocacional repetem-se ao longo do ciclo vital, conforme as necessidades de reformulação das escolhas profissionais feitas.

Na década de 1970, Pelletier e colaboradores (1974/1985) operacionalizaram os conceitos da Teoria do Desenvolvimento Vocacional de Super e criaram um processo de intervenção com o objetivo de proporcionar o desenvolvimento de habilidades e atitudes cognitivas subjacentes às tarefas evolutivas do estágio exploratório, o Modelo de Ativação do Desenvolvimento. Estes autores incluíram a exploração como uma das tarefas evolutivas a serem realizadas durante a adolescência, ao lado da cristalização, da especificação e da implementação. Os autores descreveram uma série de habilidades e atitudes cognitivas específicas necessárias para a realização de cada tarefa. A tarefa de exploração é basicamente um comportamento de solução de problemas, que envolve atividades como a experimentação, a investigação e a formulação de hipóteses e está fortemente vinculado à busca ativa de novidade e mudança, à observação e à curiosidade, à iniciativa por ensaio e erro, às

identificações sucessivas e múltiplas, à produção de hipóteses, ao gosto pelo risco e ao desejo de autonomia.

Uma questão importante incluída por Pelletier e seus colaboradores em sua estrutura conceitual foi a idéia de que a exploração vocacional só inicia quando o adolescente é capaz de perceber a escolha profissional como um problema a ser resolvido. Sendo assim, a motivação para a exploração aparece como a primeira sub-tarefa da tarefa evolutiva de exploração vocacional. Bohoslavsky (1977/1996) ratificou esta idéia ao identificar como pré-dilemáticos os jovens que ainda não perceberam a exploração vocacional como uma necessidade, que ainda não se mostraram preocupados de forma realista com a escolha de uma profissão.

A idéia de exploração como um importante fator do desenvolvimento vocacional está presente na teoria de Super, bem como nas demais teorias desenvolvimentais e nas teorias derivadas da sua. No entanto, a idéia de que, para escolher uma profissão de forma madura e consciente o indivíduo deve explorar a si mesmo e ao mundo do trabalho, já estava presente no movimento que deu origem à Psicologia Vocacional e à prática de Orientação Profissional com Frank Parsons no início do século XX. Esta constatação serve para fortalecer a idéia de que a exploração vocacional é um fator central no processo de escolha profissional, cuja influência merece ser largamente investigada.

1.3. Exploração Vocacional

O primeiro autor a sistematizar o conceito de exploração vocacional foi o teórico desenvolvimental da escolha profissional Jean Pierre Jordaan. Jordaan (1963) contextualizou este conceito buscando sua origem na Psicologia Experimental, sua presença na Psicologia do Desenvolvimento e sua relevância para Psicologia Vocacional.

Foi a Psicologia Experimental que primeiro desenvolveu estudos sobre o comportamento exploratório, geralmente com animais em laboratório, enfatizando fenômenos breves e simples. Já nestes estudos, surgiu a idéia da exploração como fornecedora de informações. A Psicologia do Desenvolvimento, inicialmente, utilizava pouco o conceito de exploração e, quando o utilizava, o vinculava mais à infância do que à adolescência. Charlotte Buehler, na década de 1930, utilizou o conceito de exploração em sua teoria sobre o desenvolvimento humano e a definiu como uma característica da adolescência. Na Psicologia Vocacional o termo exploração apareceu pela primeira vez no trabalho de Parsons. Neste momento inicial da Psicologia Vocacional e da Orientação Profissional, o comportamento exploratório ocupava lugar de destaque como instrumento de busca de autoconhecimento e de

conhecimento sobre as diferentes profissões; porém, com a ascensão dos testes psicométricos, a atividade exploratória como parte da escolha profissional passou a ser negligenciada.

Apenas com o surgimento dos teóricos do desenvolvimento vocacional, a exploração voltou a ser vista como uma atividade essencial para o processo de escolha profissional. Jordaan aponta Ginzberg, Ginsburg, Axelrad e Herma como os primeiros teóricos que, na década de 1950, trouxeram uma perspectiva desenvolvimental para dentro da Psicologia Vocacional. Estes autores atribuíram à exploração um papel central neste processo de escolha e a definiram como um dos estágios da escolha profissional realista, caracterizado pela experimentação e pela busca de conhecimento sobre si mesmo e sobre o mundo.

De acordo com Jordaan, apesar desse interesse dos teóricos do desenvolvimento vocacional pela exploração, sua preocupação centrou-se apenas na descrição do estágio exploratório, na definição das atividades que geram a exploração e nos resultados do comportamento exploratório. Não houve a preocupação com a natureza do processo exploratório em si, processo este que, apesar de caracterizar a adolescência, também ocorre nos diferentes estágios da vida.

O objetivo de Jordaan, em seu trabalho de 1963, foi propor uma formulação teórica sobre a exploração enquanto um processo. Para ele, a exploração possui cinco elementos essenciais: a pesquisa, a experimentação, a investigação, a tentativa e o teste de hipóteses; e é, essencialmente, um comportamento de solução de problemas. Diferentes situações-problema podem dar origem ao comportamento exploratório, entre estas situações estão: consciência sobre a necessidade de obter mais informações sobre si mesmo ou sobre o ambiente; incerteza sobre as expectativas externas com relação a um determinado papel social; sentimentos de falta de uma base adequada para o planejamento, a escolha ou tomada de decisão; sentimentos de necessidade de um plano para alcançar determinado objetivo; desejo de emoção, estímulo e risco; desejo de mudança.

Outra característica essencial do comportamento de exploração é o seu caráter proposital e voluntário. Para que a exploração possua este caráter, deve necessariamente envolver pesquisa, experimentação, investigação, tentativa ou teste de hipóteses. Por outro lado, o que determina se uma atividade exploratória é vocacional é também o propósito e a vontade mediante a qual ela ocorre; entretanto, a informação obtida de forma casual ou através de comportamento exploratório não-vocacional pode ser posteriormente utilizada para exploração vocacional.

Jordaan também trouxe a importante idéia de que a exploração é um construto multidimensional, propondo a existência de 10 dimensões distintas. Com base neste

pressuposto, Stumpf e Colarelli (1980) deram início a um trabalho de operacionalização do construto de exploração vocacional e, para tanto, utilizaram seis dimensões teóricas propostas por Jordaan (1963). Estes autores relacionaram cada dimensão a três objetos de exploração vocacional: ocupações, empregos e empresas.

Um modelo de exploração de carreira emergiu deste estudo preliminar composto por 16 dimensões distribuídas em três categorias distintas: Processo de Exploração, Reações à Exploração e Crenças sobre a Exploração. (Stumpf, Colarelli & Hartman, 1982). Tal modelo deu origem ao *Career Exploration Survey* (CES), instrumento para a mensuração da exploração vocacional em alunos não-graduados e graduados do *college* norte-americano formado por 59 itens distribuídos em um conjunto de 16 subescalas, correspondentes às 16 dimensões teóricas, agrupadas nas três categorias citadas acima (Stumpf, Colarelli & Hartman, 1983). A categoria Processo de Exploração é formada por sete dimensões: Exploração do Ambiente, Exploração do *Self*, Número de Ocupações Consideradas, Exploração Intencional-sistemática, Frequência, Quantidade de Informação e Foco. Estas dimensões respondem a quatro questões essenciais do comportamento exploratório: onde, como, quanto e o que se explora. A categoria Reações à Exploração relaciona-se aos sentimentos provocados pelo processo de exploração vocacional e é composta por três dimensões: Satisfação com a Informação, Estresse de Exploração e Estresse de Decisão. A categoria Crenças sobre a Exploração é definida como o conjunto de percepções conscientes, sejam realistas ou não, que o adolescente tem sobre o processo de exploração vocacional. Ela abarca seis dimensões diferentes: Perspectiva de Emprego, Certeza dos Resultados da Exploração Vocacional, Instrumentalidade para Busca Externa, Instrumentalidade para Busca Interna, Instrumentalidade de Método e Importância da Obtenção da Ocupação Pretendida.

Desde que foi publicado, este instrumento tem sido largamente utilizado nas pesquisas internacionais sobre exploração vocacional (Bartley & Robitschek, 2000; Blustein, 1988; Blustein & Phillips, 1988; Blustein, Pauling, DeMania & Faye, 1994; Ketterson & Blustein, 1997; Robitschek & Cook, 1999; Taveira, Silva, Rodriguez & Maia, 1998; Webel, 2000). Há poucos anos, foi traduzido e começou a ser adaptado para a realidade brasileira com o título de Levantamento de Exploração Profissional (LEP) (Frischenbruder, 1999; Frischenbruder, Teixeira, Sparta & Sarriera, 2002).

Nos últimos anos, novas idéias acerca da exploração vocacional têm surgido. Novas formas de entender o processo de exploração vocacional e as influências sofridas por ele são as questões mais atuais nesta área da Psicologia Vocacional.

Blustein (1997) propõe que a exploração vocacional deva ser repensada a partir do modelo *life-career rainbow* desenvolvido por Super na revisão de sua teoria (Super, 1980; Super & cols., 1996). Este modelo, inclui, além da perspectiva desenvolvimental, uma perspectiva contextual do desenvolvimento vocacional e Blustein propõe a assunção de uma perspectiva contextual também no estudo da exploração vocacional. Ele acredita que a exploração vocacional é influenciada tanto por fatores internos quanto por fatores externos ao indivíduo, estes fatores contextuais abarcam desde o ambiente familiar até o ambiente sócio-cultural e histórico no qual o indivíduo está inserido. Este modelo adaptativo de Super pode, de acordo com Blustein, suprir a lacuna dos estudos sobre a influência dos fatores externos no comportamento exploratório.

Flum e Blustein (2000) acreditam na necessidade de um revigoramento na teoria e na pesquisa em exploração vocacional. Eles reafirmam a idéia de Jordaan (1963) sobre a importância de a exploração ser vista como um processo que se mantém ao longo da vida do indivíduo; enfatizam a existência de fatores internos e fatores externos que influenciam o comportamento exploratório; destacam a importância do modelo *life-career rainbow* de Super (Super, 1980; Super & cols., 1996) para futuros estudos na área; e propõe o incremento do estudo da exploração vocacional através da investigação de sua relação com a identidade, a motivação e as influências contextuais (relacionais, sócio-culturais e históricas).

Diversas pesquisas sobre exploração vocacional têm sido realizadas nos últimos anos no ambiente internacional. Há trabalhos que buscam identificar relações entre a exploração e características sócio-demográficas, como sexo, nível de escolaridade e idade (Bartley & Robitschek, 2000; Taveira & cols., 1998). Outros buscam relações entre a exploração vocacional e características individuais, como iniciativa de crescimento pessoal, auto-eficácia, estilos de *coping*, grau de motivação, estilo de tomada de decisão, *status* de identidade, expectativas com relação aos resultados da exploração, ansiedade contextual (Bartley & Robitschek, 2000; Betz & Voyten, 1997; Blustein, 1988; Blustein & cols., 1994; Blustein & Phillips, 1988; Kracke, 2002; Robitschek & Cook, 1999). Outros ainda, buscam verificar relações entre a exploração vocacional e fatores contextuais, como a educação, os comportamentos parentais, o apego entre pais e filhos, a influência dos pares, a busca de emprego (Amundson & Penner, 1998; Ketterson & Blustein, 1997; Kracke, 1997; Kracke, 2002; Werbel, 2000). No Brasil, foi realizado um estudo para verificar as relações existentes entre a exploração vocacional e o autoconceito em alunos da terceira série do ensino médio (Frischenbruder, 1999).

1.4. Indecisão Vocacional

A tomada de decisão vocacional é um aspecto específico do processo de desenvolvimento vocacional e está diretamente relacionada à definição de uma escolha profissional. Por tais motivos, os estudos que vêm sendo realizados nesta área, costumam demonstrar uma grande preocupação com a aplicação prática do conhecimento produzido para a área de aconselhamento psicológico (Guerra & Braungart-Rieker, 1999; Heppner & Hendricks, 1995; Jones, 1989; Osipow, 1999; Saunders, Peterson, Sampson & Reardon, 2000; Savickas, 1995; Vondracek, Hostetler, Schulenberg & Shimizu, 1990).

O processo de tomada de decisão vocacional inclui momentos de indecisão e de decisão frente à escolha de uma carreira profissional. O estudo da indecisão, enquanto parte deste processo, evoluiu através do tempo, tornando o conceito de indecisão cada vez mais complexo. De acordo com Savickas (1995), o estudo da indecisão enquanto um fenômeno objetivo passou por três fases distintas, cada qual conceituando este construto de uma forma própria: a indecisão como polaridade oposta à decisão, a indecisão como uma das pontas de um *continuum* até a decisão, a indecisão como um construto multidimensional.

Segundo este autor, a idéia da indecisão como parte de uma dicotomia, cujo lado oposto é a decisão, surgiu com Parsons no início do século e perdurou até a década de 1980. Pesquisas nesta área utilizaram esta idéia de indecisão entre as décadas de 1930 e 1980. No aconselhamento psicológico, era comum a classificação dos indivíduos como decididos ou indecisos e a indecisão era vista como imaturidade ou psicopatologia, o que levava à busca da “cura” da indecisão através do processo de aconselhamento.

A partir da metade da década de 1970, a indecisão passou a ser vista como um *continuum* unidimensional. A indecisão passou a ser medida através de escalas que proporcionavam o acesso à posição do indivíduo neste *continuum*. Dois importantes autores que difundiram esta posição teórica foram, segundo Savickas, Holland e Osipow, cada um tendo construído um instrumento para acessar o grau de indecisão, *Vocational Decision-Making Difficulties Scale* e *Career Decision Scale*, respectivamente, ambos publicadas na década de 1970.

Atualmente, a indecisão tem sido vista como um construto multidimensional, o que contribui para a idéia de que existem varias formas distintas de indecisão, conforme a dominância das diferentes dimensões. Esta idéia tem gerado uma nova geração de escalas que pretendem medir as dimensões da indecisão. Entre elas foram apontadas por Savickas: *My Vocational Situation*, de Holland, Daiger e Devenis; *Commitment to Career Choice*, de

Blustein, Ellis e Devenis; *Career Decision Profile*, de Jones; e *Career Factors Inventory*, de Chartrand, Robbins, Morrill e Boggs, todas produzidas nas décadas de 1980 e 1990.

Para Savickas, os estudos que vêm sendo realizados a partir desta definição multidimensional da indecisão vocacional não têm trazido muitos benefícios para o aconselhamento psicológico. A causa desta situação é a descontextualização e a despreocupação com a experiência subjetiva da indecisão por parte dos teóricos e pesquisadores que a investigam.

Outra questão de grande relevância para o estudo da indecisão e para a sua aplicação no aconselhamento psicológico é a sua definição como um processo normal do desenvolvimento vocacional (Gómes, 1995; Osipow, 1999; Savickas, 1995). Gómes (1995) e Savickas (1995) acreditam que a indecisão vocacional é um comportamento normal de hesitação frente a uma transformação, é um momento evolutivo do desenvolvimento normal, que se resolve com o tempo ou com um assessoramento adequado. Gómes (1995) e Osipow (1999) diferenciam a indecisão vocacional da indecisividade. A indecisão faz parte do desenvolvimento, sua presença é normal durante os momentos de tomada de decisão. Sendo assim, o indivíduo passa por ciclos de decisão/indecisão durante toda sua vida profissional. Indecisividade, por outro lado, é um traço de personalidade, que caracteriza o indivíduo pela presença de um sentimento de indecisão contínuo frente às escolhas profissionais. Krumboltz (1992) define a indecisão como uma tarefa saudável, que oferece tempo adicional para que o indivíduo possa tomar uma decisão legítima, baseada num planejamento futuro.

Estudos internacionais na área de indecisão vocacional têm relacionado a indecisão com a imaturidade no senso de identidade ou com os diferentes *status* de identidade (Guerra & Braungart-Rieker, 1999; Vondracek, Schullenberg, Skorikov, Gillespie & Wahleheim, 1995), com dimensões da personalidade (Newman & Gray, 1999), com a influência familiar (Guerra & Braungart-Rieker, 1999; Lopez & Andrews, 1987; Santos & Coimbra, 2000), com a ansiedade (Fuqua, Newman & Seaworth, 1988), com crenças irracionais, gerais e específicas (Stead, Watson & Foxcroft, 1993), com pensamentos disfuncionais e depressão (Saunders & cols., 2000). Outros estudos estão claramente preocupados em identificar as diferentes dimensões da indecisão vocacional, em definir grupos de indivíduos indecisos com características distintas ou em construir instrumentos capazes de identificar diferentes grupos de indivíduos indecisos (Fuqua, Blum & Hartman, 1988; Jones, 1989; Larson, Happner, Ham & Dugar, 1988; Lucas & Epperson, 1990; Schullenberg, Shimizu, Vondracek & Hostetler, 1988; Vondracek & cols., 1990). Um último conjunto de estudos pretende diferenciar a indecisão da indecisividade (Heppner & Hendrides, 1995).

No Brasil, alguns trabalhos foram produzidos nesta área da Psicologia Vocacional. Alguns deles preocupados em relacionar a indecisão vocacional com outras variáveis, como a exploração vocacional (Magalhães, 1995; Magalhães, Lassance & Gomes, 1998), e a indiferenciação dos interesses profissionais e das características da personalidade (Primi & cols., 2001). Outros relacionados ao desenvolvimento de instrumentos para a mensuração da indecisão vocacional (Teixeira & Gomes, 1999; Teixeira & Magalhães, 2001; Teixeira, Bardagi, Sparta & Gomes, 2002) e para a identificação de suas causas (Primi & cols., 2000).

1.5. Relações entre Exploração e Indecisão Vocacionais

Nenhum estudo foi encontrado cujo objetivo central fosse a busca de relações entre a exploração e a indecisão vocacionais. No entanto, alguns estudos apresentaram dados interessantes sobre relações entre estes construtos ou entre construtos similares.

Blustein e colaboradores (1994) realizam um estudo cujo objetivo foi verificar a existência de relações entre a exploração vocacional e o progresso na tomada de decisão. Para tanto, testaram as relações entre este e três dimensões da exploração vocacional: Exploração Intencional-sistemática, Quantidade de Informação e Foco. As dimensões da exploração vocacional foram mensuradas pelas três subescalas correspondentes do *Career Exploration Survey* (CES) (Stumpf & cols., 1983) e o progresso de tomada de decisão foi definido como a evolução através de diferentes estágios de tomada de decisão, que vão da indecisão à implementação de uma escolha, passando pela tomada de decisão em si. Os resultados do estudo apontaram para uma correlação significativa entre o progresso na tomada de decisão e duas das três dimensões da exploração vocacional avaliadas: Exploração Intencional-sistemática e Quantidade de Informação. De acordo com os resultados desta pesquisa, quanto mais evoluído o estágio de tomada de decisão no qual o indivíduo encontra-se, mais exploração intencional-sistemática realiza e maior quantidade de informação possui.

Um estudo realizado por Betz e Voyten (1997) buscou verificar a capacidade preditiva de determinadas variáveis sobre o processo de exploração e a indecisão vocacionais. Os resultados indicaram que as expectativas sobre o resultado da exploração vocacional são o seu melhor preditor e as crenças na auto-eficácia são o melhor preditor da indecisão vocacional. No entanto, a indecisão vocacional apareceu nos resultados como um importante preditor da exploração vocacional. Estudantes com maior grau de indecisão vocacional apresentaram mais planos de exploração vocacional.

Magalhães (Magalhães, 1995; Magalhães & cols., 1998) investigou a indecisão vocacional em adolescentes brasileiros através de um estudo fenomenológico cujo objetivo foi

entender a experiência subjetiva da indecisão e esta foi definida como a dificuldade de escolha de um curso superior ao final do ensino médio. Todos os adolescentes que participaram do estudo estavam passando por um processo de orientação profissional e pretendiam escolher um curso superior para o qual prestar vestibular. A indecisão foi relacionada com diferentes variáveis, tendo sido uma delas a exploração vocacional. Os resultados da pesquisa indicaram a existência de dois grupos de adolescentes, os decididos e os indecisos. Os adolescentes decididos mostraram uma maior iniciativa para o comportamento exploratório relativo a aspectos pessoais e ambientais. Os adolescentes indecisos mostraram um comportamento exploratório insuficiente e qualitativamente imaturo.

1.6. Orientação Profissional e Psicologia Vocacional no Brasil

A Psicologia Vocacional chegou ao Brasil através de sua forma aplicada, a Orientação Profissional, e esta chegou estreitamente vinculada à Seleção Profissional, à Psicologia Diferencial e à Psicometria. Em 1924, o engenheiro Roberto Manguie implementou um serviço de seleção e orientação profissional para os alunos do Liceu de Artes e Ofícios da cidade de São Paulo, o que é considerado o marco do início da orientação profissional no país (Carvalho, 1995; Rosas, 2000; Santos, 1977).

Nas décadas de 1930 e 1940, a Orientação Profissional brasileira aproximou-se da Educação. Em 1934, com a introdução do Serviço de Educação do Estado de São Paulo, por iniciativa de Lourenço Filho (Freitas, 1973). Em 1942, com a promulgação da lei conhecida como Capanema, que versava sobre a organização do ensino secundário, estabelecia a atividade de Orientação Educacional e atribuía a esta o auxílio na escolha profissional dos estudantes (Lourenço Filho, 1955/1971).

No ano de 1947, a Orientação Profissional brasileira sofreu um grande avanço com a fundação, na cidade do Rio de Janeiro, do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que teve como primeiro diretor o psicólogo e psiquiatra espanhol Emílio Mira y López (Carvalho, 1995; Freitas, 1973; Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais, 1990; Rosas, 2000). Os objetivos do ISOP eram o desenvolvimento de métodos e técnicas de psicologia aplicada ao trabalho e à educação. Suas principais atividades eram o desenvolvimento de instrumentos psicológicos para a seleção e a orientação profissional, o atendimento ao público e a formação de novos especialistas neste campo da psicologia aplicada (Freitas, 1973; Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais, 1990).

Desde o seu nascimento, na década de 1920, a Orientação Profissional brasileira pautou-se pelo modelo da Teoria do Traço e Fator; isto é, pelas idéias de que o processo de orientação profissional é diretivo e o papel do orientador profissional é o de fazer diagnósticos, prognósticos e indicações das ocupações certas para cada indivíduo, o que foi feito desde o início com base na Psicologia Aplicada, especialmente na Psicometria. No entanto, o desenvolvimento da Psicologia como uma ciência independente no Brasil, que culminou com a criação dos cursos de psicologia e a regulamentação da profissão de psicólogo através da promulgação da Lei 4.119 de 27 de agosto de 1962 (Brasil, 1962), exerceu grande influência e provocou grandes mudanças no rumo da Orientação Profissional brasileira. Em primeiro lugar, estas mudanças levaram a uma modificação nos objetivos do ISOP, que ampliou seu campo de interesses, parou de prestar atendimento ao público e passou a oferecer formação no nível de pós-graduação (Freitas, 1973; Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais, 1990). Em contrapartida, os processos de orientação profissional passaram a ser realizados em consultórios particulares e foram largamente influenciados pela Psicologia Clínica e a Psicanálise (Carvalho, 1995; Melo-Silva & Jacquemin, 2001; Rosas, 2000).

Da mesma forma como ocorreu no ambiente internacional, a Orientação Profissional no Brasil também sofreu uma importante mudança de paradigma, principalmente a partir da década de 1970. No entanto, esta mudança foi bastante singular em nosso meio. Ela vinculou-se fortemente à Psicologia Clínica e à Psicanálise, principalmente através da difusão da Estratégia Clínica do psicólogo argentino Rodolfo Bohoslavsky (Bohoslavsky, 1977/1996), introduzida em nosso meio por Maria Margarida de Carvalho. (Carvalho, 1995; Carvalho, 2001). Carvalho, que foi a primeira professora da disciplina de Orientação Profissional do curso de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), também destacou-se na Orientação Profissional brasileira por ter sido a idealizadora do processo de intervenção grupal, largamente utilizado pelos orientadores profissionais na atualidade.

Também na década de 1970, a vinculação da Orientação Profissional com a Educação foi reforçada, o que ocorreu através da promulgação da Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, que determinou novas diretrizes e bases para os ensino de primeiro e segundo graus (Brasil, 1971). De acordo com esta lei, a Orientação Educacional e o Aconselhamento Vocacional tornaram-se obrigatórios nas escolas, sob responsabilidade dos Serviços de Orientação Educacional (SOE). Porém, o desenvolvimento sistemático de processos de orientação profissional dentro das escolas nunca saiu do papel, tendo havido apenas iniciativas isoladas, geralmente pautadas somente pela informação profissional (Ferreti, 1980).

A produção científica nas áreas da Psicologia Vocacional e da Orientação Profissional entrou em declínio com as mudanças ocorridas no ISOP, com a transferência dos processos de intervenção para os consultórios particulares, com a mudança no paradigma teórico e apesar da obrigatoriedade da realização de processos de orientação profissional nas escolas. No entanto, a criação a Associação Brasileira dos Orientadores Profissionais (ABOP), em 1993, que teve como objetivos a promoção da unificação e da retomada do desenvolvimento da Orientação Profissional em nosso país, trouxe um novo vigor para estas áreas, incentivando debates teóricos e técnicos e servindo como alavanca pra a retomada da produção de conhecimento empírico e teórico (Carvalho, 1995; Lisboa, 2000; Melo-Silva & Jacquemin, 2001; Soares, 1999).

Atualmente, várias linhas teóricas coexistem no ambiente nacional. A mais difundida continua sendo a Abordagem Clínica de Bohoslavsky (1977/1996), baseada nas idéias de Rogers de não-diretividade no processo de intervenção, na Escola Inglesa de Psicanálise, principalmente em Melanie Klein, e na Psicologia do Ego norte-americana. A Teoria do Desenvolvimento Vocacional de Donald Super (Super, 1957; Super & cols., 1957; Super & cols., 1996) e o Modelo de Ativação do Desenvolvimento de Pelletier e seus colaboradores (Pelletier & cols., 1974/1985) são a base teórica da Abordagem Integrada, desenvolvida por Maria Célia Lassance no Serviço de Orientação Profissional (SOP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (Lassance, 1999), e do Modelo de Ativação da Aprendizagem, desenvolvido por Maria da Glória Hissa e Maria Pinheiro (Hissa & Pinheiro, 1997; Hissa & Pinheiro, 2002). O Modelo de Orientação Profissional dentro do Processo de Ensino-aprendizagem, proposto por Ferreti (Ferreti, 1980; Ferreti, 1988), também toma o Modelo de Ativação do Desenvolvimento como base. A Tipologia RIASEC de Holland, que define os interesses pessoais como expressões de diferentes tipos de personalidade, (Spokane, 1996; Holland, 1966/1975) vem sendo estudada e utilizada em processos de intervenção por Armando Marocco, da Universidade do Rio dos Sinos (UNISINO), no Rio Grande do Sul, através da utilização do Teste Visual de Interesses (Marocco, 1991; Marocco, Tétréau & Trahan, 1984; Tétréau, Marocco & Trahan, 1999). Diversas teorias da perspectiva ecológica do comportamento humano servem de base para o Paradigma Ecológico desenvolvido por Jorge Sarriera, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) (Sarriera, 1998; Sarriera, 1999). Este paradigma assume a importância da interação entre indivíduo e ambiente e é utilizado para a compreensão do processo de transição entre a escola e o mundo do trabalho e como base para o desenvolvimento do Programa de Inserção para o Trabalho (Sarriera, Câmara & Berliini, 2000). Mais recentemente, a Abordagem Sócio-histórica foi

desenvolvida por Sílvio Bock com base nas idéias de Vygotsky de que o indivíduo desenvolve-se através de uma relação dialética com o ambiente sócio-cultural em que vive (Bock, 2002).

Os últimos anos também foram palco para a adaptação, o desenvolvimento e a redescoberta de instrumentos psicológicos de grande utilidade para os processos de intervenção em Orientação Profissional e para o desenvolvimento de pesquisas na área da Psicologia Vocacional.

Três instrumentos vêm sendo comercializados em nível nacional: o Teste de Fotos de Profissões (BBT), a Escala de Maturidade para a Escolha Profissional (EMEP) e o Teste Projetivo Ômega (TPO). O BBT é um método projetivo para a clarificação de inclinações ou interesses profissionais (Achnich 1979/1991; Jacquemin, 1982; Jacquemin, 2000; Jacquemin & cols., 1999; Jacquemin, Melo-Silva & Pasian, 2002). Foi criado em 1971 pelo suíço Martin Achnich com base nos fatores hereditários de Szondi. A versão brasileira foi desenvolvida por André Jacquemin e possui, como a original, uma versão feminina e uma masculina, ambas compostas por 96 fotos com indivíduos em situações de trabalho. A EMEP é um instrumento nacional para a mensuração do nível de maturidade vocacional em alunos do ensino médio (Neiva, 1998; Neiva, 1999; Neiva, 2002). Foi construída por Kátia Neiva com base nos modelos multidimensionais de maturidade vocacional de Donald Super e John Crites e é uma escala do tipo Likert de cinco pontos composta por 45 itens distribuídos em cinco subescalas. O TPO é um teste brasileiro de apercepção temática, inspirado no Teste de Apercepção Temática (TAT) de Murray e desenvolvido para o uso específico em orientação profissional (Oliveira, 1997; Oliveira, 2002; Villas-Boas Filho, s.d.). Foi criado por João Villas-Boas Filho na década de 1960 e é composto por quatro cartões estímulos que tratam de conflitos básicos da dinâmica da escolha na adolescência.

A adaptação e a criação de outros cinco instrumentos vêm sendo estudadas nos últimos anos: o Teste Visual de Interesses (TVI), o Levantamento de Exploração Profissional (LEP), o Inventário de Desenvolvimento Profissional (IDP), a Escala de Indecisão Vocacional (EIV) e o Inventário das Dificuldades de Decisão Profissional (IDDP). O TVI é um teste não-verbal para a mensuração de interesses desenvolvido pelos canadenses Bernard Tétreau e Michel Trahan e adaptado para o Brasil por Armando Marocco (Marocco & cols., 1984). Baseado na Tipologia RIASEC de Holland, o TVI é composto por 102 diapositivos que mostram indivíduos em atividades de trabalho. Este instrumento vem sendo utilizado nos processos de orientação profissional da Universidade do Rio dos Sinos (UNISINOS), Rio Grande do Sul, e é comercializado pelo Núcleo de Orientação Vocacional desta universidade.

O LEP é uma versão adaptada para a realidade brasileira do *Career Exploration Survey* (CES), de Stumpf, Colarelli e Hartman, e tem por objetivo a mensuração da exploração vocacional enquanto um construto multidimensional (Frischenbruder, 1999; Frischenbruder & cols., 2002). Foi desenvolvido em 1999 por Sandra Frischenbruder e é constituído por 41 itens distribuídos em 13 subescalas, sendo estas correspondentes a 13 das 16 dimensões do modelo teórico que sustenta a versão original do instrumento. O IDP é uma versão adaptada por Carmem Lobato do *L'Inventaire de Développement Professionnel* (IDP), de Dupont e Marceau, que, por sua vez, é a versão canadense do *Career Development Inventory* (CDI) de Tompson, Lindeman, Super, Jordaan e Mayers (Lobato, 2001). Este inventário é composto por 85 itens distribuídos em quatro subescalas e tem por objetivo avaliar o nível de maturidade vocacional de alunos do ensino médio. A EIV, criada por Marco Teixeira e seus colaboradores em 1999, é um instrumento nacional que tem por objetivo medir o nível de indecisão vocacional em alunos do ensino médio (Teixeira & Gomes, 1999; Teixeira & Magalhães, 2001; Teixeira & cols., 2002). É uma escala do tipo Likert de cinco pontos que possui uma versão integral e uma reduzida, a primeira composta por 30 itens e a segunda por sete. O IDDP também é um instrumento nacional e foi desenvolvido por Ricardo Primi e seus colaboradores, no ano 2000, com o objetivo de identificar as principais causas da indecisão vocacional em adolescentes (Primi & cols., 2000). O inventario é baseado no modelo taxonômico das dificuldades de tomada de decisão profissional de Gati, Krayz e Osipow.

1.7. Características de alunos do ensino médio brasileiro frente ao processo de escolha profissional

Diversas pesquisas que foram realizadas nos últimos anos oferecem importantes informações sobre as características sócio-demográficas e vocacionais dos alunos do ensino médio brasileiro que se deparam com questões relativas á transição entre a escola e o mundo do trabalho. Entre elas estão pesquisas que descrevem características dos jovens que vivem o processo de escolha de uma profissão, pesquisas que buscam identificar fatores que influenciam a escolha profissional ou que a dificultam e pesquisas sobre maturidade, exploração e indecisão vocacionais.

Um estudo realizado com alunos do ensino médio de escolas públicas e particulares do Recife, Pernambuco, buscou identificar características dos jovens que passam pelo processo de escolha profissional (Ramos & Lima, 1996; Ramos, Rodrigues & Ramos, 1998). Os resultados indicaram que estes adolescentes fazem suas escolhas profissionais baseados em elementos pouco consistentes. De uma maneira geral, apresentam pouco conhecimento sobre

os próprios interesses e aptidões, incapacidade de discriminar suas próprias expectativas das de seus familiares e falta de informação profissional. Mais de 50% dos alunos das escolas particulares consideram a concorrência no vestibular como a maior dificuldade para a escolha profissional.

Um estudo realizado pelo Centro de Orientação Vocacional e Profissional do Paraná (2000), teve como objetivo o levantamento de dados sobre o processo de escolha profissional de adolescentes de três estados brasileiros: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os resultados deste estudo indicaram que 45% dos participantes da pesquisa não se consideram maduros e não acreditam ter informações suficientes para a escolha de uma profissão; 64,9% acreditam que os interesses e habilidades pessoais são o principal fator para a escolha profissional; e 55,7% afirmaram já ter realizado sua escolha.

Golim (2000) realizou uma pesquisa com alunos das sétima e oitava séries do ensino fundamental e das três séries do ensino médio em escolas particulares do Recife, Pernambuco, para identificação de fatores que influenciam a escolha profissional dos adolescentes. Os resultados deste estudo indicaram que, para os alunos de todas as séries, o principal determinante para a escolha de uma profissão é o interesse pessoal (entre 57% e 60%). A preocupação financeira e o mercado de trabalho apareceram como segundo maior determinante para os alunos das sétima e oitava séries e para os alunos do ensino médio, respectivamente. A importância dada ao mercado de trabalho pelos alunos da terceira série do ensino médio abarcou 40% dos estudantes. Outros resultados mostraram que 73% dos alunos desta série já haviam feito uma escolha profissional.

Uma pesquisa realizada com vestibulandos gaúchos (Alchieri & cols., 1998) teve como objetivo identificar fatores relacionados à escolha de cursos universitários. Influência familiar, experiências anteriores e preocupação com o mercado de trabalho apareceram como os fatores mais importantes para a escolha de um curso superior entre as moças. O gosto pela atividade apareceu como o fator mais relevante entre os rapazes.

Lassance, Grocks e Francisco (1993) realizaram um estudo com alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para a investigação dos fatores que influenciam a escolha dos cursos universitários. Os resultados apontaram sete fatores: habilidades pessoais compatíveis com a profissão; continuidade de disciplinas escolares; conhecimento prévio da profissão, geralmente através dos pais; *status* social oferecido pela profissão, geralmente baseado em estereótipos; oportunidades do mercado de trabalho; busca de desenvolvimento pessoal; e preocupação social e política.

No estudo realizado para a construção do Inventário das Dificuldades da Decisão Profissional (IDDP), Primi e colaboradores (2000) identificaram quatro fatores principais que levam à dificuldade na escolha de uma profissão: insegurança e falta de informação; ênfase na busca de prestígio e retorno financeiro; imaturidade para a escolha; e conflitos com pessoas significativas. Participaram da pesquisa alunos da oitava série do ensino fundamental e das segunda e terceira séries do ensino médio de escolas públicas e particulares da região de Campinas, São Paulo. Resultados deste estudo mostraram que os alunos mais jovens apresentam um maior nível de imaturidade para a escolha profissional e que os alunos de escolas públicas tendem a privilegiar o aspecto econômico ao escolher uma profissão.

Um estudo realizada por Schiesse e Sarriera (2000) com alunos da terceira série do ensino médio de escolas públicas e particulares de Itajaí, Santa Catarina, buscou identificar os fatores que dificultam a escolha de um curso universitário. Os resultados indicaram que esta dificuldade deve-se à falta de maturidade, de reconhecimento dos próprios interesses e aptidões e de informação e à alta concorrência no concurso vestibular. Outros resultados indicaram que os alunos de escolas públicas são mais indecisos e inseguros e possuem menos informações profissionais do que os alunos de escolas particulares, mas, por outro lado, são mais maduros e sentem-se menos pressionados e ansiosos do que estes.

Neiva (1998) realizou uma pesquisa que buscou identificar diferenças entre níveis de escolaridade e idade com relação à maturidade vocacional em alunos do ensino médio de uma escola particular da cidade de São Paulo. Os resultados demonstraram que alunos da terceira série do ensino médio apresentam níveis mais altos de maturidade vocacional do que alunos das primeira e segunda séries. Os alunos da segunda série, por sua vez, apresentam níveis mais altos de maturidade vocacional do que os alunos da primeira série. Com relação à idade, foram comparados dois grupos extremos e os resultados mostraram que os jovens com idades entre 17 e 19 anos apresentam um nível maior de maturidade vocacional do que jovens de 13 a 15 anos. Um estudo posterior (Neiva, 2001) teve como objetivo comparar o nível de maturidade vocacional de alunos do ensino médio de acordo com o gênero e a série escolar. Os resultados indicaram ausência de diferença no nível de maturidade vocacional entre moças e rapazes e confirmaram os resultados da pesquisa anterior com relação às séries escolares.

Lobato (2001) realizou um estudo com o objetivo de verificar a relação da maturidade vocacional com gênero e sexo em alunos da terceira série do ensino médio de escolas públicas e particulares de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. A maturidade vocacional foi avaliada através das quatro subescalas do Inventário de Desenvolvimento Profissional (IDP). Os resultados indicaram uma diferença estatisticamente significativa apenas com relação a

subescala Informações sobre o Mundo do Trabalho; as moças possuem maior quantidade de informações sobre o mundo do trabalho do que os rapazes.

Frischenbruder (1999) realizou um estudo para verificar as relações entre diversas dimensões do comportamento de exploração vocacional e o autoconceito em alunos da terceira série do ensino médio de escolas particulares de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A autora trabalhou com 11 dimensões da exploração, medidas pelas respectivas subescalas do Levantamento de Exploração Profissional (LEP). Resultados descritivos mostraram níveis médio-altos em quase todas as dimensões da exploração vocacional avaliadas. Estes resultados também mostraram que os participantes da pesquisa acreditam fortemente que a busca por autoconhecimento e por informações sobre o mundo do trabalho pode ajudá-los da escolha de uma profissão e dão grande importância a definição de uma escolha. Por outro lado, estes participantes tendem a não realizar comportamentos de exploração vocacional de forma intencional e sistemática. As moças acreditam mais que os rapazes que a busca de informações sobre si mesmas e sobre o mundo do trabalho pode ajudá-las na escolha profissional, costumam buscar tais informações de forma mais intencional e sistemática e também percebem mais semelhanças entre suas preferências profissionais e as possibilidades de emprego. Com relação a diferenças de idade, jovens de 17 e 18 anos estão mais satisfeitos com o nível de informação profissional que possuem e dão maior importância à definição de uma escolha do que os jovens de 15 e 16 anos. Os resultados também indicaram que a exploração vocacional correlaciona-se com o autoconceito, sendo que percepções mais positivas sobre si mesmo estão relacionadas a maiores índices de comportamento exploratório.

No estudo realizado por Teixeira e Magalhães (2001) para a validação da Escala de Indecisão Vocacional (EIV), foram encontrados níveis médio-altos de indecisão vocacional entre os participantes do mesmo. Não foram encontradas diferenças significativas entre moças e rapazes com relação ao nível de indecisão vocacional.

Bardagi (2002) realizou uma pesquisa em que investigou a influência dos estilos parentais sobre a indecisão vocacional, a ansiedade e a depressão em alunos da terceira série do ensino médio de escolas públicas e particulares da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O nível de indecisão vocacional foi avaliado pela versão integral da Escala de Indecisão Vocacional (EIV) (Teixeira & Gomes, 1999). Os resultados descritivos da pesquisa apontaram níveis médio-baixos de indecisão vocacional entre os participantes da pesquisa e não mostraram diferenças estatisticamente significativas com relação ao sexo, ao tipo de escola, ao nível de escolaridade parental e ao estilo parental. A indecisão vocacional

correlacionou-se positivamente com os níveis de ansiedade e depressão. Do total de participantes da pesquisa, 63% já haviam feito a escolha de uma profissão.

1.8. Sistema Educacional no Brasil e nos Estados Unidos da América

A maior parte dos modelos de desenvolvimento vocacional, que dividem a adolescência em diferentes estágios, cada qual caracterizado por tarefas evolutivas específicas a serem realizadas, é de origem norte-americana. A estes modelos, sobrepõe-se à trajetória escolar norte-americana (Magalhães, 1995).

Nos Estados Unidos da América, a educação não é competência federal, mas dos governos estaduais, desta forma, não existe um planejamento global para a educação (Cruz, 1984; Stevenson, 1998). No entanto, existe uma linha geral para a estrutura escolar. O sistema de ensino norte-americano é formado por três níveis distintos: o primário, o secundário e o superior.

Os ensinos primário e secundário (*high school*) somam juntos 12 anos de estudo, que vão dos 6 aos 16 anos de idade, podendo ser divididos de diferentes formas: 8 anos de primário e 4 anos de secundário ou 6 anos de primário e 6 anos de secundário, neste último caso, o secundário pode ser dividido ao meio, formando a *junior high school* e a *senior high school*.

O ensino secundário abarca diferentes programas educacionais: *geral or college-preparatory schools*, escolas de ensino geral ou de preparação para o ensino universitário; *technical high schools*, escolas de ensino técnico avançado; e *vocational education schools*, escolas voltadas para o ensino técnico básico. Durante os anos de ensino secundário, os adolescentes já experienciam a possibilidade de escolha através da eleição de matérias opcionais. É comum a existência de atividades extracurriculares as mais variadas (atividades esportivas, científicas, artísticas).

O ensino superior também permite diferentes possibilidades. *Junior college or community*, são escolas que promovem o ensino técnico de nível superior com duração de 2 anos, estão geralmente localizadas em universidades. *Liberal arts college*, são escolas públicas ou privadas, localizadas em universidades, que oferecem uma educação geral sem caráter técnico, a duração dos cursos é de 4 anos. A formação específica em áreas profissionais como medicina, psicologia ou direito só é feita após os anos de formação geral, no nível de pós-graduação. Os estabelecimentos de ensino superior têm liberdade para determinar os próprios padrões e sistemas de admissão de novos alunos e as exigências para a conclusão do curso.

De acordo com a lei que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), a organização da educação brasileira é de responsabilidade do governo federal e deve ser regida por um Plano Nacional de Educação (Brasil, 2001).

A escolarização brasileira é constituída por dois níveis distintos: a educação básica, que abarca a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio; e a educação superior. O artigo 35 da lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, define que o ensino médio deve ter duração mínima de 3 anos (com idade indicada de 15 a 17 anos) e apresenta como uma das suas finalidades a preparação básica para o trabalho e a cidadania. O artigo 44, descreve as possibilidades de educação superior: cursos seqüenciais, cursos de graduação, cursos de pós-graduação e cursos de extensão. Outra possibilidade de formação prevista em lei é a educação profissional, que é oferecida dos diferentes níveis de escolaridade.

O Plano Nacional de Educação apresenta alguns dados sobre a situação do ensino médio, do ensino superior e da educação profissional no país. De acordo com dados oferecidos pelo IBGE, em 1997, dos 16.580.383 habitantes na faixa etária entre 15 e 19 anos, apenas 5.933.401 estavam matriculados no ensino médio. Essa marca é considerada baixa pelo governo e não se deve à falta de vagas, mas às baixas taxas de conclusão do ensino fundamental. Em 1998, 6.968.531 estudantes estavam matriculados no ensino médio, 18% em escolas federais, 76,0% em escolas estaduais, 4,6% em escolas municipais e 17,6% em escolas particulares. Em 1997, foi computado que 13,7% dos alunos matriculados no ensino médio abandonaram o estudo e 7,5% foram reprovados. Na região sul, as taxas foram de 10,0% de abandono e 10,0% de reprovação.

De acordo com o IBGE, em 1998, 2.125.958 alunos estavam matriculados no ensino superior, 37,86% em instituições públicas e 62,14% em instituições particulares de ensino. Na região sul, do total de 419.133 alunos matriculados no ensino superior, 17,16% estavam em instituições federais, 13,25% em instituições estaduais, 14,61% em instituições municipais e 54,96% em instituições particulares. Menos de 12% da população brasileira está matriculada na educação superior.

As ofertas de vagas para o ensino profissional no Brasil atendem a cerca de cinco milhões de pessoas, mas este ainda é considerado um número pequeno para a preparação da população jovem que precisa ingressar no mercado de trabalho e atender a adultos que precisam re-adaptar-se a ele. A educação profissional é estruturada em três níveis: básico (independente do nível de escolarização regular), técnico (complementar ao ensino médio) e tecnológico (superior de graduação ou pós-graduação). De acordo com as novas leis, a educação profissional não pode mais substituir o ensino médio regular, transformou-se em

uma forma de educação continuada. A educação profissional no Brasil, principalmente a de nível médio, tem sido vista, historicamente, como alternativa para as pessoas de níveis sócio-econômicos mais baixos. (Brasil, 2001; Catani, Fonseca, Melchior & Silva, 1989). Porém, é objetivo da nova legislação superar este problema.

De acordo com Super (1957), a escola é a instituição de exploração por excelência e os primeiros anos do ensino secundário e do ensino superior são vistos como momentos de exploração em seus conteúdos e propósitos. No entanto, de acordo com a estrutura de ensino norte-americana, a entrada no ensino superior não pressupõe a especificação de uma escolha profissional, já que o *college*, que corresponde à graduação, fornece uma formação global, tornando-se, assim, um espaço para a exploração e a cristalização de preferências profissionais. Durante o curso, escolhas parciais por áreas do conhecimento são feitas, mas apenas no final desta fase de 4 anos é que os estudantes são chamados a especificar suas escolhas; isto é, a tomar decisões profissionais efetivas, estejam elas ligadas à entrada no mercado de trabalho ou a continuação dos estudos no nível de pós-graduação. Além disso, as escolas norte-americanas possuem programas de orientação profissional para seus alunos desde a década de 1920, sendo que, desde a década de 1970, tais programas utilizam as teorias do desenvolvimento vocacional como base para o entendimento da problemática vocacional e para a realização dos processos de intervenção (Gysbers & Lapan, 2001).

Enquanto o sistema educacional norte-americano permite que o jovem aprenda a fazer escolhas desde cedo e oferece um período maior de moratória para que o jovem defina sua identidade vocacional e realize escolhas profissionais, o adolescente brasileiro que chega ao nível médio de ensino é cobrado socialmente a especificar e implementar uma escolha profissional de forma abrupta, muitas vezes antes mesmo de ter tido oportunidade para exploração vocacional e cristalização de preferência profissionais e, principalmente, quando essa escolha é vinculada à opção por um curso universitário. Tal situação pode ser considerada reflexo da própria origem do ensino de nível secundário no Brasil, criado como alternativa ao ensino profissionalizante e voltado especificamente à preparação dos jovens economicamente mais favorecidos da sociedade para o ingresso no ensino superior (Catani & cols., 1989; Filmus, Kaplan, Miranda & Moragues, 1996/2002).

O concurso vestibular tem sido a forma tradicional de acesso ao ensino superior no Brasil (Smith & Huerga, 1999). No entanto, desde a década de 1960, com o aumento da procura por vagas nas faculdades e universidades, o vestibular tornou-se classificatório e passou a utilizar questões objetivas para avaliar os concorrentes. Seu objetivo imediato passou a ser a indicação dos indivíduos mais aptos para o ensino superior, o que tem causado uma

enorme influência sobre a educação no ensino médio. Este vem tornando-se cada vez mais um período preparatório para o concurso vestibular e as escolas e professores têm orientado o ensino para a superação das provas.

Diversos autores vêm discutidos questões relativas ao papel e às falhas da escola na preparação dos jovens brasileiros para o mundo do trabalho (Bardagi & Hutz, 2001; Filmus & cols., 1996/2002; Hortza & Lucchiari, 1998; Lassance & cols., 1993; Lassance & Gocks, 1998; Magalhães & Redivo, 1998; Ramos & cols., 1998; Ramos & Lima, 1996; Sarriera & Verdin, 1996; Sarriera, Chies, Falck, Giacomolli & Silva, 1994; Teixeira, 2002). A preocupação central da escola com a aprovação dos estudantes no concurso vestibular tem empobrecido o estímulo ao comportamento exploratório e ao desenvolvimento de projetos profissionais. De acordo com Lassance e colaboradores (1993), a entrada na universidade tem assumido um caráter de tarefa evolutiva em si mesma, como se o ingresso no ensino superior fosse uma continuidade natural a ser assumida pelos jovens que terminam o ensino médio. A escolha por um curso universitário acaba sendo feita sem exploração vocacional suficiente e sem a definição de um projeto profissional realista, fazendo com que as escolhas profissionais dos jovens brasileiros sejam pautadas basicamente na fantasia e em estereótipos.

Um importante problema que se origina destes fatos são os altos índices de evasão escolar no nível superior de ensino brasileiro. Em 1995, a evasão da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) atingiu o índice de 34% (Ramos & Lima, 1996; Ramos & cols., 1998). Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), um em cada quatro alunos aprovados no concurso vestibular de 1997 já havia iniciado um curso universitário sem tê-lo concluído (Hortza & Lucchiari, 1998). Os resultados de uma pesquisa realizada com alunos de diversos cursos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) indicaram que 43,9% dos estudantes já haviam pensado em desistir do curso enquanto 16,7% ainda pensavam nesta possibilidade (Bardagi & Hutz, 2001). O mais grave desta situação foi apontado por um estudo realizado com jovens gaúchos por Magalhães e Redivo (1998), cujos resultados indicaram que os alunos em situação de re-opção de curso universitário caracterizam-se pela ausência de comportamento exploratório e pela imaturidade vocacional.

1.9. Objetivos e Hipóteses

Em função das questões discutidas acima, o presente estudo propôs-se a investigar a exploração e a indecisão vocacionais em alunos da terceira série do ensino médio brasileiro. Para tanto, a exploração vocacional foi definida como um construto multidimensional (Jordaan, 1963; Stumpf & Colarelli, 1980; Stumpf & cols., 1982; Stumpf & cols., 1983) e a

indecisão vocacional como uma variável unidimensional contínua (Teixeira & Gomes, 1999; Teixeira & Magalhães, 2001).

Um conceito importante incluído na pesquisa foi o de postura frente ao processo de escolha profissional. Tal conceito foi formulado com a intenção de distinguir os jovens que já despertaram para a problemática vocacional daqueles que ainda não vêem a escolha profissional como um problema a ser resolvido, pois esta questão influencia diretamente o comportamento exploratório dos adolescentes (Bohoslavsky, 1977/1996; Pelletier & cols., 1974/1985). A importância desta distinção para a mensuração do nível de indecisão vocacional foi indicada por Teixeira e Magalhães (2001), que supõem um escore baixo de indecisão vocacional para os adolescentes não engajados na tomada de decisão profissional.

Este estudo teve como objetivo responder às seguintes questões:

1. Quais os níveis de exploração e indecisão vocacionais dos alunos da terceira série do ensino médio?
2. Há diferenças significativas entre os níveis de exploração e indecisão vocacionais de acordo com o sexo (feminino e masculino), a idade (16, 17, 18 e 19-22 anos), e o tipo de escola (pública e particular)?
3. Há diferenças significativas entre os níveis de exploração e indecisão vocacionais de acordo com a postura frente ao processo de escolha profissional (engajamento, não-engajamento e ambiguidade)?
4. Quais as relações existentes entre as várias dimensões da exploração vocacional entre si e com relação ao nível de indecisão vocacional?
5. Sexo, idade, tipo de escola, postura frente ao processo de escolha profissional e indecisão vocacional podem explicar o comportamento exploratório vocacional?
6. Sexo, idade, tipo de escola, postura frente ao processo de escolha profissional e as dimensões da exploração vocacional podem explicar a indecisão vocacional?

Algumas hipóteses foram formuladas com base na revisão de literatura, principalmente com base nos dados referentes à população brasileira, na tentativa de responder a estas questões:

1. Os alunos da terceira série do ensino médio devem apresentar níveis médio-altos em várias dimensões da exploração vocacional (Frischenbruder, 1999) e níveis médio-baixos de indecisão vocacionais (Bardagi, 2002).
2. As moças devem apresentar níveis superiores de exploração vocacional em pelo menos algumas de suas dimensões quando comparadas aos rapazes (Frischenbruder, 1999).

3. O nível de indecisão vocacional não deve diferir de forma significativa de acordo com o sexo (Bardagi, 2002; Teixeira & Magalhães, 2001).
4. Os alunos mais velhos devem apresentar níveis mais altos de exploração vocacional em pelo menos algumas de suas dimensões (Frischenbruder, 1999).
5. O nível de indecisão vocacional não deve diferir de forma significativa de acordo com o tipo de escola (Bardagi, 2002).
6. Adolescentes engajados no processo de escolha profissional devem apresentar níveis mais altos de exploração vocacional e níveis intermediários de indecisão vocacional.
7. Adolescentes não-engajados no processo de escolha profissional devem apresentar níveis mais baixos de exploração vocacional e de indecisão vocacional.
8. Adolescentes ambíguos com relação ao processo de escolha profissional devem apresentar níveis mais baixos de exploração vocacional e mais altos de indecisão vocacional.
9. Sexo, idade e nível de indecisão vocacional podem explicar o comportamento exploratório vocacional (Betz & Vuyten, 1997; Frischenbruder, 1999; Taveira & cols., 1998).
10. Sexo e idade não podem explicar a indecisão vocacional (Bardagi, 2002).

Não foram formuladas hipóteses acerca das possíveis diferenças nos níveis de indecisão vocacional de acordo com a idade e nos níveis de exploração vocacional de acordo com o tipo de escola, pois não foram encontradas evidências na literatura que pudessem sustentar qualquer posição. Também não foram formuladas hipóteses sobre as relações entre as dimensões da exploração vocacional e entre estas e o nível de indecisão vocacional. Não foram encontrados dados na literatura sobre a relação entre as dimensões da exploração vocacional. Por outro lado, a literatura aponta tanto para uma correlação negativa entre exploração e indecisão (Blustein & cols., 1994; Magalhães, 1995; Magalhães & cols., 1998), como coloca a indecisão como um aspecto normal do desenvolvimento, necessário para o desencadeamento do comportamento exploratório (Betz & Vuyten, 1997; Gómes, 1995; Osipow, 1999; Savickas, 1995); isto é, ao mesmo tempo em que uma maior quantidade de exploração garante um menor nível de indecisão, é a indecisão que estimula o comportamento exploratório. Hipóteses sobre a influência do tipo de escola e da postura frente ao processo de escolha profissional sobre a exploração e a indecisão vocacionais e hipóteses sobre a influência da idade sobre a indecisão vocacional também não foram construídos por falta de indicações da literatura.

As hipóteses formuladas acerca dos níveis de exploração vocacional de acordo com a postura frente ao processo de escolha profissional basearam-se nas idéias de Pelletier e seus colaboradores (1974/1985) e de Bohoslavsky (1977/1996) de que o comportamento

exploratório deve ser precedido pela percepção da existência de uma problemática vocacional a ser resolvida. As hipóteses sobre os níveis de indecisão vocacional foram formuladas com base nas idéias de que um certo nível de indecisão é necessário para que o comportamento exploratório seja ativado, já que este é um comportamento de solução de problemas (Betz & Voyer, 1997; Gómes, 1995; Osipow, 1999; Savickas, 1995), e com base nas idéias de Teixeira e Magalhães de que o não engajamento na tarefa de tomada de decisão profissional pode estar associado com baixos índices de indecisão vocacional na EIV.

A construção da postura ambiguidade e a formulação de hipóteses sobre os níveis de exploração e indecisão vocacionais com relação a esta postura estão baseadas em experiências de intervenção na área de orientação profissional. Adolescentes ambíguos são aqueles incomodados com a necessidade de escolher uma profissão; porém, não foi o propósito desta pesquisa identificar as causas desta dificuldade, apesar de ser lícito pensar que estas podem ser tanto subjetivas quanto contextuais.

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1. Participantes

Participaram deste estudo 659 alunos da terceira série do ensino médio de oito escolas públicas (50,1%) e particulares (49,9%) da cidade de Porto Alegre. A amostra foi composta por estudantes de ambos os sexos (54,8% de moças e 45,2% de rapazes), com idades entre 15 e 23 anos ($M=16,8$; $DP=0,85$).

A seleção das escolas e dos alunos participantes da pesquisa foi feita de acordo com o critério de conveniência (Barker, Pistrang & Elliot, 1994).

2.2. Instrumentos

Os materiais utilizados para a coleta de dados foram: o Questionário Sócio-demográfico, o Levantamento de Exploração Vocacional (LEV) e a Escala de Indecisão Vocacional (EIV).

O Questionário Sócio-demográfico (Anexo A) levantou informações sobre sexo, idade e tipo de escola. Nele foi incluída uma questão para a avaliação da postura frente ao processo de escolha profissional para verificar o grau de comprometimento dos jovens com esta escolha.

O Levantamento de Exploração Vocacional (Anexo B) foi construído para este estudo com base no modelo multidimensional da exploração vocacional do *Career Exploration Survey* (CES) (Stumpf & cols., 1983). O CES foi desenvolvido para a avaliação da exploração vocacional em estudantes do ensino superior prestes a ingressar no mercado de trabalho. O modelo teórico a ele subjacente propõe 16 dimensões teóricas distribuídas em 3 categorias (Processo de Exploração, Reações à Exploração e Crenças sobre a Exploração) e define ocupações, empregos e empresas como objetos da exploração. O instrumento original é composto por 59 itens distribuídos em 16 subescalas, cada qual correspondente a uma dimensão teórica do construto de exploração vocacional. Das 16 subescalas, 12 são escalas do tipo *Likert* de 5 pontos, duas são escalas do tipo *Likert* de 7 pontos, e duas são constituídas por itens únicos.

O LEV procurou manter a estrutura básica do instrumento original; no entanto, para adequá-lo aos alunos do final do ensino médio brasileiro, o nome e a definição de algumas dimensões teóricas foram modificados e os objetos da exploração foram substituídos por possibilidades de estudo e trabalho para quem termina o ensino médio, profissões e cursos

universitários e/ou profissionalizantes. Estudos preliminares indicaram a construção de 65 itens, que foram distribuídos em 16 subescalas correspondentes às dimensões previstas no modelo teórico do CES. O nome e a definição originais e adaptados das dimensões da exploração vocacional do modelo teórico proposto são descritos na Tabela 1. As subescalas do LEV, com seus respectivos itens, encontram-se na Tabela 2.

A Escala de Indecisão Vocacional (Anexo C) foi desenvolvida por Teixeira e Gomes (1999) para a mensuração do nível de indecisão vocacional de alunos da terceira série do ensino médio. É composta por 30 itens e utiliza como chave de respostas uma escala do tipo *Likert* de 5 pontos. O escore total é obtido através da soma dos pontos de cada item; quanto mais alta a pontuação, maior o nível de indecisão (amplitude de 30 a 150 pontos). No estudo original, a fidedignidade do instrumento foi medida através de sua consistência interna (*alpha* de Crombach) e alcançou o índice de 0,92. O mesmo procedimento foi utilizado no presente estudo e os resultados indicaram um *alpha* de 0,93.

2.3. Procedimentos e Considerações Éticas

Os dados da pesquisa foram coletados de forma coletiva nas dependências das escolas durante o período de aula dos alunos. Um Termo de Consentimento Informado (Anexo D) foi desenvolvido para ser assinado pelos pais ou responsáveis dos mesmos, já que a resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) que dispõe sobre a realização de pesquisas com seres humanos prevê que este consentimento seja dado por pais ou responsáveis quando os participantes da pesquisa são crianças ou adolescentes (Conselho Federal de Psicologia, 2000). No entanto, muitas escolas optaram por permitir que este fosse assinado pelos próprios alunos. Nas escolas em que o consentimento informado foi enviado aos pais, a escola encarregou-se de distribuí-lo aos jovens no dia anterior à coleta de dados. Nos casos em que a escola optou pelo consentimento dos próprios alunos, este foi assinado no dia da coleta de dados. Antes da aplicação dos instrumentos, foi fornecida aos estudantes uma breve explicação sobre os objetivos do estudo e sobre as considerações éticas do mesmo. A ordem de aplicação dos instrumentos foi alternada de forma aleatória entre os participantes.

Tabela 1

Nomenclatura e definições originais e adaptadas das dimensões do modelo teórico de exploração vocacional

Categories	Dimensões	Definição Original	Definição Adaptada
Processo de Exploração	Exploração do Ambiente	Extensão da exploração voltada para a preocupação com ocupações, empregos e empresas nos últimos 3 meses	extensão da exploração voltada para a preocupação com possibilidades de estudo e trabalho depois do ensino médio nos últimos 3 meses
	Exploração do <i>Self</i>	extensão da exploração voltada para a preocupação com auto-avaliação e retrospectiva nos últimos 3 meses	
	Número de Ocupações Consideradas	número de áreas ocupacionais sobre as quais se adquiriu informação	número de profissões sobre as quais se adquiriu informação
	Número de Profissões Consideradas		
	Exploração Intencional-sistemática	extensão da exploração que adquiriu informações sobre o <i>self</i> e o ambiente de forma intencional e sistemática	
	Frequência	contagem do número de vezes, por semana, que se buscou informações profissionais nos últimos 2 meses	
	Quantidade de Informação	quantidade de informação adquirida sobre ocupações, empregos, empresas e o <i>self</i>	quantidade de informação adquirida sobre as possibilidades de estudo e trabalho para quem termina o ensino médio e sobre o <i>self</i>
Foco	quanta certeza se sente pela preferência por uma ocupação, emprego e empresa particulares	quanta certeza se sente pela preferência por uma das possibilidades de estudo ou trabalho para quem termina o ensino médio ou por uma profissão específica	

Tabela 1 (continuação)

Categorias	Dimensões	Definição Original	Definição Adaptada
Reações à Exploração	Satisfação com a Informação	satisfação sentida com as informações obtidas sobre ocupações, empregos e empresas relacionadas aos próprios interesses, habilidades e necessidades	satisfação sentida com as informações obtidas sobre as possibilidades de estudo e trabalho para quem termina o ensino médio relacionadas aos próprios interesses, habilidades e necessidades
	Estresse de Exploração	quantidade de estresse indesejável sentido como parte do processo de exploração vocacional comparado com outras áreas significativas da vida	
	Estresse de Decisão	quantidade de estresse indesejável sentido como parte do processo de decisão vocacional comparado com outras áreas significativas da vida	

Tabela 1 (continuação)

Categorias	Dimensões	Definição Original	Definição Adaptada
Crenças sobre a Exploração	Perspectiva de Emprego Perspectiva de Concretização da Escolha	favorabilidade das possibilidades de emprego na própria área profissional	favorabilidade das possibilidades de estudo e trabalho pra quem termina o ensino médio
	Certeza dos Resultados da Exploração	grau de certeza sentido de que se vai alcançar a posição desejada	grau de certeza sentido de que se vai alcançar o objetivo profissional desejado
	Instrumentalidade para Busca Externa	probabilidade de que a exploração do ambiente para oportunidades profissionais leve a obtenção dos objetivos desejados	probabilidade de que a exploração do ambiente ajude na escolha profissional
	Instrumentalidade para Busca Interna	probabilidade de que a reflexão sobre o comportamento profissional passado e a retrospectiva possam levar a obtenção dos objetivos desejados	probabilidade de que a reflexão sobre o passado e a retrospectiva ajudem na escolha profissional
	Instrumentalidade de Método	probabilidade de que a realização de uma exploração intencional e sistemática leve à obtenção dos objetivos desejados	probabilidade de que a realização de uma exploração intencional e sistemática ajude na escolha profissional
	Importância da Obtenção da Ocupação Pretendida Importância da Definição de uma Escolha	grau de importância posto sobre a obtenção da preferência profissional	grau de importância posto sobre a definição de uma escolha profissional

Tabela 2

Subescalas e itens do Levantamento de Exploração Vocacional (LEV)

Categoria	Subescalas	Itens
Processo de Exploração	Exploração do Ambiente	O quanto você realizou as seguintes atividades nos últimos 3 meses:
		21. obteve informações sobre possibilidades de estudo e trabalho para quem termina o ensino médio?
		22. obteve informações sobre cursos universitários e/ou profissionalizantes?
		23. conversou com pessoas com conhecimento sobre as profissões que mais lhe interessam?
		24. obteve informações sobre a situação do mercado de trabalho para as profissões que mais lhe interessam?
		25. buscou informações sobre as profissões que mais lhe interessam?
	Exploração do <i>Self</i>	26. participou de atividades de informação ou orientação profissional?
		O quanto você realizou as seguintes atividades nos últimos 3 meses:
		27. refletiu sobre as relações que podem existir entre o seu passado e as profissões que mais lhe interessa?
		28. tentou aprender mais sobre si mesmo?
		29. pensou nas relações existentes entre suas características pessoais e as profissões que mais lhe interessam?
		30. buscou ter uma visão mais clara dos seus próprios interesses e habilidades?
		31. refletiu sobre o tipo de pessoa que você é e o tipo de pessoa que gostaria de ser?
32. pensou sobre como as profissões que mais lhe interessam poderiam se relacionar com o tipo de pessoa que você gostaria de ser?		
Número de Profissões Consideradas	33. Em quantas profissões você está interessado, seja de nível universitário, profissionalizante ou sem formação específica? (escreva o número de profissões):	

Tabela 2 (continuação)

Categoria	Subescalas	Itens
Processo de Exploração	Exploração Intencional-sistemática	<p>O quanto você realizou as seguintes atividades nos últimos 3 meses:</p> <p>16. Preocupou-se em estar constantemente obtendo novas informações sobre as profissões que mais lhe interessam?</p> <p>17. planejou visitas a universidades ou locais de trabalho para aprender mais sobre as profissões que mais lhe interessam?</p> <p>18. Teve conversas freqüentes com parentes, professores ou amigos sobre as profissões que se adequariam melhor a você?</p> <p>19. buscou participar de atividades de informação ou orientação profissional?</p> <p>20. experimentou diferentes atividades para aprender mais sobre seus próprios interesses e habilidades?</p>
	Frequência	40. Em média, quantas vezes por semana você buscou informações sobre profissões nos últimos meses?
	Quantidade de Informação	<p>1. Quanta informação você tem sobre as principais atividades das profissões que mais lhe interessam?</p> <p>2. Quanta informação você tem sobre as possibilidades de estudo e trabalho para quem termina o ensino médio?</p> <p>3. Quanta informação você tem sobre cursos universitários e/ou profissionalizantes?</p> <p>4. Quanta informação você tem sobre si mesmo para saber como poderá se adaptar às profissões que mais lhe interessam?</p>
	Foco	<p>Quanta certeza você tem:</p> <p>11. de que sabe exatamente qual caminho quer seguir depois que terminar o ensino médio?</p> <p>12. sobre sua preferência por uma profissão específica?</p> <p>13. de que sabe exatamente qual o tipo de atividade profissional gostaria de ter?</p> <p>14. de que sabe se quer ou não fazer um curso universitário e/ou profissionalizante?</p> <p>15. de que sabe se quer ou não começar a trabalhar logo que terminar o ensino médio?</p>

Tabela 2 (continuação)

Categoria	Subescalas	Itens
Reações à Exploração	Satisfação com a Informação	<p>Em que medida você está satisfeito com a quantidade de informações que tem sobre:</p> <p>5. as possibilidades de estudo e trabalho para quem termina o ensino médio compatíveis com seus interesses e/ou necessidades?</p> <p>6. cursos universitários e/ou profissionalizantes compatíveis com seus interesses?</p> <p>7. as profissões mais compatíveis com seus interesses, habilidades e/ou necessidades?</p> <p>8. tipos de trabalho que vão de encontro aos seus interesses, habilidades e/ou necessidades?</p> <p>9. a profissão específica que você prefere?</p> <p>10. o tipo de trabalho específico que você prefere?</p>
	Estresse de Exploração	<p>Quanto estresse indesejável tem sido causado pela realização das seguintes atividades:</p> <p>59. a busca de informações sobre as possibilidades de estudo e trabalho para quem termina o ensino médio?</p> <p>60. a busca de informações sobre cursos universitários e/ou profissionalizantes?</p> <p>61. a busca de informação sobre as profissões que mais lhe interessam?</p> <p>62. a reflexão sobre as relações existentes entre suas características pessoais e as profissões que mais lhe interessam?</p> <p>63. a reflexão sobre como as profissões que mais lhe interessam poderiam influenciar o tipo de pessoa que você é ou gostaria de ser?</p>
	Estresse de Decisão	<p>Quanto estresse indesejável tem sido causado pela realização das seguintes atividades:</p> <p>64. a decisão sobre o que você quer fazer em termos profissionais depois que terminar o ensino médio?</p> <p>65. a escolha de uma profissão específica?</p>

Tabela 2 (continuação)

Categoria	Subescalas	Itens
Crenças sobre a Exploração	Perspectiva de Concretização da Escolha	O quanto às possibilidades reais para quem termina o ensino médio:
		34. se parecem com as atividades de estudo e/ou trabalho pelas quais você se interessa?
		35. permitem a escolha da profissão que você prefere?
		36. correspondem ao caminho profissional que você gostaria de seguir?
	Certeza dos Resultados da Exploração	37. permitem que você possa exercer o tipo de trabalho que prefere?
		Quanta certeza você tem sobre a possibilidade de que, depois que terminar o ensino médio, você irá:
	Instrumentalidade para Busca Externa	38. iniciar a atividade de estudo e/ou trabalho que prefere?
		39. ingressar no curso universitário e/ou profissionalizante preferido ou começar a trabalhar em sua atividade preferida?
		Qual a probabilidade de que as seguintes atividades possam ajudá-lo em sua escolha profissional:
		50. obter informações sobre as possibilidades de estudo e trabalho para quem termina o ensino médio?
51. obter informações sobre as profissões que você prefere?		
Instrumentalidade para Busca Interna	52. obter informações sobre o mercado de trabalho para as profissões que mais lhe interessam?	
	53. obter informações sobre cursos universitários e/ou profissionalizantes?	
	54. obter informações sobre os caminhos alternativos que podem levá-lo em direção à profissão ou ao tipo de trabalho que você prefere?	
	Qual a probabilidade de que as seguintes atividades possam ajudá-lo em sua escolha profissional:	
	45. fazer uma auto-avaliação para saber qual profissão vai ao encontro de suas necessidades?	
	46. aprender mais sobre si mesmo?	
	47. pensar sobre a relação entre suas características pessoais e as profissões que mais lhe interessam?	
	48. refletir sobre o tipo de pessoa que você é e o tipo de pessoa que gostaria de ser?	
	49. refletir sobre seus próprios interesses e/ou habilidades?	

Tabela 2 (continuação)

Categoria	Subescalas	Itens
Crenças sobre a Exploração	Instrumentalidade de Método	Qual a probabilidade de que as seguintes atividades possam ajudá-lo em sua escolha profissional:
		41. planejar visitas a universidades e/ou locais de trabalho?
		42. buscar constantemente informações sobre os caminhos alternativos que levam à profissão ou atividade de trabalho que você prefere?
		43. conversar com pessoas que conheçam as profissões que você prefere?
	44. investigar sistematicamente os locais de ensino e trabalho relacionados com as profissões que você prefere?	
	Importância da Definição de uma Escolha	O quanto é importante para você neste momento:
		55. escolher uma profissão específica?
		56. definir um caminho profissional a seguir depois que terminar o ensino médio?
57. escolher um curso universitário e/ou profissionalizante?		
58. saber que tipo de trabalho gostaria de executar no futuro?		

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Os resultados do presente estudo serão apresentados em duas partes. A primeira delas tem por objetivo descrever o processo de desenvolvimento e validação do Levantamento de Exploração Vocacional (LEV). A segunda, tem por objetivo responder às questões de pesquisa previamente formuladas.

3.1. Desenvolvimento e Validação do Levantamento de Exploração Vocacional (LEV)

O LEV foi desenvolvido para a mensuração da exploração vocacional em alunos da terceira série do ensino médio brasileiro e teve como base o modelo teórico multifatorial e as questões do *Career Exploration Survey* (CES) (Stumpf & cols., 1983). Estudos preliminares indicaram a construção de 65 itens, que foram distribuídos em 16 subescalas, cada qual correspondente a uma dimensão teórica do modelo proposto, distribuídas em três categorias: Processo de Exploração, Reações à Exploração e Crenças sobre a Exploração (Tabela 2). Análises fatoriais foram utilizadas para verificar a validade de construto da escala e a fidedignidade foi avaliada através do nível de consistência interna do instrumento (Anastasi & Urbim, 1997/2000; Pasquali, 1997). Destas análises foram excluídos os itens 33 e 40, que correspondem, respectivamente, às subescalas de item único Número de Profissões Consideradas e Frequência.

Uma série de análises fatoriais foi realizada para verificar a validade de construto do LEV. Os resultados destas análises indicaram a exclusão de 12 itens do instrumento (1, 4, 5, 6, 14, 15, 16, 18, 21, 22, 26, 57). Uma nova análise fatorial foi realizada sem estes itens. Foram extraídos 11 fatores da análise de componentes principais com *eigenvalues* superiores a 1, capazes de explicar 63,2% da variância. A Tabela 3 apresenta a matriz fatorial dos itens do LEV. Posteriormente, os itens do instrumento foram submetidos à rotação *varimax* e uma estrutura fatorial teoricamente interpretável, e relativamente compatível com o modelo multifatorial utilizado, emergiu (Tabela 4). Dos 11 fatores, 8 abarcaram itens de apenas uma subescala e 3 englobaram itens de duas subescalas simultaneamente.

O Fator 1 englobou os itens das subescalas Instrumentalidade para Busca Externa e Instrumentalidade de Método, ambas da categoria Crenças sobre a Exploração. A Instrumentalidade para Busca Externa é definida como a crença em que a busca de informações sobre o mundo do trabalho pode auxiliar na escolha profissional, enquanto a Instrumentalidade de Método é definida como a crença em que a busca intencional e

sistemática de informações, seja sobre o mundo do trabalho ou sobre si mesmo, possa ajudar nesta escolha. A ausência de discriminação entre os itens destas subescalas pode indicar que os itens referentes à subescala Instrumentalidade de Método não foram elaborados de forma satisfatória para a mensuração do que se propunham medir. Por tal motivo, os itens referentes à subescala Instrumentalidade de Método serão excluídos das próximas análises estatísticas.

Tabela 3

Matriz fatorial dos itens do Levantamento de Exploração Vocacional (LEV)

Itens	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6	Fator 7	Fator 8	Fator 9	Fator 10	Fator 11
42	0,72										
41	0,71										
44	0,70										
53	0,67										
52	0,65										
43	0,64										
51	0,64										
54	0,63										
50	0,62										
12		0,81									
9		0,79									
13		0,76									
10		0,74									
11		0,71									
8		0,59									0,31
7		0,55									0,31
61			0,84								
62			0,79								
60			0,76								
59			0,76								
64			0,74								
63			0,72								
65		-0,36	0,70								
29				0,73							
28				0,70							
30				0,70							
31				0,63	0,35						
32				0,57							
27				0,47			0,35				
46					0,73						
48					0,70						
49					0,68						
47	0,33				0,65						
45	0,37				0,55						
36						0,85					
35						0,83					
37						0,83					
34						0,72					
20							0,72				
19							0,71				
17							0,61				
56								0,80			
55								0,76			
58								0,68			
24									0,67		
23							0,36		0,61		
25							0,35		0,53		
39										0,84	
38										0,79	
2											0,71
3											0,64
Eigenvalue	9,63	6,23	3,30	2,48	2,21	1,87	1,64	1,34	1,25	1,17	1,04
% da Variância Total	9,63	8,67	8,55	6,28	6,04	5,94	4,26	3,83	3,57	3,19	3,16

O Fator 2 foi composto pelos itens das subescalas Foco, definida como a certeza sobre as próprias preferências profissionais, e Satisfação com a Informação, a primeira pertencente à categoria Processo de Exploração e a segunda à categoria Reações à Exploração. O Fator 3 englobou os itens das subescalas Estresse de Exploração e Estresse de Decisão, ambas da categoria Reações à Exploração e definidas, respectivamente, como o estresse gerado por comportamentos de exploração e tomada de decisão. A união dos itens destas duas duplas de subescalas pode ser explicada pela proximidade de suas próprias definições. Como este estudo pretende levantar o maior número possível de informações sobre a amostra com relação à exploração vocacional, estas subescalas serão mantidas separadas durante a realização das próximas análises estatísticas.

Tabela 4

Estrutural fatorial do Levantamento de Exploração Vocacional (LEV) e consistência interna das subescalas e fatores

Fatores	Subescalas	Itens	<i>n</i>	α	α
1	Instrumentalidade para Busca Externa	50,51,52,53,54	642	0,82	0,88
	Instrumentalidade de Método	41,42,43,44	642	0,81	
2	Satisfação com a Informação	7,8,9,10	632	0,85	0,88
	Foco	11,12,13	644	0,88	
3	Estresse de Exploração	59,60,61,62,63	636	0,87	0,90
	Estresse de Decisão	64,65	643	0,83	
4	Exploração do <i>Self</i>	27,28,29,30,31,32	637	0,80	
5	Instrumentalidade para Busca Interna	45,46,47,48,49	642	0,84	
6	Perspectiva de Concretização da Escolha	34,35,36,37	643	0,87	
7	Exploração Intencional-sistemática	17,19,20	644	0,67	
8	Importância da Definição de uma Escolha	55,56,58	640	0,74	
9	Exploração do Ambiente	23,24,25	645	0,78	
10	Certeza dos Resultados da Exploração	38,39	647	0,79	
11	Quantidade de Informação	2,3	644	0,61	

A fidedignidade dos 11 fatores, e das 14 subescalas do LEV separadamente, foi avaliada através da consistência interna (*alpha* de Crombach) (Tabela 4). Os fatores 7 e 11, que correspondem, respectivamente, às subescalas Exploração Intencional-sistemática e Quantidade de Informação, ambas da categoria Processo de Exploração, não atingiram um

nível aceitável de consistência interna ($\alpha < 0,70$) (Pasquali, 1997). Os outros nove fatores, bem como as 12 subescalas separadamente, atingiram um bom nível de fidedignidade ($\alpha \geq 0,74$). As duas subescalas que atingiram baixo nível de fidedignidade serão excluídas das análises estatísticas que pretende responder às questões de pesquisa.

3.2. Respostas às Questões de Pesquisa

Para responder às questões do presente estudo, foi realizada uma série de análises estatísticas descritivas e inferenciais. Uma análise de variância multivariada (MANOVA) foi utilizada para verificar diferenças significativas entre sexo, idade, tipo de escola e postura frente ao processo de escolha profissional com relação à exploração e à indecisão vocacionais. Análises de correlação bivariada foram realizadas para verificar as relações entre as dimensões da exploração vocacional e entre estas e o nível de indecisão vocacional. Análises de regressão múltipla foram feitas com o objetivo de verificar possíveis modelos preditores para as diversas dimensões teóricas da exploração vocacional e para o nível de indecisão vocacional.

As subescalas do LEV Quantidade de Informação e Exploração Intencional-sistemática, ambas da categoria Processo de Exploração, foram excluídas destas análises por não terem atingido níveis aceitáveis de fidedignidade e a subescala Instrumentalidade de Método, da categoria Crenças sobre a Exploração, foi excluída por ter apresentado problemas de validade. As subescalas Foco e Satisfação com a Informação e as subescalas Estresse de Exploração e Estresse de Decisão, a primeira pertencente à categoria Processo de Exploração e as demais à categoria Reações à Exploração, foram mantidas separadas nestas análises, apesar dos seus itens terem sido agrupados na análise fatorial.

O escore da EIV foi definido pela soma dos itens da escala, enquanto o escore de cada subescala do LEV foi dado pela média aritmética dos mesmos, já que estas não apresentam o mesmo número de itens.

3.2.1. Análises Descritivas

Análises estatísticas descritivas foram utilizadas para caracterizar a amostra com relação à postura frente ao processo de escolha profissional, o comportamento exploratório e o nível de indecisão vocacionais.

Com relação à postura frente ao processo de escolha profissional, os resultados mostraram que 78,7% dos estudantes definiram-se como engajados neste processo, enquanto 3,4% como não engajados e 17,9% como ambíguos em relação a ele ($n=654$).

A pontuação dos participantes da pesquisa nas subescalas do LEV foi bastante elevada (Tabela 5). Apenas na subescala Estresse de Exploração o valor médio apresentado ficou abaixo do ponto médio da subescala.

Tabela 5

Médias e desvios-padrão das subescalas do LEV

Categories e Dimensões	<i>n</i>	min	max	<i>M</i>	<i>DP</i>
Processo de Exploração					
Exploração do Ambiente	647	1	5	3,55	1,06
Exploração do <i>Self</i>	647	1	5	3,93	0,80
Número de Profissões Consideradas	630	0	15	2,53	1,40
Frequência	634	1	5	2,62	1,17
Foco	646	1	5	3,58	1,11
Reações à Exploração					
Satisfação com a Informação	646	1	5	3,64	0,92
Estresse de Exploração	644	1	7	3,75	1,64
Estresse de Decisão	644	1	7	4,47	2,06
Crenças sobre a Exploração					
Perspectiva de Concretização da Escolha	646	1	5	3,20	1,21
Certeza dos Resultados da Exploração	647	1	5	3,64	1,12
Instrumentalidade para Busca Externa	646	1	5	4,10	0,80
Instrumentalidade para Busca Interna	646	1	5	4,08	0,85
Importância da Definição de uma Escolha	645	1	5	4,43	0,76

Com relação ao Processo de Exploração, os resultados indicaram que os estudantes tendem a buscar informações sobre o mundo do trabalho e sobre si mesmos e que a busca por autoconhecimento é mais importante do que a busca por informações profissionais; tendem a buscar informações sobre cerca de três profissões, de uma a duas vezes por semana; e tendem a ter um grau elevado de certeza sobre suas preferências profissionais. Na categoria Reações à Exploração, os resultados indicaram que estes adolescentes apresentam um nível relativamente alto de satisfação com as informações profissionais que possuem; apresentam um nível relativamente baixo de estresse ligado a comportamentos de exploração; e apresentam um nível elevado de estresse ligado a comportamentos de tomada de decisão.

Com relação à categoria Crenças sobre a Exploração, os resultados indicaram que os jovens tendem a acreditar nas oportunidades profissionais para quem termina o ensino médio e na possibilidade de concretização dos objetivos profissionais traçados; acreditam fortemente no valor instrumental da busca por informações sobre o mundo do trabalho e de autoconhecimento; e apresentam um índice extremamente elevado de preocupação com a definição de uma escolha profissional.

O escore médio obtido na EIV foi de 68,42 e o desvio-padrão de 23,20 ($n=657$). Como a amplitude da pontuação da escala varia de 30 a 150 pontos, estes resultados indicam níveis médio-baixos de indecisão vocacional. Porém, o alto valor do desvio-padrão indica uma grande variabilidade no nível da indecisão vocacional da amostra.

3.2.2. Análises Inferenciais

Os testes não-paramétricos Mann-Whitney e Kruskal-Wallis foram utilizados para verificar possíveis diferenças entre sexo, idade e tipo de escola com relação à postura frente ao processo de escolha profissional. Uma análise de variância multivariada (MANOVA) foi utilizada para verificar se existem diferenças significativas entre sexo, idade, tipo de escola e postura frente ao processo de escolha profissional com relação às dimensões da exploração e ao nível de indecisão vocacionais. Também foram feitas análises de correção bivariada, para verificar a relação entre as dimensões da exploração vocacional entre si e destas com o nível de indecisão vocacional, e análises de regressão múltipla, para verificar possíveis modelos de predição para a exploração e a indecisão vocacionais.

O teste não-paramétrico Mann-Whitney foi utilizado para verificar possíveis diferenças entre sexo e tipo de escola com relação à postura frente ao processo de escolha profissional. Os resultados não indicaram diferenças significativas entre os sexos [$Z(654)=-0,58$; $p=0,56$]. No entanto, diferenças estatisticamente significativas foram encontradas entre os tipos de escola [$Z(654)=-4,98$; $p<0,01$]. Os resultados desta análise indicaram que, apesar da maior parte dos jovens de ambos os tipos de escola estar engajada no processo de escolha profissional, os alunos das escolas públicas tendem a estar mais engajados do que os alunos das escolas particulares e estes, por sua vez, tendem a apresentar um maior índice de ambiguidade frente a este processo. A Tabela 6 apresenta a distribuição de frequências das posturas nas escolas públicas e particulares.

O teste não-paramétrico Kruskal-Wallis foi utilizado para verificar possíveis diferenças entre as idades com relação à postura frente ao processo de escolha profissional. Os resultados desta análise mostraram-se significativos [$\chi^2(3,646)=7,9$; $p=0,05$]. Eles indicaram

que os jovens de 17 e 18 anos apresentam um percentual mais alto de engajamento do que os de 16 e de 19 anos; que o percentual de estudantes com 19 anos não engajados é maior do que o de jovens de 16, 17 ou 18 anos; e que o percentual de posturas ambíguas é maior entre os estudantes de 16 anos em comparação com os de 17, 18 e 19 anos. A frequência com que cada postura aparece nas diferentes idades está descrita na Tabela 7.

Tabela 6

Distribuição de frequências das posturas frente ao processo de escolha profissional de acordo com o tipo de escola

Tipo de Escola	Postura	<i>n</i>	Frequência (%)
Pública	engajamento	283	86,3
	não-engajamento	14	4,3
	ambiguidade	31	9,5
Particular	engajamento	232	71,2
	não-engajamento	8	2,5
	ambiguidade	86	26,4

Tabela 7

Distribuição de frequências das posturas frente ao processo de escolha profissional de acordo com a idade

Idade	Postura	<i>n</i>	Frequência (%)
16 anos	engajamento	164	72,9
	não-engajamento	10	4,4
	ambiguidade	51	22,7
17 anos	engajamento	281	82,2
	não-engajamento	10	2,9
	ambiguidade	51	14,9
18 anos	engajamento	51	83,6
	ambiguidade	10	16,4
≥19 anos	engajamento	13	72,2
	não-engajamento	2	11,1
	ambiguidade	3	16,7

Uma análise de variância multivariada (MANOVA) foi realizada para verificar a influência do sexo, idade, tipo de escola e postura frente ao processo de escolha profissional sobre as dimensões da exploração e o nível de indecisão vocacionais.

Com relação ao sexo, os resultados da MANOVA indicaram diferenças significativas para 5 das 13 dimensões da exploração vocacional avaliadas: Estresse de Exploração, Estresse de Decisão, Instrumentalidade para Busca Externa, Instrumentalidade para Busca Interna e Importância da Definição de uma Escolha (Tabela 8). As moças apresentaram escores mais elevados do que os rapazes em todas estas dimensões. Os resultados da análise indicaram que, com relação às Reações à Exploração, as moças possuem um nível mais elevado do que os rapazes de estresse relacionado a comportamentos de exploração e tomada de decisão, e, com relação às Crenças sobre a Exploração, elas acreditam mais que a busca por autoconhecimento e por informações sobre o mundo do trabalho pode auxiliá-las na escolha profissional e dão maior importância à definição de uma escolha profissional do que os rapazes.

Tabela 8

Diferenças significativas entre sexos com relação às dimensões da exploração vocacional

Categorias e Dimensões	Sexo	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>
Reações à Exploração							
Estresse de Exploração	feminino	329	3,91	1,64	8,77	1	0,00
	masculino	258	3,42	1,57			
Estresse de Decisão	feminino	329	4,65	2,09	8,47	1	0,00
	masculino	258	4,15	1,80			
Crenças sobre a Exploração							
Instrumentalidade para Busca Externa	feminino	329	4,28	0,65	18,58	1	0,00
	masculino	258	3,94	0,86			
Instrumentalidade para Busca Interna	feminino	329	4,30	0,69	16,35	1	0,00
	masculino	258	3,87	0,92			
Importância da Definição de uma Escolha	feminino	329	4,59	0,59	12,69	1	0,00
	masculino	258	4,28	0,84			

Diferenças significativas entre os sexos também foram encontradas com relação ao nível de indecisão vocacional [$F(1,587)=4,41$; $p=0,04$]. As moças ($n=329$; $M=69,78$;

$DP=24,03$) apresentaram níveis significativamente mais elevados de indecisão vocacional do que os rapazes ($n=258$; $M=65,85$; $DP=22,45$).

Diferenças significativas com relação à idade foram encontradas em apenas uma das 13 dimensões da exploração vocacional analisadas. A dimensão Instrumentalidade para Busca Interna, pertencente à categoria Crenças sobre a Exploração, apresentou diferenças significativas com relação à idade [$F(3,587)=2,82$; $p=0,04$]. Os resultados indicaram que os jovens de 18 anos apresentam os níveis mais elevados nesta dimensão ($n=53$; $M=4,24$; $DP=0,92$), seguidos pelos jovens de 17 anos ($n=311$; $M=4,14$; $DP=0,80$) e pelos de jovens com 19 anos ou mais ($n=15$; $M=4,08$; $DP=0,82$), enquanto os jovens de 16 anos apresentam os níveis mais baixos nesta dimensão da exploração vocacional ($n=208$; $M=4,03$; $DP=0,83$). Testes *post hoc* Tukey e LSD não apontaram entre quais idades a diferença foi significativa. Não foram encontradas diferenças significativas entre idades para o nível de indecisão vocacional [$F(3,587)=2,15$; $p=0,09$].

Com relação ao tipo de escola, a MANOVA apontou diferenças significativas para duas dimensões da exploração vocacional, ambas da categoria Crenças sobre a Exploração: Perspectiva de Concretização da Escolha [$F(1,587)=9,02$; $p<0,01$] e Certeza dos Resultados da Exploração [$F(1,587)=10,47$; $p<0,01$]. Os alunos das escolas particulares apresentaram níveis mais elevados nestas duas dimensões (Perspectiva de Concretização da Escolha: $n=293$; $M=3,41$; $DP=0,91$; Certeza dos Resultados da Exploração: $n=293$; $M=3,71$; $DP=1,08$) em comparação com os alunos das escolas públicas (Perspectiva de Concretização da Escolha: $n=294$; $M=3,05$; $DP=1,09$; Certeza dos Resultados da Exploração: $n=294$; $M=3,59$; $DP=1,17$). Estes resultados indicam que os alunos das escolas particulares acreditam mais nas oportunidades profissionais para quem termina o ensino médio e na possibilidade de concretização dos próprios objetivos profissionais do que os alunos das escolas públicas. O nível de indecisão vocacional não apresentou diferenças significativas de acordo com o tipo de escola [$F(1,587)=0,07$; $p=0,79$].

Diferenças significativas de acordo com a postura frente ao processo de escolha profissional foram apontadas pela MANOVA em 12 das 13 dimensões da exploração vocacional avaliadas (Tabela 9). Apenas a dimensão Estresse de Exploração não apresentou diferenças significativas entre as posturas. Testes *post hoc* Tukey mostraram entre quais posturas a diferença foi significativa para cada dimensão (Tabela 10).

Tabela 9

Diferenças significativas entre posturas frente ao processo de escolha profissional com relação às dimensões da exploração vocacional

Categorias e Dimensões	Postura	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>
Processo de Exploração							
Exploração do Ambiente	engajamento	461	3,66	1,05	8,91	2	0,00
	não-engajamento	19	2,77	1,30			
	ambiguidade	107	3,27	1,04			
Exploração do <i>Self</i>	engajamento	461	4,02	0,73	6,70	2	0,00
	não-engajamento	19	3,71	0,92			
	ambiguidade	107	3,67	0,93			
Número de Profissões Consideradas	engajamento	461	2,42	1,28	5,44	2	0,00
	não-engajamento	19	3,32	1,11			
	ambiguidade	107	2,75	1,75			
Frequência	engajamento	461	2,67	1,15	5,01	2	0,01
	não-engajamento	19	2,32	1,34			
	ambiguidade	107	2,42	1,21			
Foco	engajamento	461	3,83	1,01	22,55	2	0,00
	não-engajamento	19	2,98	0,99			
	ambiguidade	107	2,77	1,10			
Reações à Exploração							
Satisfação com a Informação	engajamento	461	3,78	0,88	10,07	2	0,00
	não-engajamento	19	3,60	0,70			
	ambiguidade	107	3,16	0,95			
Estresse de Decisão	engajamento	461	4,22	2,05	5,47	2	0,00
	não-engajamento	19	4,21	2,16			
	ambiguidade	107	5,23	1,92			
Crenças sobre a Exploração							
Perspectiva de Concretização da Escolha	engajamento	461	3,30	1,02	6,29	2	0,00
	não-engajamento	19	3,10	1,09			
	ambiguidade	107	3,00	0,99			
Certeza dos Resultados da Exploração	engajamento	461	3,80	1,06	9,84	2	0,00
	não-engajamento	19	3,05	1,18			
	ambiguidade	107	3,12	1,24			
Instrumentalidade para Busca Externa	engajamento	461	4,20	0,75	5,58	2	0,00
	não-engajamento	19	3,80	0,94			
	ambiguidade	107	3,93	0,77			
Instrumentalidade para Busca Interna	engajamento	461	4,16	0,77	7,77	2	0,00
	não-engajamento	19	4,03	1,01			
	ambiguidade	107	3,90	0,99			
Importância da Definição da Escolha	engajamento	461	4,54	0,61	25,41	2	0,00
	não-engajamento	19	3,34	0,99			
	ambiguidade	107	4,27	0,94			

Tabela 10

Diferenças significativas entre posturas frente ao processo de escolha profissional com relação às dimensões da exploração vocacional: avaliação post hoc

Categorias e Dimensões	Postura	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>p</i>
Exploração do Ambiente	engajamento	461	3,66	1,05	0,00
	não-engajamento	19	2,77	1,30	
Exploração do Ambiente	engajamento	461	3,66	1,05	0,00
	ambiguidade	107	3,27	1,04	
Exploração do <i>Self</i>	engajamento	461	4,02	0,73	0,00
	ambiguidade	107	3,67	0,93	

Tabela 10 (continuação)

Dimensões	Postura	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>p</i>
Número de Profissões Consideradas	engajamento	461	2,42	1,28	0,01
	não-engajamento	19	3,32	1,11	
Foco	engajamento	461	3,83	1,01	0,00
	não-engajamento	19	2,98	0,99	
Foco	engajamento	461	3,83	1,01	0,00
	ambiguidade	107	2,77	1,10	
Satisfação com a Informação	engajamento	461	3,78	0,88	0,00
	ambiguidade	107	3,16	0,95	
Estresse de Decisão	engajamento	461	4,22	2,05	0,00
	ambiguidade	107	5,23	1,92	
Perspectiva de Concretização da Escolha	engajamento	461	3,30	1,02	0,02
	ambiguidade	107	3,00	0,99	
Certeza dos Resultados da Exploração	engajamento	461	3,80	1,06	0,01
	não-engajamento	19	3,05	1,18	
Certeza dos Resultados da Exploração	engajamento	461	3,80	1,06	0,00
	ambiguidade	107	3,12	1,24	
Instrumentalidade para Busca Externa	engajamento	461	4,20	0,75	0,05
	não-engajamento	19	3,80	0,94	
Instrumentalidade para Busca Externa	engajamento	461	4,20	0,75	0,00
	ambiguidade	107	3,93	0,77	
Instrumentalidade para Busca Interna	engajamento	461	4,16	0,77	0,00
	ambiguidade	107	3,90	0,99	
Importância da Definição da Escolha	engajamento	461	4,54	0,61	0,00
	não-engajamento	19	3,34	0,99	
Importância da Definição da Escolha	engajamento	461	4,54	0,61	0,00
	ambiguidade	107	4,27	0,94	
Importância da Definição da Escolha	não-engajamento	19	3,34	0,99	0,00
	ambiguidade	107	4,27	0,94	

O teste *post hoc* Tukey não mostrou entre quais posturas a diferença foi significativa para a Frequência. No entanto, o teste *post hoc* LSD apontou para uma diferença significativa entre as posturas de engajamento e ambiguidade ($p=0,04$). Os jovens engajados ($n=461$;

$M=2,67$; $DP=1,15$) apresentaram índices superiores aos obtidos pelos jovens ambíguos ($n=19$; $M=2,42$; $DP=1,21$) nesta dimensão.

Os resultados da MANOVA indicaram que, com relação ao Processo de Exploração, os jovens engajados no processo de escolha profissional tendem a buscar mais informações sobre o mundo do trabalho e possuem um nível mais elevado de certeza sobre suas preferências profissionais do que os jovens não engajados e ambíguos; tendem a buscar mais autoconhecimento e buscam informações profissionais com maior frequência do que os jovens ambíguos; e consideram um número menor de profissões quando comparados aos jovens não engajados. Com relação às Reações à Exploração, os jovens engajados estão mais satisfeitos com as informações profissionais que possuem e apresentam níveis menores de estresse ligado a comportamentos de tomada de decisão do que os jovens ambíguos. Nas Crenças sobre a Exploração, os jovens engajados tendem a acreditar mais na possibilidade de concretização dos seus objetivos profissionais, no auxílio que a busca de informações sobre o mundo do trabalho pode oferecer à escolha de uma profissão e na importância da definição de uma escolha profissional do que os jovens não engajados e ambíguos em relação ao processo de escolha profissional; os jovens engajados também tendem a acreditar mais nas oportunidades profissionais para quem termina o ensino médio e no poder da busca por autoconhecimento para escolha profissional do que os jovens ambíguos; finalmente, os jovens ambíguos tendem a dar uma maior importância à definição de uma escolha profissional do que os não engajados neste processo de escolha.

Para o nível de indecisão vocacional, a MANOVA também apontou uma diferença significativa entre as posturas frente ao processo de escolha profissional [$F(2,587)= 10,03$; $p<0,01$]. O teste *post hoc* Tukey mostrou diferenças significativas entre as posturas engajamento e não engajamento ($p<0,01$) e engajamento e ambiguidade ($p<0,01$). O nível mais elevado de indecisão vocacional pertence aos jovens ambíguos ($n=107$; $M=83,83$; $DP=20,73$), em seguida vêm os jovens não engajados ($n=19$; $M=78,16$; $DP=22,62$) e, por último, os jovens engajados ($n=461$; $M=63,98$; $DP=22,36$). Estes resultados indicam que os adolescentes ambíguos e não engajados no processo de escolha profissional são significativamente mais indecisos do que os adolescentes engajados no mesmo.

A relação entre as dimensões da exploração vocacional medidas pelas subescalas do LEV foram verificadas através do Coeficiente de Correlação de Pearson. A matriz correlacional obtida está descrita na Tabela 11.

Tabela 11

Matriz correlacional das dimensões da exploração vocacional

Categoria	Dimensão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
Processo de Exploração	1 Exploração do Ambiente	-												
	2 Exploração do <i>Self</i>	0,43**	-											
	3 Número de Profissões Consideradas	-0,10*	0,01	-										
	4 Freqüência	0,44**	0,25**	0,05	-									
	5 Foco	0,35**	0,26**	-0,34**	0,12**	-								
Reações à Exploração	6 Satisfação com a Informação	0,44**	0,31**	-0,24**	0,16**	0,59**	-							
	7 Estresse de Exploração	0,04	0,03	0,14**	0,08*	-0,25**	-0,16**	-						
	8 Estresse de Decisão	-0,10**	-0,09*	0,15**	-0,03	-0,44**	-0,30**	0,70**	-					
Crenças sobre a Exploração	9 Perspectiva de Concretização da Escolha	0,25**	0,19**	-0,44**	0,12**	0,28**	0,35**	-0,06	-0,12**	-				
	10 Certeza dos Resultados da Exploração	0,30**	0,26**	-0,11**	0,17**	0,35**	0,33**	-0,12**	-0,24**	0,35**	-			
	11 Instrumentalidade pra Busca Externa	0,25**	0,30**	-0,01	0,20**	0,12**	0,11**	0,15**	0,13**	0,09*	0,17**	-		
	12 Instrumentalidade para Busca Interna	0,17**	0,48**	-0,01	0,15**	0,06	0,12**	0,18**	0,11**	0,13**	0,10*	0,55**	-	
	13 Importância da Definição de uma Escolha	0,19**	0,24**	-0,04	0,17**	0,12**	0,08*	0,14**	0,12**	0,08*	0,14**	0,42**	0,32**	-

* correlação significativa ($p \leq 0,05$)** correlação significativa ($p \leq 0,01$)

A dimensão Exploração do Ambiente, caracterizada pela busca de informações sobre o mundo do trabalho, apresentou correlações positivas significativas com outras nove dimensões da exploração vocacional. As mais importantes ocorreram com a Exploração do *Self*, a Frequência, o Foco, a Satisfação com a Informação e a Certeza dos Resultados da Exploração. Por outro lado, a Exploração do Ambiente apresentou pequenas correlações negativas significativas com as dimensões Número de Profissões Consideradas e Estresse de Decisão e não apresentou correlação significativa com a dimensão Estresse de Exploração.

A dimensão Exploração do *Self*, definida como a busca por autoconhecimento, também manteve correlações positivas significativas com outras nove dimensões da exploração vocacional. As mais importantes ocorreram com as dimensões Exploração do Ambiente, Satisfação com a Informação, Instrumentalidade para Busca Externa e Instrumentalidade para Busca Interna. A Exploração do *Self* apresentou uma correlação negativa significativa muito pequena com a dimensão Estresse de Decisão e não se correlacionou significativamente com o Estresse de Exploração.

A dimensão Número de Profissões Consideradas apresentou correlações positivas significativas muito pequenas com as dimensões Estresse de Exploração e Estresse de Decisão e manteve correlações negativas significativas com cinco outras dimensões, entre as quais as mais importantes ocorreram com o Foco e a Perspectiva de Concretização da Escolha. Outras cinco dimensões não se correlacionam significativamente com o Número de Profissões Consideradas.

A Frequência com que se busca informações profissionais apresentou correlações positivas significativas com 10 dimensões da exploração vocacional. A mais importante ocorreu com a dimensão Exploração do Ambiente. Ela não apresentou correlações negativas, significativas ou não, e não se correlacionou significativamente com as dimensões Número de Profissões Consideradas e Estresse de Decisão.

O Foco, ou nível de certeza das preferências profissionais, apresentou correlações positivas significativas com oito dimensões da exploração. A mais importante foi mantida com a dimensão Satisfação com a Informação. Outras dimensões importantes com que manteve correlações positivas significativas foram a Exploração do Ambiente e a Certeza dos Resultados da Exploração. Por outro lado, o Foco mostrou correlações negativas significativas com o Número de Ocupações Consideradas, o Estresse de Exploração e o Estresse de Decisão e não mostrou correlação significativa com a Instrumentalidade para Busca Interna.

A dimensão Satisfação com a Informação manteve correlações positivas significativas com nove outras dimensões da exploração vocacional. A mais importante foi mantida com a

dimensão Foco. Outras correlações positivas significativas importantes ocorreram com as dimensões Exploração do Ambiente, Exploração do *Self*, Perspectiva de Concretização da Escolha e Certeza dos Resultados da Exploração. Por outro lado, a Satisfação com a Informação apresentou pequenas correlações negativas significativas com três dimensões: Número de Profissões Consideradas, Estresse de Exploração e Estresse de Decisão.

O Estresse de Exploração apresentou correlações positivas significativas com seis outras dimensões da exploração. A mais importante delas foi mantida com o Estresse de Decisão. As demais correlações positivas apresentam índices muito pequenos. Pequenas correlações negativas significativas foram encontradas com três dimensões: Foco, Satisfação com a Informação e Certeza dos Resultados da Exploração. O Estresse de Exploração não apresentou correlações significativas com as dimensões Exploração do Ambiente e a Exploração do *Self*.

A dimensão Estresse de Decisão apresentou correlações positivas significativas com cinco outras dimensões. A mais relevante foi mantida com o Estresse de Exploração. Seis dimensões correlacionam-se negativamente de forma significativa com o Estresse de Decisão, as correlações mais importantes ocorreram com o Foco e com a Satisfação com a Informação. Essa dimensão não se correlacionou de forma significativa com o Número de Profissões Consideradas.

A Perspectiva de Concretização da Escolha é caracterizada pela crença nas oportunidades profissionais para quem termina o ensino médio. Manteve correlações positivas significativas com 10 dimensões da exploração vocacional. As correlações mais importantes foram encontradas com a Satisfação com a Informação e a Certeza dos Resultados da Exploração. Essa dimensão apresentou correlações negativas significativas com as dimensões Número de Profissões Consideradas e Estresse de Decisão e não se correlacionou significativamente com o Estresse de Exploração.

A Certeza dos Resultados da Exploração é definida como a crença na possibilidade de concretização dos objetivos profissionais planejados. Mostrou correlações positivas significativas com nove dimensões da exploração, sendo que as mais importantes ocorreram com a Exploração do Ambiente, o Foco, a Satisfação com a Informação e a Perspectiva de Concretização da Escolha. Pequenos índices de correlação negativa significativa foram encontrados junto às dimensões Número de Profissões Consideradas e Estresse de Decisão e Estresse de Exploração.

A dimensão Instrumentalidade para Busca Externa, definida como a crença de que a busca de informações sobre o mundo do trabalho pode auxiliar na escolha de uma profissão,

correlaciono-se positivamente de forma significativa com 11 dimensões da exploração vocacional. As correlações mais importantes ocorreram com a Exploração do *Self*, a Instrumentalidade para Busca Interna e a Importância da Definição de uma Escolha. Esta dimensão não se correlacionou de forma significativa com o Número de Profissões Consideradas.

A Instrumentalidade para Busca Interna é definida como a crença de que a busca por autoconhecimento pode auxiliar na escolha profissional. Ela manteve correlações positivas significativas com 10 outras dimensões da exploração. As mais importantes ocorreram com a Exploração do *Self*, a Instrumentalidade para Busca Externa e a Importância da Definição de uma Escolha. Esta dimensão não se correlacionou significativamente com o Número de Profissões Consideradas e com o Foco.

A dimensão Importância da Definição de uma Escolha correlacionou-se positivamente de forma significativa com outras 11 dimensões da exploração vocacional. As correlações mais relevantes ocorreram com a Instrumentalidade para Busca Externa e a Instrumentalidade para Busca Interna. Esta dimensão não se correlacionou significativamente com a dimensão Número de Profissões Consideradas.

O Coeficiente de Correlação Linear de Pearson também foi utilizada para verificar possíveis relações entre as dimensões da exploração e o nível de indecisão vocacionais. Os resultados desta análise estão descritos na Tabela 12.

Tabela 12

Correlações entre as dimensões da exploração e o nível de indecisão vocacionais

Categorias e Dimensões da Exploração	Nível de Indecisão
Processo de Exploração	
Exploração do Ambiente	-0,31*
Exploração do <i>Self</i>	-0,21*
Número de Profissões Consideradas	0,34*
Frequência	-0,10*
Foco	-0,71*
Reações à Exploração	
Satisfação com a Informação	-0,54*
Estresse de Exploração	0,42*
Estresse de Decisão	0,54*

Tabela 12 (continuação)

Categorias e Dimensões da Exploração	Nível de Indecisão
Crenças sobre a Exploração	
Perspectiva de Concretização da Escolha	-0,31*
Certeza dos Resultados da Exploração	-0,35*
Instrumentalidade para Busca Externa	-0,01
Instrumentalidade para Busca Interna	-0,01
Importância da Definição de uma Escolha	0,01

* correlação significativa ($p \leq 0,01$)

Do total de 13 dimensões da exploração vocacional, 3 apresentaram correlações positivas significativas e 7 apresentaram correlações negativas significativas com a indecisão vocacional. Das correlações positivas, as mais importantes ocorreram com as dimensões Estresse de Exploração e Estresse de Decisão, ambas da categoria Reações à Exploração. Das correlações negativas, as mais relevantes foram mantidas com o Foco e a Satisfação com a Exploração, pertencente, respectivamente, às categorias Processo de Exploração e Reações à Exploração.

Análises de regressão múltipla foram realizadas para verificar o valor preditivo da idade, do sexo, do tipo de escola, da postura frente ao processo de escolha profissional e do nível de indecisão vocacional sobre as dimensões da exploração vocacional. Para a definição de modelos explicativos para estas dimensões foi utilizado o método *stepwise*. Os resultados destas análises estão descritos na Tabela 13.

Os resultados apontaram o nível de indecisão como o maior preditor para 10 das 13 dimensões da exploração vocacional. O sexo apareceu como preditor para 10 das 13 dimensões. A idade não apareceu como preditor para nenhuma dimensão. Modelos explicativos importantes emergiram com relação às dimensões Foco, Satisfação com a Informação e Estresse de Decisão. O nível de indecisão vocacional, a postura frente ao processo de escolha profissional e o sexo explicaram 53% da variação do Foco. O nível de indecisão vocacional e a postura frente ao processo de escolha profissional explicaram 30% da variação da dimensão Satisfação com a Informação. O nível de indecisão e o sexo explicaram 30% da variação do Estresse de Decisão.

Tabela 13

Modelos explicativos das dimensões da exploração vocacional.

Categorias e Dimensões da Exploração	Sexo			Idade			Tipo de Escola			Postura			Indecisão Vocacional		
	β	R	R^2	β	R	R^2	β	R	R^2	β	R	R^2	β	R	R^2
Processo de Exploração															
Exploração do Ambiente	-0,09	0,33	0,11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-0,33	0,32	0,10
Exploração do <i>Self</i>	-0,11	0,24	0,06	-	-	-	-	-	-	-0,10	0,26	0,07	-0,19	0,27	0,05
Número de Profissões Consideradas	0,09	0,36	0,13	-	-	-	-0,09	0,37	0,14	-	-	-	0,35	0,35	0,12
Frequência	-0,09	0,15	0,02	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-0,13	0,12	0,01
Foco	0,07	0,73	0,53	-	-	-	-	-	-	-0,15	0,73	0,53	-0,66	0,71	0,51
Reações à Exploração															
Satisfação com a Informação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-0,10	0,55	0,30	-0,51	0,54	0,29
Estresse de Exploração	-0,09	0,43	0,19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,42	0,42	0,18
Estresse de Decisão	-0,09	0,55	0,30	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,54	0,54	0,29

Tabela 13 (continuação)

Categorias e Dimensões da Exploração	Sexo			Idade			Tipo de Escola			Postura			Indecisão Vocacional			
	β	R	R^2	β	R	R^2	β	R	R^2	β	R	R^2	β	R	R^2	
Crenças sobre a Exploração																
Perspectiva de Concretização da Escolha	-	-	-	-	-	-	0,16	0,36	0,13	-	-	-	-0,31	0,32	0,10	
Certeza dos Resultados da Exploração	-	-	-	-	-	-	0,08	0,39	0,15	-0,17	0,38	0,15	-0,30	0,36	0,13	
Instrumentalidade pra Busca Externa	-0,22	0,21	0,04	-	-	-	-0,18	0,28	0,08	-0,10	0,30	0,09	-	-	-	
Instrumentalidade para Busca Interna	-0,24	0,24	0,06	-	-	-	-0,12	0,27	0,07	-0,08	0,28	0,08	-	-	-	
Importância da Definição de uma Escolha	-0,21	0,20	0,04	-	-	-	-0,12	0,27	0,07	-0,12	0,25	0,06	-	-	-	

Uma análise de regressão múltipla também foi realizada para verificar o valor preditivo da idade, do sexo, do tipo de escola, da postura frente ao processo de escolha profissional e das 13 dimensões da exploração vocacional sobre o nível de indecisão vocacional. O método *stepwise* foi utilizado para a construção de modelos explicativos para a esta variável. A Tabela 14 apresenta os resultados desta análise.

Tabela 14

Modelo explicativo do nível de indecisão vocacional

Variáveis Independentes	Indecisão vocacional		
	β	R	R^2
Sexo	-	-	-
Idade	-	-	-
Tipo de Escola	-	-	-
Postura frente à Escolha Profissional	0,07	0,80	0,64
Processo de Exploração			
Exploração do Ambiente	-0,08	0,80	0,63
Exploração do <i>Self</i>	-	-	-
Número de Profissões Consideradas	0,10	0,79	0,62
Frequência	-	-	-
Foco	-0,44	0,72	0,52
Reações à Exploração			
Satisfação com a Informação	-0,09	0,78	0,60
Estresse de Exploração	0,16	0,78	0,61
Estresse de Decisão	0,16	0,77	0,59
Crenças sobre a Exploração			
Perspectiva de Concretização da Escolha	-0,08	0,79	0,63
Certeza dos Resultados da Exploração	-	-	-
Instrumentalidade pra Busca Externa	-	-	-
Instrumentalidade para Busca Interna	-	-	-
Importância da Definição de uma Escolha	0,06	0,80	0,64

O modelo preditivo para a indecisão vocacional, que emergiu desta análise, incluiu oito dimensões da exploração vocacional e a postura frente ao processo de escolha

profissional e foi capaz de explicar 64% da variação da indecisão. O Foco, ou certeza sobre as próprias preferências profissionais, pertencente à categoria Processo de Exploração, apareceu como o maior preditor deste modelo, explicando sozinho 52% da variação do nível de indecisão vocacional.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

A discussão dos resultados deste estudo será feita em dois momentos. O primeiro deles tem como foco o processo de desenvolvimento e validação do Levantamento de Exploração Vocacional (LEV), o segundo, pretende responder às questões de pesquisa previamente formuladas.

4.1. Desenvolvimento e Validação do Levantamento de Exploração Vocacional (LEV)

O *Career Exploration Survey* (CES) (Stumpf & cols., 1983) é um instrumento para a mensuração da exploração vocacional e foi construído tendo como população-alvo estudantes graduados no *college* norte-americano; isto é, estudantes de nível superior que já passaram por escolhas profissionais e que farão escolhas mais específicas relativas ao ingresso no mercado de trabalho. Por tal motivo, ocupações, empregos e empresas foram definidos como os objetos de exploração, o que influenciou diretamente a construção de grande parte dos itens da escala.

Este instrumento foi traduzido e adaptado para o Brasil por Frischenbruder (1999) para a mensuração da exploração vocacional de alunos da terceira série do ensino médio, tendo recebido o nome de Levantamento de Exploração Profissional (LEP) (Anexo E). Das 16 subescalas do instrumento original, três não alcançaram bons níveis de fidedignidade e foram excluídas do instrumento: Estresse de Exploração, Estresse de Decisão e Certeza sobre os Resultados da Exploração. A validade de construto do LEP foi avaliada e confirmada em estudo posterior sem a inclusão das três subescalas previamente excluídas (Frischenbruder & cols., 2002).

No entanto, e apesar das boas características psicométricas, o LEP apresenta alguns problemas com relação ao conteúdo dos itens, pois manteve os mesmos ligados aos três objetos da exploração vocacional definidos para o instrumento original. Este ponto torna-se um problema para a avaliação da exploração vocacional em alunos da terceira série do ensino médio brasileiro, pois ocupações, empregos e empresas não são os objetos de exploração vocacional de tais adolescentes. De uma maneira geral, o jovem brasileiro que está na iminência de terminar o ensino médio preocupa-se com a continuidade dos seus estudos, na maioria das vezes através da escolha de um curso universitário. Com relação aos jovens que optam por ingressar no mercado de trabalho neste momento, a maior parte, se não a

totalidade, não apresenta qualificação profissional alguma, o que sugere que a busca de trabalho, nestes casos, não é fruto de exploração vocacional.

Estas razões motivaram o desenvolvimento de um novo instrumento capaz de responder melhor à realidade educacional brasileira. O Levantamento de Exploração Vocacional (LEV) foi desenvolvido com base no modelo teórico multidimensional da exploração vocacional e nos itens do CES (Stumpf & Colarelli, 1980; Stumpf & cols., 1982; Stumpf & cols., 1983). Algumas dimensões teóricas propostas por tal modelo foram renomeadas e redefinidas e os objetos da exploração foram substituídos por possibilidades de estudo e trabalho para quem termina o ensino médio, profissões e cursos universitários e/ou profissionalizantes.

Os resultados do presente estudo indicaram que a maior parte das subescalas do LEV são válidas e precisas para avaliar a exploração vocacional de alunos da terceira série do ensino médio brasileiro.

A validade de construto do LEV foi avaliada através de uma análise fatorial, da qual foram excluídos os itens correspondentes das duas subescalas de item único. Os resultados desta análise mostraram uma estrutura fatorial composta por 11 fatores, 8 deles correspondentes aos itens de uma única subescala do instrumento. Outros três fatores foram compostos por itens de duas subescalas simultaneamente e estes casos merecem ser discutidos.

O Fator 1 foi composto pelos itens das subescalas Instrumentalidade para Busca Externa e Instrumentalidade de Método, ambas pertencentes à categoria Crenças sobre a Exploração. A nomenclatura e a definição teórica destas subescalas não foi alterada no LEV. A Instrumentalidade para Busca Externa é definida como a crença em que a busca por informações sobre o mundo do trabalho pode auxiliar na escolha de uma profissão e a Instrumentalidade de Método como a crença em que a busca de forma intencional e sistemática por informações vocacionalmente relevantes pode auxiliar nesta escolha. A explicação para o agrupamento dos itens destas subescalas pode ser atribuída à similaridade do conteúdo dos mesmos, o que impediu que os itens referentes à dimensão Instrumentalidade de Método fosse sensível o bastante para avaliar o que se propunha. Este motivo fez com que esta subescala fosse excluída das análises estatísticas subsequentes realizadas neste estudo.

O Fator 2 foi constituído pelos itens das subescalas Foco e Satisfação com a Informação, pertencentes, respectivamente, às categorias Processo de Exploração e Reações à Exploração. A nomenclatura de ambas foi mantida, mas sua definição foi alterada quanto aos objetos da exploração. A Satisfação com a Informação é definida como a satisfação sentida

com as informações vocacionalmente relevantes obtidas, enquanto o Foco é definido como o grau de certeza sentido por preferências profissionais.

É lícito imaginar que ter um alto grau de certeza sobre as próprias preferências profissionais; isto é, saber do que se gosta e o que se quer, está muito próximo do sentimento de satisfação com as informações profissionais que se possui, o que pode explicar a união dos itens destas duas subescalas em um mesmo fator. Na análise fatorial realizada no estudo que deu origem ao CES, os itens destas subescalas também se agruparam em um mesmo fator (Stumpf & cols., 1983), o que se repetiu no trabalho de validação do LEP (Frischenbruder & cols., 2002).

Neste estudo, estas subescalas foram mantidas separadas para a realização das análises estatísticas; porém, os resultados das análises descritivas e correlacionais subseqüentes apontaram para uma proximidade entre as dimensões da exploração vocacional avaliadas por estas subescalas. O conjunto de resultados aponta para a criação de uma nova subescala que inclua os itens englobados pelo Fator 2. Esta nova subescala pode receber o nome de Cristalização de Preferências Profissionais e ser definida como o grau de apropriação dos próprios interesse e habilidades. Este construto, na verdade, pode compor uma nova categoria, pois avalia os resultados do Processo de Exploração vocacional, já que a cristalização de preferências profissionais corresponde à segunda tarefa evolutiva do Estágio Exploratório do Desenvolvimento Vocacional, tarefa subseqüente à tarefa de exploração vocacional (Pelletier & cols., 1974/1985; Super, 1957; Super & cols., 1957; Super & cols., 1963; Super & cols., 1996).

O Fator 3 foi formado com itens das subescalas Estresse de Exploração e Estresse de Decisão, ambas pertencentes à categoria Reações à Exploração. Tais subescalas não tiveram seu nome ou sua definição alterados. A união dos itens destas subescalas parece óbvia, pois, apesar da primeira referir-se ao estresse causado por comportamentos de exploração e a segunda ao estresse causado por comportamentos de tomada de decisão, elas referem-se a tarefas indissociáveis para os alunos da terceira série do ensino médio brasileiro que vivem o momento de escolha de uma profissão. Os resultados das análises correlacionais confirmam esta tendência de união entre as dimensões medidas por estas subescalas; no entanto, os resultados encontrados nas análises descritivas mostraram um nível alto de estresse de decisão entre os jovens em comparação com um nível relativamente baixo de estresse de exploração. Esta diferença justifica a manutenção destas subescalas, já que os dados fornecidos por elas em separado apresentam um importante valor psicológico.

A fidedignidade das subescalas do LEV foi verificada através da análise de consistência interna (*alpha* de Crombach). Duas subescalas, Quantidade de Informação e Exploração Intencional-sistemática, não alcançaram um nível aceitável de consistência interna, o que indica baixo índice de precisão das mesmas. Este problema pode ter origem numa possível falta de congruência entre os itens de cada subescala (Pasquali, 1997).

4.2. Respostas às Questões de Pesquisa

Os resultados que buscam responder às questões de pesquisa serão discutidos de acordo com a ordem em que as tais questões foram formuladas anteriormente.

4.2.1. Níveis de exploração e indecisão vocacionais

Os resultados deste estudo mostraram que os alunos da terceira série do ensino médio apresentam níveis médio-altos em quase todas as dimensões da exploração vocacional, o que confirma a hipótese formulada e vai de encontro aos resultados encontrados por Frischenbruder (1999). A única exceção refere-se à dimensão Estresse de Exploração, cuja pontuação média dos participantes da pesquisa atingiu níveis médio-baixos.

Alguns resultados mostraram-se particularmente interessantes. O primeiro deles refere-se ao fato de que estes alunos preocupam-se mais com a busca por autoconhecimento do que por informações sobre o mundo do trabalho, o que pode ser explicado pelo fato destes adolescentes serem ainda bastante jovens e estarem vivendo o momento de definição de suas próprias identidades (Erikson, 1968/1976; Márcia, 1966; Steinberg, 1999). Este resultado foi contrário ao obtido por Frischenbruder (1999), mas esta diferença pode ser explicada pelas diferenças dos instrumentos utilizados, o LEP e o LEV, e pelo fato desta autora ter utilizado apenas alunos de escolas particulares em sua amostra de pesquisa.

Outro resultado que chamou à atenção refere-se à alta pontuação obtida na dimensão Foco, que expressa o grau de certeza sobre as próprias preferências profissionais. Pode-se afirmar que esta dimensão está intimamente ligada à tarefa evolutiva de cristalização; isto é, à delimitação de preferências profissionais (Pelletier & cols., 1974/1985; Super, 1957; Super & cols., 1957; Super & cols., 1963; Super & cols., 1996). Este resultado surpreende quando comparado a dados encontrados na literatura que apontam para a falta de autoconhecimento e de informações profissionais característica desta população (Centro de Orientação Vocacional e Profissional do Paraná, 2000; Ramos & Lima, 1996; Schiesse & Sarriera, 2000). Este resultado pode indicar que os alunos da terceira série do ensino médio realizam a tarefa de cristalização antes de terem realizado uma exploração vocacional ampla. Apesar dos

resultados desta pesquisa terem apontado para altos níveis de exploração vocacional, estes adolescentes encontram-se apenas no início do estágio exploratório do desenvolvimento vocacional, que, segundo Super (1957), vai dos 15 aos 25 anos de idade, e cuja primeira tarefa é exatamente a exploração vocacional (Pelletier & cols., 1974/1985). Esta cristalização de preferências profissionais pode ter sido precipitada pela pressão social exercida sobre estes jovens para que especifiquem uma escolha profissional neste momento de suas vidas.

Finalmente, é importante ressaltar os níveis extremamente altos de importância atribuída a definição de uma escolha profissional e os níveis também elevados de estresse relacionado aos comportamentos de tomada de decisão. Estes resultados podem ser explicados pela própria realidade vivida pelo aluno da terceira série do ensino médio brasileiro, do qual é socialmente esperado que especifique uma escolha profissional mesmo antes que o ano letivo chegue ao fim. Este fato também é capaz de explicar os níveis médio-baixos de estresse relacionado a comportamentos de exploração, pois a tomada de decisão, e não a exploração, parece ser a tarefa mais importante para estes jovens neste momento. A pontuação média obtida na dimensão Definição de uma Escolha Profissional do comportamento exploratório mostrou-se superior à obtida por Frischenbruder (1999), mas esta diferença pode ser atribuída às mesmas razões expostas anteriormente.

Quanto à indecisão vocacional, os jovens apresentaram níveis médio-baixos, o que confirma a hipótese formulada e vai de encontro aos resultados obtidos por Bardagi (2002). O estudo realizado por Teixeira e Magalhães (2001) para a criação e a validação da EIV, apontou níveis médio-altos de indecisão vocacional; no entanto, a amostra deste estudo foi composta em grande parte por indivíduos que buscaram o Serviço de Orientação Profissional (SOP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o que pode explicar o índice mais elevado de indecisão encontrado.

4.2.2. Diferenças entre grupos com relação aos níveis de exploração e indecisão vocacionais

Diferenças de sexo com relação à exploração vocacional foram encontradas em diversos estudos (Frischenbruder, 1999; Stumpf & cols., 1983; Taveira & cols., 1998). No entanto, tais diferenças foram singulares conforme a idade média da amostra e o contexto sócio-cultural da qual esta fazia parte. No presente estudo, diferenças de sexo foram encontradas em 5 das 13 dimensões da exploração vocacional examinadas; em todas elas as moças apresentaram níveis mais elevados do que os rapazes, o que vai ao encontro da hipótese formulada.

Com relação às Reações à Exploração, as moças apresentam níveis mais elevados do que os rapazes de estresse ligado a comportamentos de exploração e tomada de decisão. Com relação às Crenças sobre a Exploração, as moças acreditam mais do que os rapazes em que a busca de informações sobre si mesmas e sobre o mundo do trabalho pode auxiliá-las na escolha de uma profissão e dão maior importância à definição de uma escolha profissional.

A comparação entre as características das moças e dos rapazes com relação à exploração vocacional indica que elas estão mais preocupadas com a obtenção de informações vocacionalmente relevantes e com a implementação de uma escolha profissional, apesar de apresentarem níveis mais elevados de estresse relacionados a estas atividades. Alguns autores vêm apontando a importância dos fatores sócio-culturais sobre o comportamento exploratório vocacional (Blustein, 1997; Flum & Blustein, 2000). As mudanças do papel social da mulher em relação ao mundo do trabalho, que vem ocorrendo nas últimas décadas, podem ser consideradas uma variável sócio-cultural capaz de influenciar a exploração vocacional. É possível que as moças, das quais é atualmente esperado o mesmo engajamento na vida profissional que é esperado dos rapazes, ainda estejam adaptando-se a esta nova realidade da mulher em nossa sociedade. Sua maior preocupação com a tarefa de escolher uma profissão pode ser reflexo desta adaptação.

Em desacordo com a hipótese formulada e com os dados encontrados na literatura (Bardagi, 2002), os resultados do presente estudo indicaram diferenças significativas entre os sexos com relação ao nível de indecisão vocacional. As moças mostraram-se mais indecisas do que os rapazes. A diferença encontrada entre este estudo e o estudo de Bardagi pode ser atribuída ao fato de que as amostras de ambos os trabalhos não foi escolhida de forma aleatórias, mas através do critério de conveniência. O nível superior de indecisão vocacional entre as moças, em comparação com os rapazes, pode ser explicado pelas mesmas razões apontadas com relação às diferenças encontradas entre os sexos em várias das dimensões da exploração vocacional.

De acordo com a hipótese formulada e com as indicações da literatura (Frischenbruder, 1999), adolescentes mais velhos apresentaram níveis mais elevados em uma dimensão da exploração vocacional: Instrumentalidade para Busca Interna, ou a crença em que a busca por autoconhecimento pode auxiliar na escolha de uma profissão. Com relação aos níveis de indecisão vocacional, a hipótese de ausência de diferenças significativas com a variação da idade foi confirmada, o que está em consonância com os dados encontrados na literatura (Bardagi, 2002).

Estudos sobre maturidade vocacional, costumam demonstrar que esta maturidade aumenta com o aumento da idade (Neiva, 1998; Neiva, 2000). Da mesma forma, a exploração vocacional, como uma de suas dimensões, deveria acompanhar esta mudança. Por outro lado, seria lógico imaginar que jovens mais maduros vocacionalmente apresentariam um menor nível de indecisão vocacional. No entanto, os resultados apontaram para a ausência de diferenças significativas relativas à idade com relação a quase todas as dimensões da exploração e a indecisão vocacionais. Estes resultados podem ser reflexos do fato de que todos os adolescentes que participaram deste estudo são alunos da mesma série escolar e estão todos vivendo a mesma experiência de pressão para a especificação de escolhas profissionais.

Não foram formuladas hipóteses sobre possíveis diferenças nos níveis de exploração vocacional de acordo com o tipo de escola, já que não foram encontrados estudos anteriores que tratassem desta questão. Os resultados do presente estudo mostraram diferenças significativas em 2 das 13 dimensões da exploração vocacional de acordo com o tipo de escola. Os alunos das escolas particulares acreditam mais do que os alunos das escolas públicas nas oportunidades profissionais para quem termina o ensino médio e na possibilidade de concretização dos próprios objetivos profissionais. Estes resultados podem ser o reflexo de um olhar mais cético dos alunos das escolas públicas sobre a escolha de uma profissão, já que, de uma maneira geral, o ensino público é desvalorizado e estes adolescentes pertencem a famílias de níveis sócio-econômicos mais baixos.

Com relação ao nível de indecisão, os resultados deste estudo confirmaram a hipótese formulada e os dados encontrados na literatura (Bardagi, 2002). Os níveis de indecisão vocacional não apresentam diferenças significativas de acordo com o tipo de escola. Um estudo realizado por Schiesse e Sarriera (2000) apontou para um maior nível de indecisão vocacional entre alunos das escolas públicas; porém, enquanto o presente estudo e a pesquisa de Bardagi utilizaram a EIV como instrumento para a mensuração da indecisão vocacional, o estudo de Schiesse e Sarriera mediu a indecisão vocacional através de um questionário elaborado para o próprio estudo, o que pode ter causado esta diferença entre os resultados encontrados.

Resultados interessantes foram obtidos com relação à postura frente ao processo de escolha profissional. A maior parte dos alunos da terceira série do ensino médio considera-se engajado neste processo e menos de 4% dos adolescentes não acham importante escolher uma profissão neste momento de suas vidas. No entanto, quase 20% destes jovens descreveram-se como ambíguos frente ao processo de escolha profissional. A pressão da escola, da família e dos amigos para que a especificação de uma escolha profissional seja feita antes do término

do ensino médio pode ser responsável tanto pela baixa percentagem de adolescentes não engajados quanto pela alta percentagem de jovens ambíguos. Esta pressão sócio-cultural pode acelerar a percepção destes jovens de que a escolha de uma profissão é um problema a ser resolvido, mas, muitas vezes, esta percepção pode não vir acompanhada de um nível adequado de maturidade vocacional, o que pode, por sua vez, gerar um sentimento de desconforto frente à necessidade dessa escolha.

Com relação à exploração vocacional, os resultados deste estudo indicaram que 12 das 13 dimensões mostraram diferenças significativas de acordo com a postura frente ao processo de escolha profissional. Os jovens engajados neste processo realizam mais atividades exploratórias e acreditam mais no seu poder instrumental, possuem um nível mais elevado de cristalização de suas preferências profissionais, são mais otimistas em relação às possibilidades de realização profissional e se preocupam mais com a definição de uma escolha profissional do que os não engajados e os ambíguos. Estes resultados confirmam as hipóteses formuladas, que apontam para níveis mais elevados de exploração vocacional entre os jovens engajados do que entre os não engajados e ambíguos, e estão de acordo com a teoria que aponta para a necessidade da percepção da escolha profissional como um problema a ser resolvido para que a exploração vocacional tenha início (Bohoslavsky, 1977/1996; Pelletier & cols., 1974/1985). Os jovens ambíguos apresentaram níveis mais elevados de estresse relacionado a comportamentos de tomada de decisão do que os engajados e não engajados, o que pode corroborar a idéia de que, apesar de perceberem a escolha profissional como uma necessidade, eles ainda não se sentem preparados para especificar e implementar tal escolha.

Os resultados também indicaram diferenças significativas entre as posturas frente ao processo de escolha profissional em relação ao nível de indecisão vocacional. Os jovens não engajados e ambíguos apresentam níveis mais elevados de indecisão vocacional do que os engajados. Estes resultados confirmaram parcialmente as hipóteses formuladas. Conforme o previsto por tais hipóteses, os adolescentes ambíguos apresentaram níveis mais elevados de indecisão vocacional do que os engajados; porém, contrariando as mesmas, os jovens não engajados apresentaram níveis significativamente superiores de indecisão vocacional em comparação com os engajados, enquanto o esperado era que os adolescentes não engajados apresentassem baixos níveis de indecisão vocacional, já que não se consideram preocupados com a escolha de uma profissão neste momento de suas vidas (Teixeira & Magalhães, 2001). Este resultado pode ser explicado pela pressão social para que a definição de uma escolha seja feita, o que acaba influenciando mesmo os jovens ainda não preocupados com esta escolha.

4.2.3. Relações entre as dimensões da exploração e o nível de indecisão vocacionais

Não foram desenvolvidas hipóteses sobre as possíveis relações entre as dimensões da exploração vocacional entre si e entre estas e o nível de indecisão vocacional. Porém, resultados interessantes emergiram da análise dos dados da pesquisa.

Primeiramente, análises correlacionais foram realizadas para verificar que relações as 13 dimensões da exploração vocacional mantêm entre si. Os resultados indicaram a divisão destas dimensões em dois blocos que se correlacionam negativamente. O primeiro deles é composto por 10 dimensões, que, de uma maneira geral, correlacionam-se positivamente entre si: Exploração do Ambiente, Exploração do *Self*, Frequência e Foco, pertencentes à categoria Processo de Exploração; Satisfação com a Informação, pertencente à categoria Reações à Exploração; e Perspectiva de Concretização da Escolha, Certeza dos Resultados da Exploração, Instrumentalidade para Busca Externa, Instrumentalidade para Busca Interna e Importância da Definição de uma Escolha, pertencentes à categoria Crenças sobre a Exploração. O segundo bloco é formado por apenas três dimensões: Número de Profissões Consideradas, da categoria Processo de Exploração; e Estresse de Exploração e Estresse de Decisão, da categoria Reações à Exploração. Estes resultados indicam que quanto mais um adolescente realiza comportamentos de exploração vocacional e está satisfeito com os seus resultados, ele busca informações sobre um número menor de profissões e apresenta níveis mais baixos de estresse relacionado a comportamentos de exploração e, principalmente, de tomada de decisão.

Análises correlacionais entre as dimensões da exploração e o nível de indecisão vocacionais mostraram que este, de uma maneira geral, correlaciona-se negativamente com o comportamento exploratório. Estes resultados indicam que quanto mais o jovem explora, menor o grau de indecisão vocacional que apresenta, o que confirma achados anteriores encontrados na literatura (Blustein & cols., 1994; Magalhães, 1995; Magalhães & cols., 1998). É importante salientar que estes resultados não invalidam a idéia de que um certo grau de indecisão é necessário para o desencadeamento da exploração vocacional (Betz & Voyer, 1997; Gomes, 1995; Osipow, 1999; Savickas, 1995).

Outros resultados interessantes dizem respeito às correlações positivas encontradas entre o nível de indecisão vocacional e três dimensões da exploração: Número de Profissões Consideradas, Estresse de Exploração e Estresse de Decisão. São exatamente as mesmas dimensões que se correlacionam negativamente com a maior parte das dimensões da exploração vocacional. Parte destes resultados contradiz os resultados obtidos por Blustein e Phillips (1988) em um estudo que buscou verificar a influência da ansiedade contextual sobre

a exploração do *self* e do ambiente. Tais resultados apontaram para uma influência positiva do estresse ligado à exploração e à tomada de decisão sobre a busca por conhecimento sobre si mesmo e sobre o mundo do trabalho. Apesar dos resultados encontrados por estes autores, a hipótese dos mesmos era de que este estresse tivesse um papel inibidor sobre o comportamento de exploração vocacional. A divergência destes resultados pode ser atribuída a vários fatores, sendo o primeiro deles a diferença sócio-cultural entre as amostras dos dois estudos.

Finalmente, um importante resultado que emergiu destas análises diz respeito à ausência de correlações significativas entre o nível de indecisão vocacional e a importância atribuída a definição de uma escolha profissional. Estes resultados podem ser o reflexo da grande importância atribuída não só pelo adolescente que termina o ensino médio, mas pela sociedade brasileira em geral, à especificação e à implementação de uma escolha profissional neste momento da vida escolar.

4.2.4. Modelos preditivos para o comportamento exploratório e a indecisão vocacionais

Os resultados das análises de regressões realizadas mostraram que a indecisão vocacional e o sexo aparecem como preditores para a maior parte das dimensões da exploração vocacional, mesmo que muitas vezes seu poder preditivo seja muito fraco. Tais resultados confirmam parte da hipótese formulada, já que esta propunha que sexo, idade e indecisão vocacional pudessem prever a exploração vocacional. A idade não apareceu como preditor para nenhuma das dimensões da exploração. Este resultado pode ser explicado pelo fato de que todos os jovens que participaram deste estudo estão cursando a terceira série do ensino médio e todos estão vivendo o mesmo momento de pressão para a definição de uma escolha profissional.

Não foram encontrados estudos na literatura que tratassem diretamente da indecisão vocacional e do sexo como preditores para o comportamento de exploração vocacional. Porém, um estudo de Betz e Voyten (1997), realizado com estudantes do ensino superior alemão, apontou a indecisão vocacional como um importante preditor para a intenção de exploração vocacional, sendo que a correlação entre estas variáveis é positiva; isto é, um maior nível de indecisão gera uma maior intenção de exploração. Outros estudos (Stumpf & cols., 1983; Taveira & cols., 1998) mostraram importantes diferenças entre os sexos com relação à exploração vocacional, o que foi confirmado pelo presente estudo.

Merecem ser discutidos aqui os modelos explicativos das dimensões Foco, Satisfação com a Informação e Estresse de Decisão, pois estes apresentaram altos valores preditivos. A

variação do Foco, ou grau de certeza sobre preferências profissionais, foi fortemente explicada pelo nível de indecisão vocacional, a postura frente ao processo de escolha profissional e o sexo. Este modelo foi capaz de explicar 53% de sua variação. As análises correlacionais realizadas anteriormente indicaram uma elevada correlação negativa entre o nível de indecisão vocacional e o Foco ($r=-0,71$). A análise de variância multivariada (MANOVA) mostrou que os jovens engajados no processo de escolha profissional apresentam níveis significativamente mais elevados de certeza sobre suas preferências profissionais do que os jovens não engajados e ambíguos. E, apesar da MANOVA não ter apontado diferenças significativas entre os sexos na dimensão Foco, os rapazes obtiveram médias superiores às das moças nesta dimensão. Este conjunto de resultados indica que jovens com baixos níveis de indecisão vocacional, engajados no processo de escolha profissional e do sexo masculino tendem a apresentar altos níveis de certeza sobre suas preferências profissionais.

A Satisfação com a Informação pode ser explicada pelo nível de indecisão vocacional e pela postura frente ao processo de escolha profissional. Este modelo é capaz de explicar 30% da variação da satisfação com as informações profissionais que o jovem possui. As análises correlacionais apontaram uma importante correlação negativa significativa entre o nível de indecisão vocacional e o nível de satisfação com a informação ($r=-0,54$) e a MANOVA mostrou que os jovens engajados no processo de escolha profissional estão significativamente mais satisfeitos com as informações que possuem do que os ambíguos. Este conjunto de resultados indica que adolescentes com baixos níveis de indecisão vocacional e engajados no processo de escolha profissional tende a apresentar um nível mais elevado de satisfação com as informações que possuem.

A variação do Estresse de Decisão pode ser explicada pelo nível de indecisão vocacional e pelo sexo. Este modelo preditivo é capaz de explicar 30% desta variação. As análises correlacionais feitas anteriormente indicaram uma importante correlação positiva significativa entre o nível de indecisão vocacional e o estresse causado por comportamentos de tomada de decisão ($r=0,54$). A MANOVA mostrou que as moças apresentam um nível significativamente mais elevado de estresse decisional do que os rapazes. Estes resultados em conjunto indicam que adolescentes com altos níveis de indecisão vocacional e do sexo feminino tendem a apresentar níveis mais elevados de estresse relacionado aos comportamentos de tomada de decisão.

Com relação à indecisão vocacional, não foram encontrados estudos cujo objetivo fosse encontrar variáveis preditoras para o nível de indecisão. No presente estudo, as análises

de regressão deram origem a um modelo preditivo capaz de explicar 64% da variação da indecisão vocacional. Neste modelo aparecem como preditores para o nível de indecisão oito dimensões da exploração vocacional: Foco, Estresse de Decisão, Satisfação com a Informação, Estresse de Exploração, Número de Profissões Consideradas, Perspectiva de Concretização da Escolha, Exploração do Ambiente e Importância da Definição de uma Escolha; e a postura frente ao processo de escolha profissional.

As análises correlacionais mostraram que quatro dimensões da exploração vocacional correlacionam-se negativamente com a indecisão vocacional: Foco, Satisfação com a Informação, Perspectiva de Concretização da Escolha e Exploração do Ambiente; três correlacionam-se negativamente: Estresse de Decisão, Estresse de Exploração e Número de Profissões Consideradas; e uma não apresenta correlação significativa com o nível de indecisão: Importância da Definição de uma Escolha. A MANOVA mostrou que os jovens engajados no processo de exploração vocacional apresentam níveis significativamente mais baixos de indecisão vocacional do que os jovens não engajados e ambíguos.

Tais resultados confirmam a hipótese anteriormente formulada de que o sexo e a idade não são preditores para a indecisão vocacional, já que em estudos anteriores não foram encontradas diferenças significativas entre estas variáveis e o nível de indecisão vocacional (Bardagi, 2002). No presente estudo tais diferenças foram encontradas com relação ao sexo; porém, esta variável não apareceu como preditora para a indecisão vocacional, o que pode ser explicado pela grande importância das dimensões da exploração vocacional e da postura frente ao processo de escolha profissional, em comparação com o sexo, para a predição dos níveis de indecisão vocacional.

É interessante notar que as mesmas variáveis preditas pela indecisão vocacional aparecem como suas preditoras, o que pode significar que a relação entre a exploração e a indecisão vocacionais é bastante complexa e que ambas influenciam-se mutuamente. Estes resultados vêm de encontro aos achados empíricos encontrados na literatura e às questões teóricas a cerca da relação entre exploração e indecisão vocacionais, que, a primeira vista, parecem conflitantes. Enquanto os achados empíricos colocam a indecisão vocacional como uma variável que se correlaciona negativamente com a exploração vocacional (Blustein & cols., 1999; Magalhães, 1995; Magalhães & cols., 1998), as posturas teóricas apontam a indecisão vocacional como algo normal e necessário para que o processo de exploração vocacional tenha início (Betz & Vuyten, 1997; Gómes, 1995; Osipow, 1999; Savickas, 1995)

4.3. Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi investigar a exploração e a indecisão vocacionais em alunos da terceira série do ensino médio brasileiro. Sua realização não só trouxe um cabedal de informações importantes sobre as características destes adolescentes com relação às variáveis estudadas, como também propiciou o desenvolvimento de um novo instrumento para mensuração do comportamento exploratório dos jovens brasileiros, o Levantamento de Exploração Vocacional (LEV).

O LEV pode ser utilizado não apenas em pesquisas na área da Psicologia Vocacional, mas também como um instrumento de auxílio para o desenvolvimento e a avaliação de processos de intervenção na área da Orientação Profissional. Os resultados deste estudo indicaram que o mesmo apresenta boas características psicométricas; porém, novos estudos fazem-se necessários para o seu aperfeiçoamento, principalmente para a reconstrução dos itens das subescalas que apresentaram problemas de validade e obtiveram baixos níveis de fidedignidade.

Os dados obtidos através deste estudo indicaram que os alunos do último ano do ensino médio brasileiro realizam exploração vocacional e apresentam níveis adequados de indecisão vocacional. No entanto, como mostra a perspectiva desenvolvimental da escolha profissional, tais jovens encontram-se apenas no início do estágio exploratório e a exigência social para que especifiquem e implementem uma escolha neste momento de suas vidas acaba privando estes jovens de um importante período de moratório psicossocial, necessário para o desenvolvimento pleno da identidade e para a definição madura de uma escolha profissional. Este prejuízo é apontado pela literatura nacional que caracteriza os alunos da terceira série do ensino médio como tendo pouco autoconhecimento e conhecimento sobre o mundo do trabalho e que descreve os problemas relacionados à evasão do ensino superior. Este prejuízo também foi demonstrado por este estudo, quando demonstrou a alta percentagem de jovens ambíguos com relação ao processo de escolha profissional.

Existem duas saídas possíveis para este impasse, as duas de cunho político e pedagógico. A primeira delas seria a remodelagem do sistema educacional brasileiro, que exige dos jovens a especificação prematura de escolhas profissionais; porém, esta saída parece bastante inviável, ao menos a curto e médio prazos. A segunda seria o incentivo ao comprometimento da escola com o desenvolvimento vocacional dos alunos. Esta solução parece bastante plausível e poderia ser tomada através do desenvolvimento de programas de orientação profissional que permitissem a aprendizagem sobre o significado e o valor do trabalho e o desenvolvimento de atitudes e habilidades cognitivas necessárias para a

exploração, a cristalização, a especificação e a implementação de escolhas profissionais entre os alunos do ensino médio.

Finalmente, é importante apontar as limitações deste estudo quanto a sua pretensão de levantar informações sobre os estudantes brasileiros, já que a amostra foi constituída através do critério de conveniência e foi composta apenas por estudantes da cidade de Porto Alegre. No entanto, o adjetivo brasileiro foi utilizado com o objetivo de enfatizar o poder das influências sócio-culturais, principalmente do sistema educacional, sobre os resultados das pesquisas sobre exploração e indecisão vocacionais.

REFERÊNCIAS

- Achnich, M. (1991). *O BBT, Teste de fotos de Profissões: Método projetivo para clarificação da inclinação profissional* (J. Ferreira Filho, Trad.). São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia. (Original publicado em 1979)
- Alchieri, J. C., Silva, W., César, J., Rurbert, J., Sellmer, K., Meller, J., Backer, V., Viegas, P., Ponzoni, A., Machado, A., Willrich, P. & Andregretti, L. G. (1998). Fatores envolvidos no processo de decisão vocacional em vestibulandos da grande Porto Alegre. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumos de comunicações científicas, XXVIII Reunião Anual de Psicologia* (p. 153) [Resumo]. Ribeirão Preto, SP: SBP/Legis Summa.
- Amundson, N. E. & Penner, K. (1998). Parental involved career exploration. *The Career Development Quarterly*, 47(2), 135-144.
- Anastasi, A. & Urbim, S. (2000). *Testagem psicológica* (7. ed.) (M.A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul. (Original publicado em 1997)
- Bardagi, M. P. (2002). *Os estilos parentais e sua relação com a indecisão profissional, ansiedade e depressão dos filhos adolescentes*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Bardagi, M. P. & Hutz, C. S. (2001). *Trajetória acadêmica e satisfação com a escolha profissional em estudantes universitários em meio de curso*. Manuscrito não publicado.
- Barker, C., Pistrang, N. & Elliot, R. (1994). *Research methods in clinical and counselling psychology*. New York: Wiley.
- Bartley, D. F. & Robitschek, C. (2000). Career exploration: A multivariate analysis of predictors. *Journal of Vocational Behavior*, 56(1), 63-81.
- Bee, H. (1997). *O ciclo vital* (R. Garcez, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1994)
- Berger, K. S. (1994). *The developing person through the life span* (3.ed.). New York: Worth Publishers.
- Betz, N. E. & Voyten, K, K, (1997). Efficacy and outcome expectations influence career exploration and decidedness. *The Career Development Quarterly*, 46(2), 179-189.
- Biaggio, A. M. B. (1996). *Psicologia do desenvolvimento* (12. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Blustein, D. L. (1988). The relationship between motivational processes and career exploration. *Journal of Vocational Behaviour*, 32(3), 345-357.
- Blustein, D. L. (1997). A context-rich perspective of career exploration across the life roles. *The Career Development Quarterly*, 45(3), 260-274.

- Blustein, D. L. & Noumair, D. A. (1996). Self and identity in career development: Implications for theory and practice. *Journal of Counseling and Development*, 74(5), 433-441.
- Blustein, D. L. & Phillips, S. D. (1988). Individual and contextual factors in career exploration. *Journal of Vocational Behavior*, 33(2), 203-216.
- Blustein, D. L. & Phillips, S. D. (1990). Relation between ego identity statuses and decision-making style. *Journal of Counseling Psychology*, 32(2), 160-168.
- Blustein, D. L., Devenis, L. E. & Kidney, B. A. (1989). Relationship between the identity formation process and career development. *Journal of Counseling Psychology*, 36(2), 196-202.
- Blustein, D. L., Pauling, M. L., DeMania, M. E. & Faye, M. (1994). Relations between exploratory and choice factors and decisional progress. *Journal of Vocational Behavior*, 44(1), 75-90.
- Bock, S. D. (2002). *Orientação profissional: A abordagem sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.
- Bohoslavsky, R. (1996). *Orientação vocacional: A estratégia clínica* (J. M. V. Bojart & W. M. A. Penteadó, Trans.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1977)
- Brasil.(1962). *Lei 4.119, de 27 de agosto de 1962*. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo.
- Brasil. (1971). *Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Fixa diretrizes e bases para o ensino de primeiro e segundo graus e dá outras providências.
- Brasil. (1996). *Lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- Brasil. (2001). *Lei n.10.172, de 09 de janeiro de 2001*. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências.
- Brown, D. & Brooks, L. (1996). Introduction to theories of career development and choice: Origins, evolution, and current efforts. Em D. Brown & L. Brooks (Orgs.), *Career development choice and development* (3.ed.) (pp. 1-30). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Carvalho, M. M. M. J. (1995). *Orientação profissional em grupo: Teoria e técnica*. Campinas: Editorial Psy.
- Carvalho, M. M. M. J. (2001). Entrevista. *Labor*, 0, 9-20.
- Catani, A. M., Fonseca, J. P., Melchior, J. C. . & Silva, J. M. (1989). Ensino de segundo grau e mercado de trabalho. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 70(185), 208-223.

- Centro de Orientação Vocacional e Profissional do Paraná. (2000). *Pesquisa para levantar dados para área de orientação profissional*. Manuscrito não publicado.
- Conselho Federal de Psicologia. (2000). *Resolução CFP n. 016/2000, de 20 dez. 2000*. Dispõe sobre a realização de pesquisa em psicologia com seres humanos.
- Crites, J. O. (1974). *Psicologia vocacional* (N. Dottori & S. Vetrano, Trans.). Buenos Aires: Editorial Paidós. (Original publicado em 1969)
- Cruz, T. R. (1984). *Educação e organização social: Estudo comparado dos sistemas de educação dos EUA, URSS e Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Dancey, C. P. & Reidy, J. (1999). *Statistics without maths for psychology*. Haslow, England: Pearson Education.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise* (2.ed.) (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Original publicado em 1968)
- Ferreira, A. B. H. (1999.). *Novo Aurélio século XXI: O dicionário da língua portuguesa* (3.ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreti, C. J. (1980). O processo de orientação vocacional dentro do processo de ensino-aprendizagem. *Prospectiva: Revista de Orientação Educacional*, 1(6), 18-33.
- Ferreti, C. J. (1988). *Uma nova proposta de orientação profissional*. São Paulo: Cortez.
- Filmus, D., Kaplan, C., Miranda, A. & Moragues, M. (2002). *Ensino médio: Cada vez mais necessário, cada vez mais insuficiente* (J. Ferreira, Trad.). Brasília: UNESCO; SEMTEC/MEC. (Original publicado em 1996)
- Flum, H. & Blustein, D. L. (2000). Reinvigorating the study of vocational exploration: A framework for research. *Journal of Vocational Behavior*, 56(3), 380-404.
- Freitas, E. (1973). Origens e organização do ISOP. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 25(1), 7-16.
- Frischenbruder, S. L. (1999). *O desenvolvimento vocacional na adolescência: Autoconceito e comportamento exploratório*. Dissertação de mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Frischenbruder, S. L., Teixeira, M. A. P., Sparta, M. & Sarriera, J. C. (2002). Levantamento de Exploração Vocacional: Validade e fidedignidade. Em Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (Org.), *I Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão* [Resumo]. São Paulo, SP. (<http://crpsp.org.br/congressocienciaeprofissao/>)
- Fuqua, D. R., Blum, C. R. & Hartman, B. W. (1988). Empirical support for the differential diagnosis of career indecision. *The Career Development Quarterly*, 36(4), 364-373.

- Fuqua, D. R., Newman, J. L. & Seaworth, T. B. (1988). Relation of state and trait anxiety to different components of career indecision. *Journal of Counseling Psychology*, 35(2), 154-158.
- Golin, J. (2000). O adolescente e o processo de escolha profissional: Relato de uma pesquisa junto a alunos de escolas particulares do Recife. Em J. D. Oliveira (Org.), *Construindo caminhos: Experiências e técnicas em orientação profissional* (pp. 111-125) Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Gómez, B. (1995). La tomada de decisiones y la indecisión vocacional. Em F. Rivas (Org.), *Manual de asesoramiento y orientación vocacional* (pp. 275-305). Madrid: Síntesis.
- Guerra, A. L. & Braungast-Rieker, J. M. (1999). Predicting career indecision in college students: The roles of identity formation and parental relationship factors. *The Career Development Quarterly*, 47(3), 255-266.
- Gysbers, N. C. & Lapan, R. T. (2001). The implementation and evaluation of comprehensive school guidance programs in the United States: Progress and prospects. *International Journal for Education and Vocational Guidance*, 1(3), 197-208.
- Heppner, M. J. & Hendricks, F. (1995). A process and outcome study examining career indecision and indecisiveness. *Journal of Counseling & Development*, 73(4), 426-437.
- Hissa, M. G. & Pinheiro, M. A. (1997). Aplicação de uma metodologia psicopedagógica em orientação vocacional ocupacional: Três décadas de uma experiência. Em Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (Org.), *Anais, III Simpósio Brasileiro de Orientadores Profissionais* (pp. 1-9). Canoas: ABOP.
- Hissa, M. G. & Pinheiro, M. A. (2002). Metodologia de ativação da aprendizagem: Uma abordagem psicopedagógica em orientação profissional. Em R. S. Levenfus & D. H. P. Soares (Orgs.), *Orientação vocacional ocupacional: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (pp. 133-146). Porto Alegre: Artmed.
- Holland, J. L. (1975). *Técnica de la elección vocacional: Tipos de personalidad y modelos ambientales* (F. P. López, Trad.). México: Trillas. (Original publicado em 1966)
- Hortza, M. A. S. & Lucchiari, D. H. P. S. (1998). A re-escolha profissional dos vestibulandos da UFSC de 1997. *Revista da ABOP*, 2(1), 97-110.
- Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais – ISOP. (1990). Sumário das atividades de 1989. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 42(2), 141-172.
- Jacquemin, a. (1982). Novas perspectivas em orientação vocacional e profissional. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 34(4), 127-132.

- Jacquemin, A. (2000). *O BBT-Br: Teste de Fotos de Profissões: Normas, adaptação brasileira, estudos de caso*. São Paulo: Centro Editorial de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Jacquemin, A., Melo-Silva, L. L & Pasian, S. R. (2002). O Burefsbilder Test (BBT): Teste de Fotos de Profissões em processos de orientação profissional. Em R. S. Levenfus & D. H. P. Soares (Orgs.), *Orientação vocacional ocupacional: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (pp. 247-262). Porto Alegre: Artmed.
- Jacquemin, A., Noce, A., Okino, E. T. K., Santos, C. R., Assoni, R. F., Bianchi, s. H. & Marcos, M. (1999). O Teste de Fotos de Profissões (BBT-Br) em estudantes de segundo grau: dados normativos. Em Instituto Brasileiro de Avaliação e Pesquisa em Psicologia (Org.), *Anais, VIII congresso Nacional de Avaliação Psicológica* (pp. 293-308). Porto Alegre: IBAPP.
- Jones, L. K. (1989). Measuring a three-dimensional construct of career indecision among college students: A revision of the Vocational Decision Scale: the Career Decision Profile. *Journal of Counseling Psychology*, 36(4), 477-486.
- Jordaan, J. P. (1963). Exploratory behavior: The formation of self and occupational concepts. Em D. Super, R. Starishevsky, N. Matlin & J. P. Jordaan, *Career development: Self-concept theory: Essays in vocational development* (pp. 42-78). New York: College Entrance Examination Board.
- Kalakoski, V. & Nurmi, J. E. (1998). Identity and education transitions: Age differences in adolescent exploration and commitment related to education, occupation, and family. *Journal of Research on Adolescence*, 8(1), 29-47.
- Ketterson, T. U. & Blustein, D. L. (1997). Attachment relationships and the career exploration process. *The Career Development Quarterly*, 46(2), 167-178.
- Kracker, B. (1997). Parental behaviors and adolescents's career exploration. *The Career Development Quarterly*, 45(4), 341-350.
- Kracker, B. (2002). The role of personality, parents and peers in adolescents career exploration. *Journal of Adolescence*, 25, 19-30.
- Krumboltz, J. D. (1992). The wisdom of indecision. *Journal of Vocational Behavior*, 41(3), 239-244.
- Larson, L. M., Heppner, P. P., Ham, T. & Dugar, K. (1988). Investigating multiple subtypes of career indecision through cluster analysis. *Journal of Counseling Psychology*, 35(4), 439-446.

- Lassance, M. C. P. (1999). O trabalho do SOP/UFRGS: Uma abordagem integrada. Em M. C. Lassance (Org.), *Técnicas para o trabalho em orientação profissional em grupo* (pp. 11-47). Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS.
- Lassance, M. C. P. & Gocks, A. (1998). A formação da identidade profissional em universitários: A questão da prática. Em Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (Org.), *Anais, II Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional e Ocupacional* (pp. 65-70). São Paulo: ABOP.
- Lassance, M. C., Gocks, A. & Francisco, D. J. (1993). Escolha profissional em universitários: Estilo de escolha. Em Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (Org.), *I Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional e Ocupacional* (s.p.). São Paulo: ABOP.
- Lisboa, M. D. (2000). Sobre a Associação Brasileira de Orientadores Profissionais: ABOP. Em M. D. Lisboa & D. H. P. Soares (Orgs.), *Orientação profissional em ação: Formação e prática de orientadores* (pp. 225-228). São Paulo: Summus.
- Lobato, C. R. P. S. (2001). *Maturidade vocacional e gênero: Adaptação e uso de instrumentos de avaliação*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Lopez, F. G. & Andrews, S. (1987). Career indecision: A family system perspective. *Journal of Counseling & Development*, 65(6), 304-307.
- Lourenço Filho. (1971). Orientação em um país latino-americano em rápida industrialização: Brasil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 23(3), 63-78. (Original publicado em 1955)
- Lucas, M. S. & Epperson, D. L. (1990). Types of vocational undecidedness: A replication and refinement. *Journal of Counseling Psychology*, 37(4), 382-388.
- Magalhães, M. O. (1995). *Perspectiva experiencial da indecisão vocacional em adolescentes*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Magalhães, M. & Redivo, A. (1998). Re-opção de curso e maturidade vocacional. *Revista da ABOP*, 2(2), 7-28.
- Magalhães, M. O., Lassance, M. C. P. & Gomes, W. B. (1998). Escolha vocacional em adolescentes. Em W. B. Gomes (Org.), *Fenomenologia e pesquisa em psicologia* (pp. 161-195). Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.
- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego-identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3(5), 551-558.

- Marocco, A. (1991). *L'influence du test visuel d'int'rêts et de sa version verbale sur la cristallisation des projets professionnels durant l'adolescence*. Tese de doutorado não-publicada, Université de Montréal, Montréal.
- Marocco, A., Tétreau, B. & Trahan, M. (1984). La validez del TVITT para los estudiantes sur-brasileños. *Estudos Leopoldenses*, 20(77), 5-22.
- Melo-Silva, L. L. & Jacquemin, A. (2001). *Intervenção em orientação vocacional/profissional: Avaliando resultados e processos*. São Paulo: Vetor.
- Neiva, K. M. C. (1998). Escala de Maturidade para a Escolha Profissional (EMEP): Estudos de validade e fidedignidade. *Revista UNIB*, 6, 43-61.
- Neiva, K. M. C. (1999). *Escala de Maturidade para Escolha Profissional (EMEP): Manual*. São Paulo: Vetor.
- Neiva, K. M. C. (2001). A maturidade para escolha profissional: Uma comparação entre alunos do ensino médio. Em Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (Org.), *Programa e Resumos, V Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional e Profissional* (p. 37) [Resumo]. Valinhos, SP: Vetor.
- Neiva, K. M. C. (2002). Escala de Maturidade para Escolha Profissional (EMEP). Em Levenfus, R. S. & Soares, D. H. P. (Orgs.), *Orientação Vocacional Ocupacional: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (pp. 239-246). Porto Alegre: Artmed.
- Newman, J. L. & Gray, E. A. (1999). The relation of career indecision to personality dimensions of the California Psychological Inventory. *Journal of Vocational Behavior*, 54(1), 174-187.
- Oliveira, I. D. (1997). O Teste Projetivo Ômega no diagnóstico em orientação profissional. *Revista da ABOP*, 1(1), 35-46.
- Oliveira, I. D. (2002). Uma abordagem psicodinâmica do Teste Projetivo Ômega. Em R. S. Levenfus & D. H. P. Soares (Orgs.), *Orientação vocacional e ocupacional: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (pp. 25-238) Porto Alegre: Artmed.
- Osipow, S. H. (1990). Convergence in theories of career choice and development: Review and prospect. *Journal of Vocational Behavior*, 36(2), 122-131.
- Osipow, S. H. (1999). Assessing career indecision. *Journal of Vocational Behavior*, 55(1), 147-154.
- Pasquali, L. (1997). *Psicometria: Teoria e aplicações*. Brasília: Editora UnB.

- Pelletier, D., Noiseux, G. & Bujold, C. (1985). *Desenvolvimento vocacional e crescimento pessoal: Enfoque operatório* (4.ed.) (E. F. Alves, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1974)
- Pfromm Netto, S. (1976). *Psicologia da adolescência* (5.ed.). São Paulo: Pioneira; Brasília: INL.
- Pimenta, S. G. (1981). Orientação vocacional e decisão: Estudo crítico da situação no Brasil (2.ed.). São Paulo: Loyola.
- Primi, R., Munhoz, A. M. H., Bighetti, C. A., Nucci, E. P. D., Pellegrini, M. C. K. & Moggi, M. A. (2000). Desenvolvimento de um Inventário de Levantamento das Dificuldades de Decisão Profissional. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 13(3), 451-463.
- Primi, R., Pellegrini, M. C. K., Nucci, E. P. D., Munhoz, A. M., Bighetti, C. A. & Moggi, M. A. (2001). Características de personalidade e indecisão profissional. *Psico*, 32(1), 81-96.
- Ramos, S. G. & Lima, E. R. (1996). O secundarista e o processo de escolha da profissão. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 185(77), 191-219.
- Ramos, S. G., Rodrigues, E. & Ramos, M. N. (1998). O secundarista e o processo de escolha da profissão. Em Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (Org.), *Anais, II Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional e Ocupacional* (pp. 137-146), São Paulo: ABOP.
- Robitschek, C. & Cook, S. W. (1999). The influence of personal growth initiative and coping styles on career exploration and vocational identity. *Journal of Vocational Behavior*, 54(1), 127-141.
- Rosas, P. (2000). Construindo caminhos: Uma abordagem histórica. Em I. D. Oliveira (Org.), *Construindo caminhos: Experiências e técnicas em orientação profissional* (pp. 15-34). Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Santos, O.B. (1977). *Psicologia aplicada à orientação e seleção profissional* (3.ed.). São Paulo: Pioneira.
- Santos, P. J. & Coimbra, J. L. (2000). Psychological separation and dimensions of career indecision in secondary school students. *Journal of Vocational Behavior*, 56(3), 346-362.
- Sarriera, J. C. (1998). Da orientação profissional para a inserção do jovem no trabalho. *Revista da ABOP*, 2(2), 75-80.
- Sarriera, J. C. (1999). Uma perspectiva de orientação profissional para o novo milênio. *Revista da ABOP*, 3(1), 85-96.
- Sarriera, J. C. & Verdin, R. (1996). Os jovens a procura do trabalho: Uma análise qualitativa. *Psico*, 27(1), 59-70.

- Sarriera, J. C., Câmara, S. G. & Berlini, C. S. (2000). Elaboração, desenvolvimento e avaliação de um Programa de Inserção Ocupacional para Jovens Desempregados. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 13(1), 189-198.
- Sarriera, J. C., Chies, A., Falck, D., Giacomolli, A. & Silva, A. (1994). Escolha profissional e processo de inserção sócio-laboral: Dificuldades e alternativas. *Psico*, 25(1), 157-165.
- Saunders, D., Peterson, G. W., Sampson, J. P. & Reardon, R. C. (2000). Relation of depression and dysfunctional career thinking to career indecision. *Journal of Vocational Behavior*, 56(2), 288-298.
- Savickas, M. L. (1995). Constructivist counseling for career indecision. *The Career Development Quarterly*, 43(4), 363-373.
- Schiesse, C. S. & Sarriera, J. C. (2000). O ingresso à universidade: Dificuldades e expectativas dos jovens em relação à escolha do curso universitário. *Psico*, 31(2), 123-146.
- Schmitt-Rodermund, E. & Vondracek, F. W. (1999). Breadth of interests, exploration, and identity development in adolescence. *Journal of Vocational Behavior*, 55, 298-317.
- Schulenberg, J. E., Shimizu, K., Vondracek, F. W. & Hostetler, M. (1988). Factorial invariance of career indecision dimensions across junior high school males and females. *Journal of Vocational Behavior*, 33(1), 63-81.
- Skorikov, V. & Vondracek, F. W. (1998). Vocational identity development: Its relationship to other identity domains and to overall identity development. *Journal of Career Assessment*, 6(1), 13-35.
- Smith, M. M. & Huerga, S. M. R. (1999). Vestibular: Muito mais do que um processo de seleção. *Revista da ADPUC*, 1, 117-132.
- Soares, D. H. P. (1999). A formação do orientador profissional: O estado da arte no Brasil. *Revista da ABOP*, 3(1), 7-21.
- Spokane, A. R. (1996). Holland's theory. Em D. Brown & L. Brooks (Orgs.), *Career choice and development* (3. ed.) (pp. 33-74). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Stead, G. B., Watson, M. B. & Foxcroft, C. D. (1993). The relation between career indecision and irrational beliefs among university students. *Journal of Vocational Behavior*, 42(2), 155-169.
- Steinberg, L. (1999). *Adolescence* (5.ed.). Boston: McGraw-Hill College.
- Stevenson, D. K. (1998). *American life and institutions*. Washington, DC: English Language Programs Division and Division of Study of the U. S., Bureau of Education and Cultural Affairs, U. S. Information Agency.

- Stumpf, S. A. & Colarelli, S. M. (1980). Career exploration: Development of dimensions and some preliminary findings. *Psychological Reports*, 47(3,Pt1), 979-988.
- Stumpf, S. A., Collareli, S. M. & Hartman, K. (1982). The Career Exploration Survey: A summary of its dimensionality, reability, and validity. *Psychological Reports*, 5(1), 117-118.
- Stumpf, S. A., Colarelli, S. M. & Hartman, K. (1983). Development of Career Exploration Survey (CES). *Journal of Vocational Behavior*, 22(2), 191-226.
- Super, D. E. (1957). *The psychology of careers: An introduction to vocational development*. New York: Haper e Row.
- Super, D. (1963). Vocatinal development in adolescence and early adulthood: Tasks and behaviors. Em D. Super, R. Starishevsky, N. Martin & J. P. Jordaan, *Career development: Self-concept theory: Essays in vocational development* (pp.79-95). New York: College Entrance Examination Board.
- Super, D. E. (1980). A life-span, life-space approach to career development. *Journal of Vocational Behavior*, 16, 282-298.
- Super, D. E. & Bohn Junior, M. J. (1976). *Psicologia ocupacional* (E. Nascimento & J. F. Santos, Trads.). São Paulo: Atlas. (Original publicado em 1970)
- Super, D. E., Savickas, M. L. & Super, C. M. (1996). The life-span, life-space approach to careers. Em D. Brown, L. Brooks & Associates (Orgs.), *Career choice and development* (3.ed.) (pp. 121-178). San Fransisco: Jossey-Bass Publishers.
- Super, D., Crites, J., Hummel, R., Noser, H., Hoverstreet, P. & Warnath, C. (1957). *Vocational development: A framework for research*. New York: TeachersCollege Press
- Taveira, M. C., Silva, M. C., Rodrigues, M. L. & Maia, J. (1998). Individual characteristics and career exploration in adolescence. *British Journal of Guidance and Counselling*, 26(1), 89-104.
- Teixeira, M. A. P. (2002). *A experiência de transição entre a universidade e o mercado de trabalho na adultz jovem*. Tese de doutorado não-publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Teixeira, M. A. P. & Gomes, W. B. (1999). *Análise preliminar dos itens de uma escala para medir indecisão profissional*. Manuscrito não publicado.
- Teixeira, M. A. P. & Magalhães, M. O. (2001). Escala de indecisão vocacional: Construção de um instrumento para pesquisa com estudantes do ensino médio. *Aletheia*, 13, 21-26.
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P., Sparta, M. e Gomes, W. B. (2002). Aperfeiçoamento de uma escala de indecisão profissional. Em Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia

- Brasileira (Org.), *I Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão* [Resumo]. São Paulo, SP. (<http://crpsp.org.br/congressocienciaeprofissao/>)
- Tétreau, B., Marocco, A. & Trahan, M. (1989). O impacto educacional do Teste Visual de Interesses Tétreau-Trahan (TVITT) sobre o autoconceito vocacional de estudantes brasileiros. *Estudos Leopoldenses*, 25(112), 21-32.
- Villas-Boas Filho, J. (s.d.). *TPO: Teste Projetivo Omega*. Rio de Janeiro: Cepa.
- Vondracek, F. W. (1992). The construct of identity and its use in career theory and research. *The Career Development Quarterly*, 41(2), 130-144.
- Vondracek, F. W., Hostetler, M., Schulenberg, J. E. & Shimizu, K. (1990). Dimensions of career indecision. *Journal of Counseling Psychology*, 37(1), 98-106.
- Vondracek, F. W., Schullenberg, J., Skorikov, V., Gillespie, L. K. & Wahleheim, C. (1995). The relationship of identity status to career indecision during adolescence. *Journal of Adolescence*, 18(1), 17-29.
- Weisberg, S. (1985). *Applied linear regression* (2. ed.). New York: John Wiley & Sons.
- Werbel, J. D. (2000). Relationships among career exploration, job search intensity, and job search effectiveness in graduating college students. *Journal of Vocational Behavior*, 57(3), 379-394.

ANEXO A

Questionário Sócio-demográfico

1. Idade: _____

2. Sexo: () 1. Feminino () 2. Masculino

3. Escola: () 1. Pública () 2. Particular

6. Postura frente ao processo de escolha profissional:

() 1. Eu considero tomar uma decisão a respeito do meu futuro profissional algo importante e necessário para mim neste momento da minha vida.

() 2. Eu pessoalmente não sinto necessidade de tomar uma decisão a respeito do meu futuro profissional neste momento da minha vida.

() 3. Eu gostaria de não precisar tomar uma decisão a respeito do meu futuro profissional neste momento da minha vida.

ANEXO B

Levantamento de Exploração Vocacional

Abaixo há uma série de questões relacionadas à escolha profissional. Para a maior parte delas você pode usar os números 1, 2, 3, 4 e 5, conforme eles representem a resposta que melhor se adapta à sua opinião. Em alguns casos, você pode usar os números 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7. O número 1 sempre representa a opção extrema inferior e os números 5 ou 7, conforme o caso, sempre representam a opção extrema superior. Não esqueça que você pode usar os números intermediários 2, 3 e 4 ou 2, 3, 4, 5 e 6, conforme o caso, para expressar opções intermediárias. Marque o número que ficar mais próximo à opção escolhida. Assinale apenas uma resposta por questão e não deixe nenhum item em branco.

1. Quanta informação você tem sobre as principais atividades das profissões que mais lhe interessam?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nenhuma informação muita informação

2. Quanta informação você tem sobre as possibilidades de estudo e trabalho para quem termina o ensino médio?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nenhuma informação muita informação

3. Quanta informação você tem sobre cursos universitários e/ou profissionalizantes?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nenhuma informação muita informação

4. Quanta informação você tem sobre si mesmo para saber como poderá se adaptar às profissões que mais lhe interessam?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nenhuma informação muita informação

Em que medida você está satisfeito com a quantidade de informações que tem sobre:

5. as possibilidades de estudo e trabalho para quem termina o ensino médio compatíveis com seus interesses e/ou necessidades?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada satisfeito muito satisfeito

6. cursos universitários e/ou profissionalizantes compatíveis com seus interesses?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada satisfeito muito satisfeito

7. as profissões mais compatíveis com seus interesses, habilidades e/ou necessidades?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada satisfeito muito satisfeito

8. tipos de trabalho que vão de encontro aos seus interesses, habilidades e/ou necessidades?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada satisfeito muito satisfeito

9. a profissão específica que você prefere?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada satisfeito muito satisfeito

10. o tipo de trabalho específico que você prefere?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada satisfeito muito satisfeito

Quanta certeza você tem:

11. de que sabe exatamente qual caminho quer seguir depois que terminar o ensino médio?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nenhuma certeza muita certeza
12. sobre sua preferência por uma profissão específica?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nenhuma certeza muita certeza
13. de que sabe exatamente qual o tipo de atividade profissional gostaria de ter?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nenhuma certeza muita certeza
14. de que sabe se quer ou não fazer um curso universitário e/ou profissionalizante?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nenhuma certeza muita certeza
15. de que sabe se quer ou não começar a trabalhar logo que terminar o ensino médio?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nenhuma certeza muita certeza

O quanto você realizou as seguintes atividades nos últimos 3 meses:

16. Preocupou-se em estar constantemente obtendo novas informações sobre as profissões que mais lhe interessam?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada muito
17. Planejou visitas a universidades ou locais de trabalho para aprender mais sobre as profissões que mais lhe interessam?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada muito
18. Teve conversas freqüentes com parentes, professores ou amigos sobre as profissões que se adequariam melhor a você?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada muito
19. Buscou participar de atividades de informação ou orientação profissional?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada muito
20. Experimentou diferentes atividades para aprender mais sobre seus próprios interesses e habilidades?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada muito
21. obteve informações sobre possibilidades de estudo e trabalho para quem termina o ensino médio?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada muito
22. obteve informações sobre cursos universitários e/ou profissionalizantes?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada muito
23. conversou com pessoas com conhecimento sobre as profissões que mais lhe interessam?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada muito

24. obteve informações sobre a situação do mercado de trabalho para as profissões que mais lhe interessam?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 nada muito
25. buscou informações sobre as profissões que mais lhe interessam?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 nada muito
26. participou de atividades de informação ou orientação profissional?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 nada muito
27. refletiu sobre as relações que podem existir entre o seu passado e as profissões que mais lhe interessam?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 nada muito
28. tentou aprender mais sobre si mesmo?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 nada muito
29. pensou nas relações existentes entre suas características pessoais e as profissões que mais lhe interessam?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 nada muito
30. buscou ter uma visão mais clara dos seus próprios interesses e habilidades?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 nada muito
31. refletiu sobre o tipo de pessoa que você é e o tipo de pessoa que gostaria de ser?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 nada muito
32. pensou sobre como as profissões que mais lhe interessam poderiam se relacionar com o tipo de pessoa que você gostaria de ser?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 nada muito
33. Em quantas profissões você está interessado, sejam de nível universitário, profissionalizante ou sem formação específica? (escreva o número de profissões) _____
- O quanto às possibilidades reais para quem termina o ensino médio:
34. se parecem com as atividades de estudo e/ou trabalho pelas quais você se interessa?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 nada muito
35. permitem a escolha da profissão que você prefere?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 nada muito
36. correspondem ao caminho profissional que você gostaria de seguir?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 nada muito
37. permitem que você possa exercer o tipo de trabalho que prefere?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 nada muito

Quanta certeza você tem sobre a possibilidade de que, depois que terminar o ensino médio, você irá:

38. iniciar a atividade de estudo e/ou trabalho que prefere?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nenhuma certeza muita certeza

39. ingressar no curso universitário e/ou profissionalizante preferido ou começar a trabalhar em sua atividade preferida?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nenhuma certeza muita certeza

40. Em média, quantas vezes por semana você buscou informações sobre profissões nos últimos meses?

(1) nenhuma vez (2) uma vez (3) duas vezes (4) três vezes (5) 4 vezes ou mais

Qual a probabilidade de que as seguintes atividades possam ajudá-lo em sua escolha profissional:

41. planejar visitas a universidades e/ou locais de trabalho?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nenhuma probabilidade grande probabilidade

42. buscar constantemente informações sobre os caminhos alternativos que levam à profissão ou atividade de trabalho que você prefere?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nenhuma probabilidade grande probabilidade

43. conversar com pessoas que conheçam as profissões que você prefere?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nenhuma probabilidade grande probabilidade

44. investigar sistematicamente os locais de ensino e trabalho relacionados com as profissões que você prefere?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nenhuma probabilidade grande probabilidade

45. fazer uma auto-avaliação para saber qual profissão vai ao encontro de suas necessidades?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nenhuma probabilidade grande probabilidade

46. aprender mais sobre si mesmo?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nenhuma probabilidade grande probabilidade

47. pensar sobre a relação entre suas características pessoais e as profissões que mais lhe interessam?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nenhuma probabilidade grande probabilidade

48. refletir sobre o tipo de pessoa que você é e o tipo de pessoa que gostaria de ser?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nenhuma probabilidade grande probabilidade

49. refletir sobre seus próprios interesses e/ou habilidades?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nenhuma probabilidade grande probabilidade

50. obter informações sobre as possibilidades de estudo e trabalho para quem termina o ensino médio?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nenhuma probabilidade grande probabilidade

51. obter informações sobre as profissões que você prefere?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nenhuma probabilidade grande probabilidade

52. obter informações sobre o mercado de trabalho para as profissões que mais lhe interessa?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nenhuma probabilidade grande probabilidade

53. obter informações sobre cursos universitários e/ou profissionalizantes?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nenhuma probabilidade grande probabilidade

54. obter informações sobre os caminhos alternativos que podem levá-lo em direção à profissão ou ao tipo de trabalho que você prefere?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nenhuma probabilidade grande probabilidade

O quanto é importante para você neste momento:

55. escolher uma profissão específica?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nada importante muito importante

56. definir um caminho profissional a seguir depois que terminar o ensino médio?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nada importante muito importante

57. escolher um curso universitário e/ou profissionalizante?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nada importante muito importante

58. saber que tipo de trabalho gostaria executar no futuro?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
nada importante muito importante

Quanto estresse indesejável tem sido causado pela realização das seguintes atividades:

59. a busca de informações sobre as possibilidades de estudo e trabalho para quem termina o ensino médio?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____ 6 _____ 7 _____
nenhum estresse muito estresse

60. a busca de informações sobre cursos universitários e/ou profissionalizantes?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____ 6 _____ 7 _____
nenhum estresse muito estresse

61. a busca de informações sobre as profissões que mais lhe interessam?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____ 6 _____ 7 _____
nenhum estresse muito estresse

62. a reflexão sobre as relações existentes entre suas características pessoais e as profissões que mais lhe interessam?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____ 6 _____ 7 _____
nenhum estresse muito estresse

63. a reflexão sobre como as profissões que mais lhe interessam poderiam influenciar o tipo de pessoa que você é ou gostaria de ser?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____ 6 _____ 7 _____
nenhum estresse muito estresse

64. a decisão sobre o que você quer fazer em termos profissionais depois que terminar o ensino médio?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____ 6 _____ 7 _____
nenhum estresse muito estresse

65. a escolha de uma profissão específica?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____ 6 _____ 7 _____
nenhum estresse muito estresse

ANEXO C

Escala de Indecisão Vocacional

Abaixo há uma série de frases relacionadas à escolha profissional. Para cada uma delas, marque, à direita, a resposta que melhor se adaptar à sua opinião de acordo com a chave de respostas abaixo. Você pode usar os números 1, 2, 3, 4 e 5, dependendo do quanto você achar que a frase se aplica a você (quanto maior o número, mais você concorda com a ela). Não esqueça que você pode usar os números intermediários (2, 3 e 4), para expressar níveis intermediários de concordância com as frases, e não apenas as opções extremas representadas pelos números 1 e 5. Assinale apenas uma resposta por frase e não deixe nenhum item sem resposta.

Chave de respostas:

1	2	3	4	5
↓				↓
A frase é totalmente falsa a seu respeito (não corresponde de maneira alguma ao modo como você se sente, pensa ou age)				A frase é totalmente verdadeira a seu respeito (corresponde totalmente ao modo como você se sente, pensa ou age)

1. Eu me decidi por uma profissão e me sinto confortável com esta escolha.	1 2 3 4 5
2. Eu preciso de mais informações sobre como são as diferentes profissões antes de tomar uma decisão.	1 2 3 4 5
3. Eu não sei como obter informações suficientes para tomar uma decisão profissional.	1 2 3 4 5
4. Eu percebo que eu levo mais jeito para certos tipos de profissões do que para outros.	1 2 3 4 5
5. Eu preferiria não ter que escolher uma profissão para mim agora, eu gostaria de adiar esta decisão por enquanto.	1 2 3 4 5
6. Quando eu me decido por uma profissão eu logo depois fico pensando se outras opções não me fariam mais feliz.	1 2 3 4 5
7. Eu sei quais são as minhas preferências profissionais, mas elas não seriam aprovadas por meus amigos, e isso me deixa inseguro.	1 2 3 4 5
8. Eu acho difícil escolher uma profissão porque várias profissões me parecem semelhantes.	1 2 3 4 5
9. Eu não consigo identificar os meus interesses profissionais. Algumas coisas me chamam a atenção, mas eu não estou certo se estão relacionadas de alguma forma com determinadas profissões.	1 2 3 4 5
10. Eu sinto que preciso de alguma espécie de ajuda para confirmar minha escolha profissional.	1 2 3 4 5
11. Eu queria encontrar a profissão “certa” para mim, mas nenhuma delas me parece ideal.	1 2 3 4 5
12. Eu facilmente me deixo levar pela opinião dos outros quando o assunto é minha escolha profissional.	1 2 3 4 5
13. Eu me sinto inseguro(a) para decidir sobre minha carreira profissional.	1 2 3 4 5
14. Eu acho que me conheço o suficiente para poder escolher uma profissão com segurança.	1 2 3 4 5
15. Eu consigo me imaginar no futuro, trabalhando na profissão de minha preferência.	1 2 3 4 5

16. Sinto dificuldade em escolher pois existem profissões que eu gostaria de seguir que são inacessíveis para mim.	1	2	3	4	5
17. Eu tenho uma preferência definida, mas estaria indo contra os desejos de pessoas importantes para mim. Eu espero encontrar um caminho para agradá-los e também a mim, por isso é difícil escolher.	1	2	3	4	5
18. Eu tenho medo de escolher uma profissão e depois não gostar dela.	1	2	3	4	5
19. Eu me sinto atraído(a) por várias profissões e por isso tenho dificuldade em me decidir entre elas.	1	2	3	4	5
20. Eu tenho dúvidas se sou capaz de fazer uma boa escolha profissional para mim.	1	2	3	4	5
21. Eu me sinto perdido(a) quando penso na minha escolha profissional.	1	2	3	4	5
22. Eu tenho muito claro para mim as coisas que considero importantes em uma profissão.	1	2	3	4	5
23. Eu não me sinto entusiasmado por nenhuma das profissões que conheço.	1	2	3	4	5
24. Eu não importo muito com o tipo de trabalho que eu vou ter no futuro.	1	2	3	4	5
25. Eu fico angustiado(a) quando paro para pensar sobre minha escolha profissional.	1	2	3	4	5
26. Uma hora eu penso em ter uma profissão e logo depois imagino outra bem diferente.	1	2	3	4	5
27. Eu não conheço o suficiente as várias profissões existentes para fazer uma escolha profissional com tranquilidade.	1	2	3	4	5
28. Para mim é difícil escolher uma profissão porque eu não tenho uma imagem muito clara de quem eu sou.	1	2	3	4	5
29. Tudo o que se refere a escolher uma profissão me parece confuso e incerto, acabo ficando desanimado.	1	2	3	4	5
30. Eu conheço bem como é o cotidiano das profissões que me interessam.	1	2	3	4	5

ANEXO D

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

Consentimento Informado

Senhores pais,

_____, na qual seu filho esta cursando a terceira série do ensino médio, estará colaborando, nos próximos dias, com uma pesquisa sobre escolha profissional que vem sendo realizada pela psicóloga Mônica Sparta (CRP07/10584) como parte de sua formação de mestrado no Instituto de Psicologia da UFRGS. Tal pesquisa pretende investigar aspectos relacionados à escolha profissional de adolescentes brasileiros, mais especificamente, a relação entre a indecisão frente à escolha de uma profissão e os comportamentos de busca de autoconhecimento e de informação sobre o mundo do trabalho. Para tanto, serão aplicados 3 (três) questionários.

A participação dos alunos da escola nesta pesquisa não acarretará prejuízos em suas atividades escolares. Os mesmos responderão aos questionários na escola, em horário previamente cedido pela direção, que esta ciente dos objetivos e procedimentos do estudo. A identidade de todos os participantes será mantida em sigilo e os dados obtidos na pesquisa serão de conhecimento apenas dos pesquisadores envolvidos e utilizados única e exclusivamente para fins científicos, conforme sugerem recomendações éticas. Por fim, a escola receberá os resultados da pesquisa logo que o trabalho de mestrado ao qual esta se destina esteja concluído.

Desta forma, solicitamos sua autorização para a participação do(a) seu(sua) filho(a) como voluntário da pesquisa acima descrita. Os pesquisadores responsáveis pelo estudo são a mestranda Mônica Sparta e o Professor Doutor William Gomes. Esclarecimentos ou informações adicionais poderão ser obtidos pelo telefone 3316.5115.

Agradecemos sua colaboração.

Autorizo o(a) aluno(a) _____ a participar da pesquisa acima descrita.

Data: ____/____/____

Assinatura do(a) responsável: _____

6. A ocupação *específica* na qual está interessado?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada satisfeito muito satisfeito

7. Os empregos que são congruentes com seus interesses e habilidades?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada satisfeito muito satisfeito

8. As ocupações que são relacionadas aos seus interesses e habilidades?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada satisfeito muito satisfeito

Em que medida você tem certeza...

9. De que você sabe qual o tipo de emprego para você?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 não muita certeza muito certo

10. De que você sabe qual o tipo de empresa para a qual você quer trabalhar?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 não muita certeza muito certo

11. De que você sabe exatamente a ocupação que quer iniciar?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 não muita certeza muito certo

12. De que você sabe sua preferência por uma empresa específica?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 não muita certeza muito certo

13. De que você sabe sua preferência por uma função específica?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 não muita certeza muito certo

Em que medida você realizou as seguintes atividades nos últimos três meses?

14. Experimentou diferentes atividades profissionais.

(1) pouca (2) alguma (3) uma quantidade moderada (4) bastante (5) muita

15. Buscou oportunidades para demonstrar suas habilidades.

(1) pouca (2) alguma (3) uma quantidade moderada (4) bastante (5) muita

16. Obteve informações sobre empregos ou empresas específicos.

(1) pouca (2) alguma (3) uma quantidade moderada (4) bastante (5) muita

17. Iniciou conversas com indivíduos com conhecimento sobre minha área profissional preferidas.

(1) pouca (2) alguma (3) uma quantidade moderada (4) bastante (5) muita

18. Obteve informações sobre o mercado de trabalho e oportunidades de emprego em geral na área profissional preferida.

(1) pouca (2) alguma (3) uma quantidade moderada (4) bastante (5) muita

19. Procurou informações sobre áreas específicas de seu interesse profissional.

(1) pouca (2) alguma (3) uma quantidade moderada (4) bastante (5) muita

Em que medida você pensou o seguinte nos últimos três meses?

20. Refleti na forma como meu passado se relaciona com minha futura profissão.

(1) pouca (2) alguma (3) uma quantidade moderada (4) bastante (5) muita

21. Investiguei meu passado ao pensar sobre minha profissão.
 (1) pouca (2) alguma (3) uma quantidade moderada (4) bastante (5) muita

22. Atribuí um novo significado ao meu comportamento passado em relação à minha futura profissão.
 (1) pouca (2) alguma (3) uma quantidade moderada (4) bastante (5) muita

23. Em quantas áreas profissionais você está interessado?
 (1) 5 ou menos (2) de 6 a 10 (3) de 11 a 15 (4) de 16 a 20 (5) 21 ou mais

Em que medida as possibilidades de emprego se parecem com...

24. O(s) trabalhos(s) que você prefere?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 não muito muito

25. A(s) empresa(s) que você prefere?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 não muito muito

26. A(s) ocupação(ões) que você prefere?
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 não muito muito

27. Em média, quantas vezes por semana você buscou especificamente, informações sobre profissões nos últimos meses?
 (1) 5 ou menos (2) de 6 a 10 (3) de 11 a 15 (4) de 16 a 20 (5) 21 ou mais

Se você tivesse que começar a trabalhar agora, qual a probabilidade, que você acha, que cada uma das seguintes atividades podem lhe proporcionar no sentido de você alcançar seus objetivos profissionais?

28. Planejar minha procura de emprego detalhadamente.
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 muito pouca pouca moderada alta muito alta

29. Desenvolver um processo específico para investigar as empresas.
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 muito pouca pouca moderada alta muito alta

30. Desenvolver questões para perguntar em entrevistas com profissionais.
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 muito pouca pouca moderada alta muito alta

31. Investigar sistematicamente as empresas-chave na minha área profissional.
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 muito pouca pouca moderada alta muito alta

32. Fazer uma auto-avaliação com o propósito de encontrar um trabalho que vá ao encontro às minhas necessidades.
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 muito pouca pouca moderada alta muito alta

33. Aprender mais sobre mim mesmo.
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 muito pouca pouca moderada alta muito alta

34. Atribuir um novo significado ao meu comportamento passado em relação à minha futura profissão.
 1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
 muito pouca pouca moderada alta muito alta

35. Centrar meus pensamentos em mim mesmo.

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 muito pouca pouca moderada alta muito alta

36. Obter informações sobre o mercado de trabalho e oportunidades gerais de emprego na minha área profissional.

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 muito pouca pouca moderada alta muito alta

37. Iniciar conversas com amigos e parentes sobre profissões.

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 muito pouca pouca moderada alta muito alta

38. Iniciar conversas com diversos outros estudantes sobre as informações profissionais que eles possuem.

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 muito pouca pouca moderada alta muito alta

O quanto é importante para você neste momento...

39. Trabalhar no emprego que você prefere?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada importante muito importante

40. Estabelecer-se em uma empresa específica?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada importante muito importante

41. Trabalhar na ocupação que prefere?

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
 nada importante muito importante